# FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS  UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.885 | SEGUNDA-FEIRA, 10 DE JANEIRO DE 2022 | R$ 5,00


## Bolsonaro quer blindar pastas no alvo do centrão

O presidente Jair Bolsonaro (PL) quer blindar Saúde, Infraestrutura e Desenvolvimento do avanço de políticos do centrão na reforma ministerial. Os titulares dessas pastas serão candidatos em outubro. A lei determina que autoridades devem deixar cargos público em abril para disputar as eleições. **Poder A4**

## Pacheco aposta em pautas polêmicas por candidatura

Apontado como pré-candidato à Presidência, o comandante do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), vai apostar em pauta legislativa ambiciosa para atrair protagonismo e alavancar seu nome. **Poder A5**

Eduardo Anizelli/Folhapress

## BOMBEIROS CONFIRMAM DEZ MORTES APÓS DESMORONAMENTO EM CAPITÓLIO

Familiares aguardam, neste domingo (9), na cidade mineira de Passos, a liberação dos corpos das vítimas da queda de parte de um cânion no lago de Furnas, em Capitólio, no sábado; o Corpo de Bombeiros do estado informou que as dez pessoas que morreram no acidente foram identificadas **Cotidiano B2**

## Sem merenda, férias reacendem medo da fome

**Cotidano B3**

## Saúde quer usar Coronavac para vacinar crianças

O Ministério da Saúde quer utilizar a Coronavac, vacina contra Covid feita no Butantan e que tem milhões de doses ociosas, para imunizar crianças de 5 a 11 anos. Ainda falta autorização da Anvisa para o uso do fármaco, visto como adequado, nessa faixa etária. **Saúde B5**

## Depois da Azul, Latam cancela voos devido a doenças

**Mercado A14**

**Esporte B5**

### Gaules e suas lives

Após exibir NBA e F1, maior streamer do país — que acumula mais de 166 milhões de horas assistidas na plataforma Twitch — mira novas transmissões, como jogos de futebol.

**Ilustrada C1**

Streaming e Ancine parada impulsionam adaptação de livros nacionais para telas

**Folhainvest A10**

Bitcoin e outros criptoativos devem ter ano desafiador; saiba o que esperar

### A pandemia em 9.jan

Dados das 20h

**POPULAÇÃO VACINADA**

**No Brasil**

| | |
|---|---|
| Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose) | 77,9 % |
| 1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose) | 67,7 % |
| Dose de reforço | 13,8 % |

**Nos estados**

| | Ao menos uma dose | 1º ciclo completo | Dose de reforço |
|---|---|---|---|
| SP | 84,8% | 78,9% | 24,2% |
| PI | 84,8% | 74,9% | 11,3% |
| MG | 80,0% | 72,5% | 15,2% |

**ESTÁGIO DA DOENÇA**

**Óbitos**

**Média móvel**: 123 ↑ 33,1 %*

**Em 24 h**: 50

**Total**: 620.031

**Casos nos estados**

| | Média móvel (variação*) |
|---|---|
| MG | 5.756 (+2.122,1%) |
| RJ | 4.716 (+2.568,6%) |
| PR | 4.192 (+1.197,8%) |

*Variação em relação a 14 dias

# Maioria dos cursos tem apenas 30% de aprovados na OAB

Levantamento da Folha lista desempenho das faculdades na prova obrigatória para o exercício da advocacia no país

Nove em cada dez instituições que oferecem o curso de direito no Brasil aprovam menos de 30% dos seus alunos no concorrido Exame da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil).

Um desempenho mínimo nesta avaliação é obrigatório para o exercício da advocacia no país. Três exames são realizados por ano.

Dados tabulados pela **Folha** consideraram a porcentagem de aprovados em relação aos presentes nas provas em três anos, de 2017 a 2019. Foram avaliadas 790 instituições de ensino superior que oferecem curso de direito. Isso representa todas as escolas ativas do Brasil com pelo menos 50 presentes ao ano na prova.

Dessas, 679 tiveram aprovação inferior a 30% dos candidatos, levando a uma discussão acerca da qualidade e do formato do curso, visto como muito conservador.

Essa é a segunda vez que a **Folha** avalia a porcentagem de aprovação. A primeira análise foi publicada no RUF - Ranking Universitário Folha de 2019. **Cotidiano B1**

***Ana Cristina Rosa***

### *Carnaval trará resposta ao ódio*

O Carnaval de 2022 trará uma bela resposta pública às agressões em tempos de manifestações de ódio racial. Muitos sambas de escolas dos grupos especiais do RJ e de SP falam sobre a importância do negro na sociedade. **Opinião A2**

## São Paulo começa a cobrar IPVA com desconto nesta 2ª

**Mercado A12**

**EDITORIAIS A2**

*Euro, 20*

Sobre as duas décadas da moeda comum europeia

*A jogada de Putin*

Acerca da influência da Rússia no Cazaquistão


ISSN 1414-5723

Rafael Martins/Folhapress

## IMIGRANTE DESCOBRIU RACISMO NO BRASIL

Luís Fernandes Júnior, 28, da Guiné-Bissau, foi acusado por segurança de roubar mochila que havia comprado numa loja Zara em Salvador; ele relata sua história, motivos que o levaram à Bahia e o que sentiu diante de preconceito **Mundo A7**

**ENTREVISTA DA 2ª**

**Raphael Mechoulam**

### É preciso caminhar para uma regulação razoável da cânabis

Avô da maconha medicinal, químico búlgaro-israelense isolou nos anos 1960 componentes usados na saúde e que movem hoje mercado bilionário, apesar de restrições pelo mundo. "Temos que ter um jeito mais racional de lidar com essa questão." **A9**

## Cazaquistão diz que 164 morreram durante protestos

**Mundo A8**

**ATMOSFERA**

São Paulo hoje: 24° / 16°

| | Hoje | Amanhã |
|---|---|---|
| Rio | 20 26 | 21 29 |
| Brasília | 18 23 | 18 24 |
| Ribeirão | 19 27 | 19 26 |

Fonte: www.climatempo.com.br

opinião



FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Antonio Manuel Teixeira Mendes e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*) e Marcelo Benez (*comercial*)

João Montanaro

# EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

## *Euro, 20*

**Criação da moeda única trouxe prosperidade para a Europa, mas necessita ajustes ainda incompletos**

A criação da moeda única europeia completou duas décadas no início deste ano. Embora o euro já fosse usado como referência contábil em transações bancárias desde 1999, a troca do meio circulante ocorreu três anos depois num contexto de forte otimismo com o projeto europeu, apoiado maciçamente pela população.

O contexto político da época era propício. O passo final foi dado a partir da queda da cortina de ferro, que trouxe certa ansiedade.

O então presidente francês, François Mitterrand, considerava que a moeda comum seria um mecanismo para ancorar definitivamente a Alemanha —cuja dimensão econômica seria ainda mais dominante depois da unificação— na Europa Ocidental, e assim garantir a perenidade da paz no continente.

Na virada de 2002, 11 países substituíram suas moedas nacionais pelo euro (universo depois ampliado para 19), mas os impactos positivos foram sentidos muito antes.

A expectativa de sua criação propiciou um boom econômico ao longo da década de 1990, quando as taxas de juros dos esperados membros convergiram para a referência livre de risco de crédito, os títulos públicos emitidos pela Alemanha.

Com juros menores na periferia e transferências fiscais do bloco, houve forte crescimento e investimentos em infraestrutura em países como Espanha, Portugal e Itália, processo que se estendeu na década seguinte e foi interrompido apenas com a crise financeira de 2008, que confirmou as temidas fragilidades do projeto.

Nos anos que antecederam a crise, a percepção popular era de que as expectativas mais positivas estavam sendo cumpridas, com bom desempenho econômico geral e o crescimento do uso do euro internacionalmente e como moeda reserva, rivalizando com o dólar.

Os problemas legados pela crise, contudo, expuseram os excessos financeiros em países como Espanha, Grécia e Portugal, e trouxeram desconfiança quanto à solvência desses governos.

A falta de uma união bancária e a permanência de instituições fiscais separadas em nível nacional se mostraram críticas. A resistência dos países superavitários em aceitar transferências quase pôs o projeto a perder entre 2010 e 2014.

Tardiamente, mas de forma decisiva, o bloco conseguiu realizar melhorias institucionais e o pior da crise ficou para trás.

Mas o ajuste permanece incompleto, pois alguns países continuam a ter superávits nas contas externas frente a outros, com níveis muito distintos de prosperidade. Não por acaso, o apoio popular hoje é menor, mas os avanços dos últimos anos dão margem a otimismo quanto à perenidade do ambicioso projeto político e econômico.

## *A jogada de Putin*

**Convulsão no Cazaquistão traz riscos, mas pode fortalecer russo na disputa que trava na Ucrânia**

Durante os 30 anos que se seguiram ao fim da União Soviética, o Cazaquistão só fez manchetes no Ocidente quando seu ditador passou o bastão para um autocrata em 2019, um processo algo turbulento.

No mais, era conhecido como o país que sedia a base espacial russa de Baikonur, polo de mineração de bitcoins, grande exportador de hidrocarbonetos e urânio e pátria do personagem satírico Borat.

Foi assim até quarta passada (5), quando houve uma erupção social na maior nação da Ásia Central. Naquele dia, prédios públicos foram incendiados, dezenas morreram. Um choque para quem mirava lá uma ilha de estabilidade.

Como ocorreu no Brasil de 2013, tudo começou com um protesto econômico, no caso o aumento do gás liquefeito de petróleo, que é muito usado em veículos.

Mas a situação escalou para um confronto armado, apesar da escassez de relatos, até porque o governo tirou da tomada tanto a internet quanto a telefonia móvel.

Ato contínuo, a administração de Kassim-Jomart Tokaiev tomou medidas além da repressão. Após o presidente retirar algumas funções do antecessor, que ainda flutuava sobre o establishment, ele apelou a Vladimir Putin no Kremlin.

O Cazaquistão é parte da chamada periferia ex-soviética, que o líder russo quer restaurar como área de influência para garantir espaço estratégico contra inimigos.

Sua presença convocada por Tokaiev, na forma dissimulada de tropas de uma aliança militar de antigos membros da União Soviética sob comando de Moscou, seria esperada num caso desses.

Mas o momento para tudo isso traz elementos que desafiam a casualidade. Nesta segunda (10), russos e americanos começam a debater o impasse em torno da pressão militar que o Kremlin impõe à Ucrânia, com mais de 100 mil soldados em posição que o Ocidente lê como a de uma invasão para garantir seus interesses e a autonomia de separatistas pró-Rússia.

Assim, ou bem a crise cazaque atrapalhará Putin como diversionismo, ou o ajudará, pois uma solução que parece se encaminhar o pinta como alguém que garante a paz com o uso da força. Ele sentará à mesa com mais musculatura.

Ambas as alternativas apontam para teorias conspiratórias sobre quem sequestrou os atos e os manipulou. Na prática, tanto faz para o longevo presidente russo: até aqui, tudo sugere que ele sairá beneficiado deste momento agudo.

## *Os esbirros de Lula*

**Catarina Rochamonte**

Em sua coluna da **Folha**, no recente artigo intitulado "Os esbirros de Bolsonaro", Ruy Castro elencou nomes que, segundo seu critério, seriam espécie de capangas, jagunços ou quadrilheiros do presidente Bolsonaro. Entre esses nomes, ele inclui Sergio Moro, o que não se sustenta, visto que Moro rompeu e saiu do governo justamente por não aceitar ser esbirro. E não foi o único; outros exemplos do primeiro escalão podem ser citados, como general Santos Cruz, Mandetta e Nelson Teich.

No seu julgamento, Ruy Castro usa régua de cálculo eleitoral para prejudicar a pré-candidatura a presidente do ex-juiz da Lava Jato e, ipso facto, favorecer as pretensões do lulismo, que trabalha para ter como adversário no segundo turno o desastroso e inviável presidente Bolsonaro. Sendo assim, consideremos outro governante e seus esbirros.

Lula, já no primeiro mandato, usou esbirros para corromper o Congresso. O exemplo maior foi José Dirceu, que chegou a declarar com acendrado orgulho: "Tenho lealdade canina ao presidente Lula e todo mundo sabe disso". Lula usou a lealdade canina do amigo para fazê-lo de bode expiatório: denunciado pelo MP como chefe do mensalão, Dirceu foi condenado pelo STF na ação penal 470, quando todos sabem que ele nunca foi o chefe, sempre foi subchefe.

Hoje, Lula não está no governo, mas tem perspectiva de retorno. Não lhe faltam esbirros; que até mesmo se organizam em grupos, como é o caso do Grupo Prerrogativas.

Lula tem esbirros dentro e fora da mídia. E não me refiro a lulocolunistas moderados, como aquele que passou de crítico contumaz dos que tornaram o Brasil "o país dos petralhas" a jornalista preferido dos petistas. O leque é mais amplo e especializado. Vai de Franklin Martins, encarregado de alimentar blogs sujos, a Zé de Abreu, cujo ofício é cuspir e caluniar.

Refiro-me a essa turma mais barra pesada, disposta a massacrar qualquer um que contrarie o projeto de hegemonia petista e que já está salivando pelo poder.

## *'Hoje cativeiro é favela'*

**Ana Cristina Rosa**

Para quem ainda não entendeu que o Carnaval é muito mais que um simples festejo ou um feriado prolongado, segue um alerta de spoiler. Em 2022, muitos sambas das escolas do grupo especial do RJ e de SP contêm temas sobre a importância do negro na construção da sociedade brasileira.

São enredos que exaltam a religiosidade, a resiliência, a capacidade, a consciência e o orgulho negro. Em tempos de manifestações cada vez mais bizarras e frequentes de ódio racial, discriminação e preconceito, é uma bela resposta pública às agressões.

O samba da Beija-Flor levanta questões como a subalternidade, o extermínio e a constante suspeição a que pessoas negras estão sujeitas. É um show de realidade em forma de poesia, que, entre outras coisas, diz:

"A nobreza da corte é de ébano/Tem o mesmo sangue que o seu/Ergue o punho, exige igualdade/Traz de volta o que a história escondeu/(...)/Mas você não reconhece o que o negro construiu/(...)/E o meu povo ainda chora pelas balas de fuzil/Quem é sempre revistado é refém da acusação/(...)Por um novo nascimento, um levante, um compromisso/Retirando o pensamento da entrada de serviço".

Paraíso do Tuiuti, Salgueiro, Mocidade, Grande Rio, Tijuca e Vila Isabel saúdam o conhecimento e a resistência negra. "Um dia meu irmão de cor/Chorou por uma falsa liberdade/(....)/Hoje cativeiro é favela/De herdeiros sentinelas/Da bala que marca, feito chibata", diz o Salgueiro.

Gaviões da Fiel canta que "Esta terra é de quem tem mais/Conquistada através da dor". Colorado do Brás traz a história da escritora Carolina Maria de Jesus, e Mocidade Alegre a da sambista Clementina de Jesus. E tem ainda os sambas da Vai-Vai, Águia de Ouro e Barroca Zona Sul.

O Carnaval, além de rica manifestação cultural, movimenta a economia e serve como período de reflexão sobre as mazelas do Brasil. Como diz o jornalista Rafael Moraes Moura, é uma forma de pôr o país no divã.

## *Cercado pela monofonia*

**Ruy Castro**

Alguém disse a Tom Jobim que ele não podia deixar de assistir ao show de um compositor e cantor recém-surgido. Tom espiou em volta para se certificar de que não havia testemunhas e sussurrou: "Olha, estou cobrando 100 mil para fazer um show. E 200 mil para assistir". Tinha razão em não querer que o escutassem. Temia parecer soberbo ou indiferente aos jovens talentos —o que ele não era. Mas a maioria das pessoas não imagina o que se passa dentro do ouvido de músicos do seu nível.

Eles não são como nós, os leigos. São capazes de ouvir estrelas. Distinguem timbres e tons com que nunca sonhamos e apontam o erro de um violino entre 50 outros. Por sua vez, ruídos que nem percebemos, como um ronco de motor ou uma serra elétrica, devem despedaçar-lhes os tímpanos. Tom raramente falava de música com os amigos e, em casa, tinha sobre o piano mais dicionários e livros de poesia do que partituras. Era como se lhe bastasse a música que trazia dentro de si.

Estive em Búzios no ano passado. Amo Búzios, principalmente sua calma fora da temporada. Mas, desta vez, nunca vi tanto alvoroço, inclusive sonoro. Dia e noite, ao vivo ou gravada, a música parecia brotar de toda parte —bares, boates, biroscas, restaurantes, lojas, quiosques, praias, piscinas, até dos ambulantes. Um som diferente saía de cada cubículo e, paradoxalmente, sempre o mesmo: um cantor com violão ou guitarra, cantando algo invertebrado difícil de identificar, talvez sertanejo, em português ou inglês. Às vezes, um deles trazia uma perigosa gaita acoplada.

Durante cinco dias não escutei o som de um piano, um saxofone, um trompete. Significa que, em Búzios, nenhum DJ ou cantor com violão ficará sem trabalho, e isso é bom. Só que à custa da extinção de todos os demais instrumentos, e isso não é.

Tentei imaginar Tom exposto a essa monofonia. Impossível. Não teria como pagar a ele nem em pensamento.

## *A maldição dos incumbentes*

**Marcus André Melo**

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

O que Bibi Netanyahu, Sebastián Piñera e Boris Johnson têm em comum? A resposta comporta qualificações, mas três aspectos são relevantes.

O primeiro é que essas lideranças, em sistemas de governo distintos, estão entre as mais bem-sucedidas no combate à pandemia da Covid. O Reino Unido foi o primeiro país a vacinar a população e as iniciativas no país tornaram-se referência; o Chile foi por larga margem o campeão da vacinação na América Latina e adotou medidas emuladas em outros países; Israel foi o primeiro país a vacinar a quase a totalidade da população adulta.

O segundo aspecto é que, paradoxalmente, esses líderes se tornaram politicamente tóxicos e naufragaram nas eleições. No caso de Johnson, uma ressalva: trata-se apenas de uma eleição regional, embora crucial, mas as pesquisas recentes apontam para uma derrota dos Tories nas eleições gerais. Ele tornou-se muito impopular e recentemente seu mais importante assessor —o negociador chefe do Brexit— se demitiu.

O terceiro é que há mais incumbentes à direita do que à esquerda, o que gera a falsa conclusão de que os resultados eleitorais refletem ondas ideológicas.

Sim, a pandemia afeta negativamente o desempenho político dos incumbentes e impacta sua sobrevivência. É certo que o efeito conhecido na literatura como "rally round the flag" (união coletiva contra uma ameaça) turbinou no curto prazo a popularidade desses governantes. Mas logo se instala uma espécie de fadiga institucional.

A razão foi apontada por Scott Ashworth e coautores: calamidades e emergências levam eleitores, tipicamente desatentos e indiferentes à política, a focar nos governantes. E cidadãos hiperatentos são mais sensíveis aos custos concentrados gerados pela pandemia e punem incumbentes.

Assim, eventos negativos afetam a popularidade dos incumbentes independentemente do seu desempenho. Quando este é desastroso, há um efeito multiplicador —como é o caso de Bolsonaro, o que explica o espetacular aumento de sua rejeição.

A primeira qualificação a ser feita é que a sobrevivência política de incumbentes não é determinada por um único fator: ela depende de múltiplos fatores e o contexto importa. O desempenho da economia (recentemente sobretudo via inflação) e escândalos afetam a sobrevivência política: os três citados estiveram envolvidos em escândalos de corrupção (no Reino Unido envolvendo parlamentares conservadores).

Na América Latina, os incumbentes foram afetados pela pandemia independente do desempenho ou de orientação ideológica. Argentina e Peru são exemplos. O argumento de que se trata da derrocada do neoliberalismo na região não se sustenta.

# TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## *Inovação no mercado de capitais poderia vir do Brasil*

É possível criar sistemas de financiamentos com pagamento vinculado à renda

Alex e Tina são sócios em um pequeno negócio de sucesso e pretendem abrir filiais. Para isso, recorreram a uma linha de crédito diferente: as prestações equivalem a 3% do faturamento mensal que conseguirem após a expansão e pelo tempo necessário à quitação da dívida.

Lídia faz um curso de programação. Não paga mensalidades, mas firmou com a instituição de ensino uma espécie de "sociedade". Durante os cinco anos subsequentes à conclusão do curso, ela compromete-se a, sempre que estiver empregada, pagar o equivalente a 15% do que receber. Quando desempregada, nada paga.

A primeira história ilustra a forma com a qual os governos da Austrália e Inglaterra financiam estudos superiores. São os empréstimos com amortizações condicionadas à renda (ECRs). A segunda existe no Brasil: ao menos 3 startups já oferecem contratos desse tipo. Importaram um "primo" dos ECRs, os "income share agreements" (ISAs), novidade que tem crescido pelo mundo como alternativa ao crédito educativo.

Em 1955, Milton Friedman sugeriu que incertezas que afastam a iniciativa privada do financiamento a cursos técnicos e superiores seriam contornadas se a expectativa de renda futura passasse a ser aceita como colateral em financiamentos estudantis. O bem financiado (educação) não pode ser "tomado de volta", mas seus altos retornos médios viabilizariam o negócio, desde que garantida a efetivação de uma "sociedade temporária" entre financiador e financiado.

O problema estava justamente na "garantia de efetivação" da "sociedade temporária". Quando James Tobin, nos idos de 1970, desenhou para estudantes da Universidade de Yale um programa de empréstimo reembolsável conforme a renda futura, a ideia de Friedman parecia sair do papel. O que poderia dar errado? Yale sempre foi uma boa universidade, mas seu forte nunca foi aferir a renda das pessoas ou coletar pagamentos vinculados a esta. Assim, o programa acabou rapidamente descontinuado.

A expansão recente dos ISAs seria uma repetição dessa história? As informações disponíveis apontam estratégias que, além de processos seletivos, incluem parcerias com empregadores e uso de big data para checar informações sobre rendas e paradeiros. Ainda que isso baste, é provável que tais iniciativas se restrinjam a nichos específicos de cursos, instituições e estudantes.

Já os sucessos australiano e inglês nesse modelo se devem à disponibilidade de informações acuradas e atualizadas sobre renda e à automatização de pagamentos. Como? Com o envolvimento do sistema tributário. Os pagamentos são recolhidos na fonte pela administração tributária, como se tributos fossem —ainda que para o cidadão opere como um sistema de empréstimos estudantis. A engrenagem funciona tão bem que Joseph Stiglitz vê no arranjo uma inovação capaz de revolucionar a forma como governos financiam diversas necessidades humanas, não só a educação.

> [...]
> [Trata-se] de uma inovação que beneficiaria sobretudo países em desenvolvimento, onde orçamentos públicos costumam ser mais constritos, e problemas de subfinanciamento, maiores. Essa revolução pode ganhar escala no Brasil, talvez mais rapidamente do que no mundo desenvolvido, a partir de ajustes no que já existe

A nosso ver, a revolução pode ser maior do que a preconizada por Stiglitz. É possível desenhar amplos sistemas público-privados de financiamentos com pagamentos vinculados à renda, desde que o sistema tributário seja o elemento garantidor da efetivação da "sociedade temporária" entre financiador e financiado.

É uma inovação nos mercados de capitais que beneficiaria sobretudo países em desenvolvimento, onde orçamentos públicos costumam ser mais constritos, e problemas de subfinanciamento, maiores. Essa revolução pode ganhar escala no Brasil, talvez mais rapidamente do que no mundo desenvolvido, a partir de ajustes no que já existe.

O desenho proposto teria um cerne comum para financiar pessoas ou empresas: instituições financeiras ofertam ISAs e/ou ECRs; a Receita Federal recolhe uma contribuição na fonte de quem acessou o crédito; entidade estatal atua como órgão gestor, fazendo meio de campo entre Receita e financiadores; e uma agência regularia o mercado. Financiadores públicos e privados coexistiriam em distintos nichos —tudo operando em torno de um tributo que não aumenta a carga tributária, mas transforma em custo variável o pagamento da dívida, em geral um custo fixo.

Esse tipo de financiamento pode ser usado em diversas áreas. Comecemos por educação e empreendedorismo.

**Paulo Meyer Nascimento**, pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e professor visitante da Escola de Políticas Públicas e Governo da FGV; **Mauro Oddo Nogueira**, pesquisador e professor do mestrado do Ipea; **Luiz Alberto Esteves**, economista-chefe do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e professor licenciado do Departamento de Economia da UFPR; **Giovanni Silva Beviláqua**, analista técnico do Sebrae Nacional; e **Fabiano Mezadre Pompermayer**, pesquisador do Ipea e subsecretário de Planejamento da Infraestrutura Nacional (Ministério da Economia)

## *Agenda para o próximo presidente*

Há quatro grandes prioridades para implementar um projeto de país

**Oded Grajew**
Idealizador do Fórum Social Mundial, é presidente emérito do Instituto Ethos e conselheiro do programa Cidades Sustentáveis, da Oxfam Brasil e da Rede Nossa São Paulo

As eleições deste ano nos dão a oportunidade de escolher nossos representantes, mas também de discutir e elaborar um projeto para o Brasil. Quais seriam nossas prioridades? Que futuro queremos para o nosso país? Quais valores devem orientar este projeto?

Qualquer bom projeto deveria ter como objetivo oferecer a todos os brasileiros e às gerações futuras uma boa qualidade de vida. Mas como chegar até lá? A boa notícia é que sabemos o que fazer pelo exemplo de países primeiros colocados no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), no índice Gini, que mede as desigualdades, nas diversas classificações por critérios sociais, econômicos e ambientais e nas orientações dadas pelos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU).

Com base nestes exemplos, este projeto deveria priorizar as seguintes ações:

1 - Aprofundar a democracia participativa: implementar uma reforma política que democratize o sistema. Abrir espaços e institucionalizar a participação da sociedade em todas as áreas, no Executivo, Legislativo e Judiciário. A representação política deveria ser um espelho da sociedade, em que os diversos grupos teriam a mesma proporção da participação na população (mulheres, negros, empresários, trabalhadores etc.). Implementar total transparência em todas as instituições, ações e políticas dos Três Poderes.

2 - Reduzir as desigualdades: para qualquer coletivo humano, ser bem-sucedido é fundamental que se estabeleçam relações harmoniosas entre as pessoas. A injustiça e a desigualdade provocam a desarmonia e o conflito, além de serem eticamente condenáveis. Brasil é um dos campeões mundiais das desigualdades: sociais, econômicas, territoriais, de gênero e de raça. E, não por acaso, dos conflitos e da violência. Além disso, não redistribuir a renda é estúpido do ponto de vista econômico. É abrir mão de um potencial enorme mercado interno.

> [...]
> Quais seriam nossas prioridades? Que futuro queremos para o nosso país? (...) Sabemos o que e como fazer. O Brasil, sendo a 13ª maior economia do mundo, tem os recursos necessários para implementar esse projeto. Só depende da vontade política de adotar e implementar as corretas prioridades

3 - Promover os direitos humanos: a Declaração Universal dos Direitos Humanos gerou tratados internacionais e estatutos e normas nacionais que procuram garantir dignidade, respeito e direitos a todos os cidadãos, independentemente de raça, idade, origem e condição social ou econômica. Estes deveriam servir de referência para decisões, políticas públicas e normas sociais.

4 - Cuidar do meio ambiente: é o que nos dá vida e que nos alimenta. Destruir o meio ambiente ameaça nossa existência e a das próximas gerações. O Brasil é o país mais rico ambientalmente do mundo. É uma fantástica oportunidade de termos um modelo de desenvolvimento que aproveita e cuida desta riqueza, tornando o Brasil uma liderança mundial do desenvolvimento sustentável.

Para implementar este projeto de país, o próximo presidente deveria ter sob seu direto comando os responsáveis —como "ministros especiais"— por cada uma destas quatro grandes prioridades. Deveriam ter o poder de agir para que cada ministério incorporasse tais diretrizes em suas ações e estabelecesse metas, tendo como referência os ODS.

Sabemos o que e como fazer. O Brasil, sendo a 13ª maior economia do mundo, tem os recursos necessários para implementar esse projeto. Só depende da vontade política de adotar e implementar as corretas prioridades.

# PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Tawy Zoé trazendo o pai, Wahu Zoé, para receber a primeira dose da vacina contra a Covid-19 @erikjenningssimoes no Instagram

**Aula de humanidade**

A foto que ilustra a tocante coluna de Cristina Serra, "Aula de humanidade com os Zoés" (Opinião, 8/1), além de tirar o fôlego nos coloca a questão: quem são os civilizados, eles ou nós?

**Jonas Nunes dos Santos**
(Juiz de Fora, MG)

**Barra Torres**

Com uma estocada direta com "pelo Deus que o senhor tanto cita" e um estapeamento com luvas de pelica, o contra-almirante Antonio Barra Torres ("Presidente da Anvisa cobra retratação de Bolsonaro sobre insinuação contra agência", Saúde, 9/1) deu um exemplo ao Brasil de como uma pessoa digna e de caráter ilibado deve enfrentar um energúmeno irresponsável. O presidente da Anvisa pede que se retrate pelas ofensas grosseiras, mas o Brasil exige que Bolsonaro seja imediatamente interditado para cessar seus incentivos à contaminações pela pandemia e por mais mortes.

**Moisés Spiguel** (Campinas, SP)

*

"Se o senhor dispõe de informações que levantem o menor indício de corrupção sobre este brasileiro, não perca tempo nem prevarique, senhor presidente. Determine imediata investigação policial sobre minha pessoa. Aliás, sobre qualquer um que trabalhe hoje na Anvisa, que com orgulho eu tenho orgulho de integrar!" Com essa fala, o sr. Antonio Barra Torres, demonstrou que ainda existe brasileiro de fibra preocupado na moralidade e ética nos assuntos públicos, comportamento muito diferente do atual mandatário!

**Tsuneto Sassaki** (São Paulo, SP)

*

Congratulo o almirante Barra Torres que com palavras duras demonstra ser, além de honrado, capacitado para ocupar o cargo com dignidade, predicados aguardados de homens com verdadeira formação militar. Aliada à posição do Comando do Exército sobre vacinação temos um quadro claro do galopante isolamento do demente presidente. Faz-me crer que existam nichos de decência neste nefasto governo.

**Humberto Freire**
(Rio de Janeiro, RJ)

**Michel Temer**

O artigo de hoje, do senhor Michel Temer ("Reforma trabalhista é injustamente atacada", Opinião, 9/1), defendendo a "reforma" trabalhista ocorrida em seu desgoverno é prova disso. Artigo, com o devido respeito, a serviço da elite atrasada no âmbito das relações de trabalho. "Reforma" que reduziu a renda dos brasileiros, não gerou empregos e precarizou ainda mais tais relações. E, só não piorou no atual desgoverno, graças ao Senado que barrou a mini "reforma" apresentada pelo executivo.

**José Cláudio Moscatelli**
(Sertãozinho, SP)

*

Zeloso da sua biografia, Michel Temer deveria assumir o retumbante fracasso da reforma trabalhista. Desde quando desemprego, precarização, injustiça nos processos trabalhistas, pejotização e informalidade se traduzem em avanços?

**Luiz de Souza Arraes**
(Osasco, SP)

O senhor Michel Temer estragou o domingo do leitorado da **Folha** graças à desfaçatez de seu artigo. Sua embromação sobre a famigerada reforma trabalhista nega a precarização do emprego no país e o resultado nulo desse ataque aos direitos dos trabalhadores. O desemprego não cedeu um milímetro desde a adoção da referida reforma.

**Eduardo Guimarães**
(São Paulo, SP)

*

Muito elucidativo o artigo de Michel Temer sobre a reforma trabalhista e útil para a escolha do próximo governante. Desapego à verdade e desonestidade intelectual não podem estar presentes no próximo presidente. Proposta em revogar a reforma trabalhista e eventual aumento do teto de gastos são medidas para recordar 2015-16, sob Dilma, quando tínhamos inflação de 11%, PIB 4% negativo, desemprego 14% e taxa Selic 14%.

**Fausto Feres**
(São Paulo, SP)

**Capitólio**

Sobre o acidente em Capitólio ("Parte de cânion se solta, atinge lanchas e deixa 8 mortos em Capitólio (MG)", Cotidiano, 9/1), as ondas provocadas pelas embarcações turísticas no local, sem nenhum controle, certamente aceleraram o processo erosivo nas paredes próximas ao nível da água, o que contribuiu para o desabamento das paredes. Ondas provocadas por embarcações e seu efeito erosivo são um aspecto importante da engenharia hidráulica quando se estuda proteção de taludes. Deveria haver uma limitação de velocidade dos barcos na região e distância de segurança até as paredes rochosas.

**Luiz José Preto Rodrigues**
(São Paulo, SP)

**Coach**

Em nenhuma das posteriores mensagens o tal coach ("Pablo Marçal, ou o elogio à irresponsabilidade", blog "É logo ali", 8/1) teve humildade em dizer que errou. A frase "eu não obriguei ninguém a subir" é o cúmulo da falta de noção. Quando se trabalha com seres humanos é mais do que necessário reconhecer sua influência e impacto no processo daqueles que estão sob seus cuidados. Mas ter alguém aos seus cuidados não é pra qualquer um, especialmente para alguém que coloca um grupo de pessoas para subir uma montanha sem nenhum guia.

**Giovane Oliveira**
(São Paulo, SP)

**Segunda instância**

Hélio Schwartsman ("Metáforas para a vida", Opinião, 9/1) quase convence defendendo analisar a questão da prisão após julgamento em segunda instância, mas há o fator político, o dos interesses, nem sempre lídimos, de grupos ou castas. Onde estavam os jornalistas que hoje defendem a revisão das possibilidades de recursos enquanto o multicondenado Maluf, que comprovadamente roubou mais do que Lula foi acusado, toureava a Justiça para não ser preso? Se amanhã o condenado em segunda instância for da "patota", vão "mudar" de posicionamento?

**Celso Balloti**
(São Paulo, SP)

# poder

## PAINEL | Guilherme Seto (interino)

painel@grupofolha.com.br

### Tic-tac

A presidente do PT, Gleisi Hoffmann, diz que quer "desatar os nós" de entraves estaduais que têm brecado a negociação para a formação de federação com outros partidos ainda em janeiro. A última conversa com o PSB, em dezembro, não acabou bem, dizem pessebistas. A legenda quer apoio dos petistas em cinco estados, mas, em dois, um acordo parece cada vez mais improvável: São Paulo e Pernambuco. "Vamos reunir o pessoal e começar com esses estados mais complicados", afirma Gleisi.

**MAPA** No último encontro entre Gleisi e Carlos Siqueira, presidente do PSB, a petista colocou o nome do senador Humberto Costa (PT-PE) como opção no estado. "Não temos a intenção de fazer cavalo de batalha em Pernambuco, mas o PT tem legitimidade de apresentar um nome porque o PSB não tem candidato lá", avalia a deputada.

**MAPA 2** Em São Paulo, segundo a dirigente, é "onde mais complica". "Lá, o Fernando Haddad (PT-SP) está na frente do Márcio França (PSB-SP) nas pesquisas, e o PT de SP está muito firme na defesa dele. Mas isso é um processo..."

**TERMOS** O PSB ainda quer que o PT não lance candidatos no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, locais onde há mais chance de haver acertos.

**TEMPO...** Dirigentes da União Brasil, que será criada com a fusão do DEM com o PSL, dizem que o partido só definirá o apoio ou não a Sérgio Moro (Podemos) na eleição presidencial deste ano após a janela partidária, em abril.

**...AO TEMPO** Além de esperar para ver a performance dos candidatos da terceira via em pesquisas, a legenda quer focar na montagem de candidaturas a governos estaduais e ao Congresso, considerados prioritários para o partido.

**PÁREO** Caso feche a aliança com Moro, a União Brasil deve pedir para indicar o vice, cargo para o qual há três cotados: Luciano Bivar (PSL-PE), Luiz Henrique Mandetta (DEM-MS), ex-ministro da Saúde, e Mendonça Filho (DEM-PE), ex-ministro da Educação.

**AFASTE DE MIM** Ao saberem da chance da deputada estadual Janaina Paschoal (PSL-SP) ser candidata ao Senado, professores de direito penal da USP se animaram. Em tom de ironia, disseram que podem até fazer campanha à professora licenciada da universidade se isso a deixar mais oito anos longe das salas de aula.

**ACATE** O governo federal deve seguir a recomendação da Anvisa e derrubar a portaria que restringe a entrada no Brasil de pessoas de seis países: África do Sul, Botsuana, Suazilândia (Essuatini), Lesoto, Namíbia e Zimbábue. A medida havia sido estabelecida por conta da ômicron, que ainda não havia chegado ao Brasil.

**PARA TODOS** No podcast bastidores da Casa Civil, Guilherme Bianco, subchefe adjunto de Articulação e Monitoramento da pasta, disse que atender a orientação da agência "é mais justo".

**PELA ORDEM** Em nota técnica elaborada neste fim de semana, a Defensoria Nacional e treze Defensorias Regionais de Direitos Humanos da Defensoria Pública da União rechaçam alegação de cinco defensores públicos federais de que a vacina contra Covid-19 em crianças foi autorizada em caráter experimental.

**VEJA BEM** O documento ainda alega serem desnecessárias advertências sobre reações adversas do imunizante que não sejam recomendadas pela agência.

**O QUE VALE** A nota foi feita em reação ao pedido de cinco defensores federais para que o Ministério da Saúde desse "ampla publicidade" de que o imunizante da Pfizer seria experimental e provocaria efeitos colaterais, que são, na verdade, considerados raríssimos

**REBOBINE** A Frente Parlamentar do Comércio e Serviço, que reúne 207 membros, começou a articular a derrubada do veto do presidente Jair Bolsonaro (PL) ao projeto que abriria uma renegociação de dívidas (Refis) com empresas do Simples Nacional e MEIs (microempreendedores individuais).

**UM OU OUTRO** "Se o governo não ceder e encontrar solução para o problema, o Legislativo deve derrubar o veto na primeira sessão do Congresso no retorno dos trabalhos", diz Efraim Filho (DEM-PB), presidente da Frente.

**TIROTEIO**

> Único caminho para reforma do Judiciário é ela partir do Judiciário. O restante é violar a separação dos Poderes

**De Renata Gil, presidente da AMB (Associação dos Magistrados Brasileiros), sobre Sérgio Moro propor mudanças na área**

com Fabio Serapião e Julia Chaib

Presidente Bolsonaro durante evento no Planalto Lucio Tavora - 16.dez.21/Xinhua

# Bolsonaro quer blindar três ministérios dos avanços do centrão

**Presidente tenta resguardar de aliados pastas que considera sensíveis, como Saúde, Infraestrutura e Desenvolvimento Regional**

**Marianna Holanda, Julia Chaib e Ricardo Della Coletta**

BRASÍLIA Com o calendário eleitoral se aproximando, a pressão de aliados pela reforma ministerial aumenta. Mas o presidente Jair Bolsonaro (PL) pretende blindar três pastas dos avanços do centrão: Saúde, Infraestrutura e Desenvolvimento Regional.

Segundo relatos de ministros e auxiliares palacianos, o mandatário considera esses ministérios sensíveis pelo volume de orçamento e pela importância em ano eleitoral.

Infraestrutura e Desenvolvimento Regional são cobiçados por congressistas por realizarem as principais obras do governo federal nos estados.

Segundo o próprio Bolsonaro, 12 dos 23 ministros devem deixar a Esplanada no final de março. A lei determina que autoridades devem deixar cargos públicos em abril para disputar as eleições.

No sábado (8), o presidente admitiu a possibilidade de parlamentares assumirem ministérios, mas disse que serão feitas "escolhas internas" e que "dificilmente vai ter um acordo por fora".

Dessas vagas, em apenas uma o sucessor é dado como certo por auxiliares de Bolsonaro: Infraestrutura. O secretário-executivo, Marcelo Sampaio, deve assumir o lugar de Tarcísio de Freitas. O titular articula candidatura ao Governo de São Paulo.

Considerado técnico, Sampaio conta com o apoio de Tarcísio e do ministro da Secretaria-Geral, Luiz Eduardo Ramos, de quem é genro.

O ministério ficou sob o comando do PL em governos passados, e havia expectativa de que, com a filiação do presidente, o partido de Valdemar Costa Neto tentasse voltar para a Infraestrutura. A pasta tem orçamento de R$ 18,2 bilhões neste ano.

Segundo relatos, Sampaio já vem tentando estabelecer boas relações com congressistas e com lideranças do PL.

Na Saúde, com orçamento de R$ 160,5 bilhões, a expectativa é que Marcelo Queiroga não concorra a nenhum cargo. Ele já foi cotado a deputado federal e senador pela Paraíba, mas interlocutores do ministro dizem que ele desistiu ao perceber que o cenário no estado não era favorável.

Para o governo, o ideal seria que ele continuasse na pasta, historicamente comandada pelo PP. Tiraria mais um ministério importante da mesa de negociações em ano eleitoral.

Se Queiroga contrariar expectativas e decidir se candidatar, auxiliares palacianos acreditam que Bolsonaro tentará escolha interna, mas admitem que a pressão dos aliados será forte. Neste cenário, o secretário-executivo, Rodrigo Cruz, seria uma opção.

Já no Ministério do Desenvolvimento Regional, com R$ 13,6 bilhões de orçamento, o futuro é incerto.

Ministros dizem que não há uma definição sobre quem assumirá no lugar de Rogério Marinho (PL), que sairá para disputar uma vaga ao Senado pelo Rio Grande do Norte.

Assim como o titular da Infraestrutura, Onyx Lorenzoni (Trabalho e Previdência) e João Roma (Cidadania) devem disputar o Governo do Rio Grande do Sul e da Bahia, respectivamente.

A pasta de Roma, na avaliação de auxiliares do presidente, deve ter sucessor indicado pelo Republicanos, mesmo partido do ministro.

Dirigentes da sigla têm protagonizado embates recentes com o governo, notadamente com a ministra da Secretaria de Governo, Flávia Arruda, mas o Republicanos faz parte da base de apoio de Bolsonaro.

A fritura, ocasionada por falta de pagamento de emendas, causou um movimento para antecipar a saída de Flávia da pasta. Como a **Folha** mostrou, o chefe de gabinete de Bolsonaro, Célio Faria Jr., se cacifou para o cargo.

Entretanto, o presidente baixou a temperatura ao sair de hospital em São Paulo, onde estava em razão de uma obstrução intestinal.

"Onde a Flávia Arruda está errando? Desconheço."

Deputada pelo PL do Distrito Federal, ela concorrerá ao Senado, assim como Tereza Cristina (Agricultura). Para este segundo ministério, o governo inicialmente quis indicar o senador Luis Carlos Heinze (PP-RS), com intuito de dissuadi-lo de disputar o governo gaúcho contra Onyx.

A articulação, até o momento, parece não ter prosperado. O secretário-executivo de Tereza, Marcos Montes, também está no páreo.

No Rio Grande do Norte, a vaga de candidato do bolsonarismo ao Senado está sendo disputada por Marinho e Fábio Faria (Comunicações).

O titular do Turismo, Gilson Machado, é citado para concorrer a uma vaga de senador ou deputado em Pernambuco. Mas a aliados o ministro tem comemorado resultados de enquetes online que mostram seu nome bem posicionado na disputa pelo governo do estado.

Anderson Torres, ministro da Justiça e da Segurança Pública, concorrerá a uma vaga na Câmara dos Deputados pelo Distrito Federal.

Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos) e Milton Ribeiro (Educação) também eram cotados para disputar cargo público, provavelmente na Câmara.

No caso de Damares, apostava-se que poderia ter um bom desempenho eleitoral, especialmente por causa do eleitorado evangélico.

Entretanto, interlocutores da ministra dizem que ela não quer disputar nenhuma vaga e já até avisou Bolsonaro.

Auxiliares palacianos também acreditam que Ribeiro, que comanda pasta com R$ 137,9 bilhões de orçamento, agora também deve acompanhar o presidente até o final do mandato.

Já o futuro político do astronauta Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia) é considerado incerto. Ele já chegou a ser cotado para concorrer a uma vaga de deputado federal.

Há ainda uma nova possibilidade de mudança no xadrez da Esplanada. Na hipótese de o ministro da Defesa, Braga Netto, integrar a chapa do presidente para a reeleição, como vice, surgiria uma nova pasta na reforma.

Neste cenário, o ministro Luiz Eduardo Ramos, que é general, poderia assumir o posto. Ele chegou a ser cotado quando, em março do ano passado, Bolsonaro demitiu o ministro Fernando Azevedo e Silva da pasta.

Segundo interlocutores, Ramos resiste à ideia por considerar um assento palaciano mais propício para o momento eleitoral, mas também não costuma negar cumprir missão a pedido do presidente.

Diante do surgimento de candidatos que nunca disputaram um cargo público e que devem contar com o apoio do presidente, líderes do centrão dizem que deve haver um remanejamento entre partidos que hoje compõem a base do governo: PP, PL e Republicanos. A dúvida, porém, é quem seguiria para este último partido.

Tereza Cristina e Faria devem ir para o PP. Marinho e Onyx já se filiaram ao PL.

Tarcísio tende a se filiar ao PL, mas diz a aliados que ainda não bateu o martelo. O presidente do Republicanos, Marcos Pereira, já convidou o titular da Infraestrutura para se filiar ao partido.

**MINISTROS QUE DEVEM DEIXAR GOVERNO**

- **Anderson Torres** (Justiça e da Segurança Pública)
- **Fábio Faria** (Comunicações)
- **Flávia Arruda** (Secretaria de Governo)
- **Gilson Machado** (Turismo)
- **João Roma** (Cidadania)
- **Onyx Lorenzoni** (Trabalho e Previdência)
- **Rogério Marinho** (Desenvolvimento Regional)
- **Tarcísio de Freitas** (Infraestrutura)
- **Tereza Cristina** (Agricultura)

**AINDA SEM DEFINIÇÃO**

- **Damares Alves** (Mulher, Família e Direitos Humanos)
- **Milton Ribeiro** (Educação)
- **Marcelo Queiroga** (Saúde)
- **Marcos Pontes** (Ciência e Tecnologia)


GRUPO FOLHA

**FOLHA DE S.PAULO** ★★★

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

**Redação São Paulo**
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
**Ombudsman** ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
**Atendimento ao assinante** (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
**Assine a Folha** assine.folha.com.br | 0800-015-8000

| EDIÇÃO DIGITAL | Digital ilimitado | Digital Premium |
|---|---|---|
| DO 1º AO 3º MÊS | R$ 1,90 | R$ 1,90 |
| DO 4º AO 12º MÊS | R$ 9,90 | R$ 9,90 |
| A PARTIR DO 13º MÊS | R$ 29,90 | R$ 39,90 |

| EDIÇÃO IMPRESSA | Venda avulsa seg. a sáb. | Venda avulsa dom. | Assinatura semestral* Todos os dias |
|---|---|---|---|
| MG, PR, RJ, SP | R$ 5 | R$ 7 | R$ 827,90 |
| DF, SC | R$ 5,50 | R$ 8 | R$ 1.044,90 |
| ES, GO, MT, MS, RS | R$ 6 | R$ 8,50 | R$ 1.318,90 |
| AL, BA, PE, SE | R$ 9,25 | R$ 11 | R$ 1.420,90 |
| Outros estados | R$ 10 | R$ 11,50 | R$ 1.764,90 |

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

**CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)**
358.659 exemplares (novembro de 2021)

# *Magnoli e a questão racial*

Distribuição de melanina em conselho de banco e na Central do Brasil é diferente

**Celso Rocha de Barros**

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

*Em entrevista publicada dia 2 de janeiro nesta **Folha**, Gina Abercrombie-Winstanley, chefe de Diversidade e Inclusão do Departamento de Estado americano, manifestou sua surpresa com a falta de negros nos espaços de poder no Brasil, apesar de a divisão étnica da população estar em torno de 50%.*

*No dia 7, também na **Folha**, Demétrio Magnoli criticou a diplomata americana, dizendo que, na verdade, 47% dos brasileiros se declaram como "pardos" no censo, e só 9% como "negros".*

*Reclamou, ainda, que no Brasil uma estratégia política espúria juntou pretos e pardos na mesma categoria para ocultar a questão social.*

*Abercrombie-Winstanley está certa, Magnoli está errado.*

*Magnoli sabe muito bem do que Abercrombie-Winstanley está falando.*

*Há alguns pardos e, eventualmente, um ou outro negro em espaços de poder brasileiros. Mas a distribuição de melanina na reunião do conselho de administração de um banco brasileiro e em um trem da Central do Brasil é muito diferente.*

*A aderência aos fatos da observação da diplomata americana é indiscutível.*

*Quanto ao argumento sobre a substituição da questão social pela questão racial, a resposta é simples: ao menos no Brasil, ao menos até agora, isso nunca aconteceu.*

*Os pobres conquistaram o Bolsa Família e os negros conquistaram as cotas pela atuação dos mesmos militantes, dos mesmos parlamentares, dos mesmos movimentos e partidos.*

*É possível que haja países em que o "identitarismo" tomou o lugar da luta contra a pobreza, mas o Brasil claramente não foi um deles.*

*Grande parte desse mérito é do Partido dos Trabalhadores, quaisquer que sejam suas culpas ou os problemas psiquiátricos de alguns de seus dirigentes atuais no Rio de Janeiro.*

*Na verdade, se Magnoli não quer que a questão social compartilhe espaço com a questão racial, tem só duas alternativas.*

*Uma delas é seguir o caminho dos livros de história que só servem para animar festa de rico, como os de Leandro Narloch, isolando a escravidão — o motivo das questões social e racial serem tão amarradas no Brasil — em um passado distante sobre o qual não cabe julgamento moral.*

*Concordo que a distância no tempo tem peso no julgamento moral, mas a questão de quanto peso, em qual julgamento, tem que ser discutida.*

*A escravidão brasileira acabou só 50 anos antes do Holocausto nazista, que até hoje nos inspira o mais absoluto horror.*

*O que aconteceu nesses 50 anos? O anãozinho mágico do perdão desenhou uma linha atrás da qual tudo é "ah, vovô não tinha jeito mesmo, curtia um genocídio"?*

*A outra opção seria propor uma reestruturação revolucionária e, o que é fundamental, imediata, da estrutura econômica brasileira.*

*Se Magnoli está defendendo uma revolução hoje que garanta que os que hoje são pobres amanhã serão o poder, então talvez não precisemos de cotas.*

*Não acredito que haja uma proposta bem elaborada e factível de transformação socialista imediata disponível; não tenho cara de pau suficiente para dizer para os descendentes dos escravizados "não me inveje, trabalhe, desta vez vai ter salário".*

*Por isso, concordo com o diagnóstico de Abercrombie-Wilkerson. Resta, portanto, tratar a questão racial e a questão social com o mesmo respeito, e tentar resolvê-las com as reformas sociais apropriadas.*

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel P. da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SAB. Demétrio Magnoli

# Pacheco aposta em temas polêmicos no Senado para alavancar candidatura

Presidente da Casa quer votar reforma tributária, regularização fundiária e casamento homossexual

**Renato Machado**

BRASÍLIA Apontado como pré-candidato à Presidência da República, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), vai apostar em uma pauta legislativa ambiciosa neste semestre para atrair protagonismo e visibilidade para a Casa que comanda e assim também alavancar o seu nome.

A principal vitrine seria a aprovação pelo Senado da reforma tributária, que mostraria a capacidade de articulação e força do senador mineiro para entregar uma proposta que há décadas tramita sem sucesso no Congresso. Mas não seria a única.

Também estão na agenda propostas polêmicas à direita e à esquerda, como o projeto de lei de regularização fundiária e uma proposta para tornar constitucional o direito à união civil entre pessoas do mesmo sexo.

Presidente do Senado, Rodrigo Pacheco Pedro Ladeira - 15.dez.21/Folhapress

O senador, assim, busca reverter a máxima de que temas complexos não avançam em ano eleitoral.

Pacheco ainda não lançou oficialmente sua pré-candidatura, mas já vem sendo apontado como o candidato do PSD para as eleições de outubro, em especial pelo presidente da legenda, Gilberto Kassab.

No entanto, sem uma candidatura oficial nas ruas e sem um cargo executivo que permita apresentar seus feitos, Pacheco vem enfrentando dificuldades para impulsionar o seu nome.

Pesquisa Datafolha divulgada em dezembro mostrou que o presidente do Senado conta com apenas 1% das intenções de voto.

Oficialmente, equipe e aliados do presidente do Senado afirmam que a proposta de uma agenda legislativa ambiciosa não tem relação com as eleições presidenciais.

No entanto, nos bastidores, comenta-se que um dos objetivos é repetir a notoriedade instantânea que Pacheco adquiriu entre fevereiro e abril do ano passado, quando surgiu como alternativa ao negacionismo de Jair Bolsonaro (PL) para liderar o enfrentamento à pandemia.

Sob seu comando, o Senado assumiu a frente de algumas ações, com a aprovação de medidas que destravaram a compra da vacina da Pfizer e possibilitaram uma nova rodada de pagamentos do auxílio emergencial.

A principal aposta agora é a aprovação da reforma no sistema de impostos. Pacheco já tem acertado com o presidente da CCJ (Comissão de Constituição e Justiça), Davi Alcolumbre (DEM-AP), que o tema vai entrar na pauta da comissão logo após o fim do recesso parlamentar, em fevereiro.

Reformas tributárias concentram um grande histórico de fracassos no Congresso.

O próprio Pacheco amargou um, considerando que, um dia após a sua posse, ele e o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), anunciaram que outra proposta de reforma tributária, analisada em comissão conjunta das duas Casas, seria votada entre agosto e outubro do ano passado.

Após o fracasso, o foco agora é a proposta que tem origem no Senado. Líderes partidários, tanto os mais ligados ao governo como os da oposição, veem chances de a matéria prosperar.

"Acho possível, sim. Não sei se passa na Câmara, mas no Senado tem chance. Estava tudo certo para colocar em votação no final do ano. Se pautar em fevereiro deve passar", afirma o líder do PSDB, Izalci Lucas (DF).

Os próprios aliados de Pacheco reconhecem, no entanto, que a medida pode morrer na Câmara dos Deputados, onde a iniciativa começa a ser vista pelos governistas como uma tentativa de criar uma vitrine para as eleições.

Eles avaliam, no entanto, que o ônus de engavetar uma proposta dessa envergadura recairia todo sobre Lira e o próprio governo.

Mesmo a oposição no Senado acredita que a reforma deve ser aprovada, caso o relator trabalhe para que a proposta não fique "unilateral", apenas atendendo às demandas empresariais e renegando aspectos de distribuição de renda.

Pacheco tem dito a interlocutores que devem ser colocadas em votação no primeiro semestre também a regularização fundiária, o novo marco legal para licenciamento ambiental, a proposta que libera jogos em resorts integrados e a união civil entre pessoas do mesmo sexo.

Parlamentares acreditam que há possibilidade de avanço nessas áreas.

"Não chega a ser uma pauta muito ambiciosa, a meu ver. Para efeito externo é ambiciosa mesmo, mas internamente eu posso dizer que ela não é tão difícil assim", afirma o líder da minoria, senador Jean Paul Prates (PT-RN), acrescentando que a pauta busca aplacar demandas tanto da direita como da esquerda.

"Com isso, ele [Pacheco] pega uma pauta nacional, geral, de grande reforma [que é a tributária]. Pega uma causa mais 'diretoide', que é a regularização fundiária, e uma mais à esquerda, que é essa do casamento", completa.

Em relação ao direito à união civil entre pessoas do mesmo sexo, essa vem sendo demanda constante do senador Fabiano Contarato (PT-ES).

O parlamentar já cobrou em reuniões de líderes e no plenário que o Congresso deve assumir a responsabilidade e tornar esse direito constitucional.

> Com isso, ele [Pacheco] pega uma pauta nacional, geral, de grande reforma [que é a tributária]. Pega uma causa mais 'diretoide', que é a regularização fundiária, e uma mais à esquerda, que é essa do casamento
>
> **Jean Paul Prates**
> senador pelo PT-RN e líder da minoria

A união atualmente já é permitida, mas em virtude de decisão do STF (Supremo Tribunal Federal), e não por meio de uma iniciativa parlamentar.

Contarato já se encontrou com o presidente do Senado algumas vezes, pedindo também uma proposta que regulamente o direito à adoção por homossexuais.

O presidente do Senado vem sinalizando positivamente a Contarato e já adiantou a interlocutores que pelo menos a questão do casamento deve se tornar prioridade e ser incluída na agenda do primeiro semestre.

Em novembro, o Senado já havia aprovado uma proposta de autoria do próprio Contarato que já estava em vigor, por uma decisão do Judiciário, mas que carecia de uma lei para reforçar a questão.

A proposta aprovada na ocasião proíbe discriminação em doações de sangue em função da orientação sexual.

As ações discriminatórias já haviam sido barradas pelo STF, mas o senador argumentou na ocasião que seria importante registrar em leis essas questões, pela questão simbólica e por evitar que alterações de composição na corte pudessem reverter o entendimento. Lógica semelhante vale para o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

"Esta Casa sistematicamente fecha as portas para a população LGBTQIA+. Vamos mudar essa história? Não estou pedindo nada de mais. Só estou pedindo que esses direitos que foram consagrados pela via do Poder Judiciário [sejam votados no Legislativo]", afirmou na ocasião.

A proposta de regularização fundiária, por sua vez, é uma demanda da bancada vinculada ao agronegócio, que já chegou a ser incluída e retirada da pauta de votações do Senado algumas vezes, por enfrentar resistência.

O próprio Pacheco apresenta reservas ao texto, mas entende que ela precisa ser discutido pelo Parlamento.

Opositores da medida reconhecem que ela vem sendo modificada e aprimorada, deixando de fora questões mais polêmicas e vagas — como a identificação dos lotes a serem regularizados. Por isso acreditam que pelo menos uma base da proposta possa ser aprovada em breve.

## Ministro participa de evento nos EUA ao lado de foragido

BRASÍLIA O ministro das Comunicações, Fábio Faria, participou na sexta-feira (7) de um evento nos Estados Unidos ao lado do blogueiro bolsonarista Allan dos Santos, considerado foragido pela polícia.

Na ocasião, ele atacou a esquerda e uma possível volta do ex-presidente Lula (PT) à Presidência em 2023.

Chamado de "Governe Conference", o evento foi organizado pela Igreja Lagoinha em Orlando, na Flórida. O presidente Jair Bolsonaro (PL) gravou vídeo para a ocasião desejando um 2022 de realizações.

Além de Fábio Faria e Allan dos Santos, o pastor André Valadão, o deputado Lucas Gonzalez (Novo-MG), o vereador por Belo Horizonte Nikolas Ferreira (PRTB) e o empresário Paulo Figueiredo Filho também estavam presentes.

O ministro disse, em nota, que não teria comparecido do caso soubesse que Allan dos Santos iria participar.

"Fui convidado para discursar num evento de um pastor de uma igreja que eu e minha família frequentamos quando estamos em Orlando. Não havia nenhuma indicação que entre os presentes estaria alguém com problemas com a Justiça brasileira. Se eu soubesse que ele iria, eu não teria comparecido. Após o evento, foi oferecido um lanche na sala do pastor André na própria igreja", disse Faria.

Nos ataques ao ex-presidente Lula, o ministro disse que se o comunismo voltar ao poder as pessoas vão morrer de fome.

"O custo muito maior para gente é o custo das pessoas que vão morrer de fome se o comunismo voltar ao Brasil. Porque se voltar não vai ter Lula paz e amor (...)."

Ele ainda defendeu que o governo Bolsonaro está discutindo temas importantes, como redução da maioridade penal e ampliação do direito ao posse de armas. Disse ainda que não já corrupção na atual gestão.

O blogueiro Allan dos Santos também falou durante o evento e disse ser um jornalista em exílio por não ter cometido nenhum crime e nenhum processo jurídico legítimo e constitucional em andamento.

Ele teve a prisão e extradição decretada pelo ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Alexandre de Moraes em 5 de outubro no inquérito que apura a existência de milícia digital para atacar a democracia.

**Raquel Lopes**

**COMO CHEGAMOS AQUI?**

**Proibidos desde a minirreforma eleitoral de 2006, os showmícios (apresentações artísticas em comícios) devem seguir vetados, decidiu o STF (Supremo Tribunal Federal) em outubro. A corte entendeu que a liberação poderia desequilibrar a disputa eleitoral e influenciar a escolha do eleitor por meio de vantagem. Mas o tribunal permitiu apresentações artísticas em eventos específicos de arrecadação de campanha, por avaliar que esse público já teria afinidade com o candidato e, portanto, não haveria interferência no voto. Dois entre três especialistas ouvidos pela reportagem, porém, divergem da proibição por acreditar que ela subestima o eleitor.**

FOLHA EXPLICA

# Veto a showmícios abre brecha e deixa dúvidas para as eleições

STF libera apresentações para arrecadação de campanha, mas não cita lives musicais

O cantor Zezé Di Camargo em showmício em 2002 para o então candidato a presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) Flávio Florido - 11.set.02/Folhapress

**Ana Luiza Albuquerque**

RIO DE JANEIRO Entenda a decisão do Supremo, os pontos em aberto e a opinião de especialistas sobre o tema para 2022.

*

**Quando os showmícios foram proibidos e por quê?**

Os showmícios foram proibidos pela minirreforma eleitoral de 2006. O objetivo foi garantir a paridade de armas na disputa eleitoral, já que os grandes shows eram contratados pelos maiores partidos, que tinham mais dinheiro para investir nas campanhas.

Na eleição de 2002, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e seu adversário na corrida presidencial, José Serra (PSDB), chegaram a levar mais de 100 mil pessoas para cada showmício.

Como noticiou a **Folha** à época, entre os artistas que faziam showmícios para os tucanos, Leonardo cobrava R$ 100 mil por show, Chitãozinho & Xororó, R$ 75 mil, e a banda adolescente KLB, R$ 50 mil.

Zezé Di Camargo & Luciano receberam R$ 75 mil por show para Lula, totalizando mais de R$ 1 milhão na campanha daquele ano.

A minirreforma de 2006 acrescentou à lei nº 9.504, de 1997, que fica "proibida a realização de showmício e de evento assemelhado para promoção de candidatos, bem como a apresentação, remunerada ou não, de artistas com a finalidade de animar comício e reunião eleitoral".

**O que o STF julgou em outubro de 2021?**

O Supremo julgou uma ADI (ação direta de inconstitucionalidade) movida em 2018 por PSB, PT e PSOL, que pedia a liberação dos showmícios não remunerados (sem cobrança de cachê) e das apresentações artísticas em eventos de arrecadação eleitoral.

**Qual foi o argumento dos partidos para tentar derrubar essa proibição?**

Na ação, defendeu-se que tanto a proibição dos showmícios não remunerados quanto a vedação dos eventos artísticos de arrecadação eleitoral são incompatíveis com a liberdade de expressão assegurada pela Constituição Federal.

Os advogados argumentaram que a política não se coloca só no campo da razão, mas também mobiliza paixões e sentimentos. Por isso, segundo eles, a regulação das campanhas eleitorais não pode buscar a supressão da emoção, como fazem muitas vezes a legislação e a jurisprudência.

"Essa visão se conjuga com concepção elitista e paternalista da política, que enxerga os cidadãos como crianças imaturas, facilmente manipuláveis, que deveriam ser protegidas de 'influências indevidas' no cenário eleitoral, por meio da 'tutela' do legislador ou do juiz eleitoral", diz a ação.

As legendas também afirmaram que as restrições às artes no contexto eleitoral não ofendem só os direitos dos artistas e candidatos que eles apoiam, mas também dos eleitores, "privados do acesso a manifestações artísticas que poderiam ser relevantes para a formação do seu próprio convencimento político".

**O que decidiu o Supremo?**

Por 8 votos a 2, a corte decidiu que a proibição dos showmícios, remunerados ou não, segue valendo. Por 7 votos a 3, foram liberadas apresentações artísticas em eventos de arrecadação.

> “Qual a diferença entre ganhar uma cesta básica, um boné ou um ingresso para um show? Pode-se pensar: 'Ah, mas no que um boné vai influenciar?'. A depender do local que a gente esteja, pode ter impacto. Há várias comunidades carentes no Brasil onde o eleitor às vezes por R$ 50 vende seu voto
>
> **Patricia Greco**
> mestra em direito pela UEL (Universidade Estadual de Londrina) e membro da Abradep (Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político)

Votaram pela manutenção da proibição os ministros Dias Toffoli (relator), Kassio Nunes Marques, Alexandre de Moraes, Edson Fachin, Rosa Weber, Ricardo Lewandowski, Gilmar Mendes e Luiz Fux. Os ministros Luís Roberto Barroso e Cármen Lúcia foram a favor da liberação de showmícios não remunerados.

A maioria dos ministros entendeu que a vedação é importante para coibir abuso de poder econômico e garantir isonomia dos candidatos, além de evitar que o voto do eleitor seja influenciado pelo recebimento de uma vantagem.

"O que a norma em testilha objetiva evitar é que a opinião ou o sentimento que um eleitor venha a nutrir por um ou outro candidato seja impulsionado pela reputação ou fama de um artista por meio da confusão entre o palco, do qual se busca deleite e lazer, e o palanque político, do qual se extraem informações acerca da candidatura", disse Toffoli.

Barroso e Cármen Lúcia defenderam o direito à liberdade de expressão dos artistas.

"Impedir a participação não remunerada de um artista em um evento público de apoio a um candidato é um cerceamento da liberdade de expressão, da liberdade da manifestação de pensamento e do direito político de participar com a sua arte do direito político brasileiro", afirmou o ministro do Supremo.

**Por que as apresentações em eventos de arrecadação foram liberadas?**

As apresentações artísticas para arrecadação de campanha foram liberadas porque a maioria dos ministros entendeu que esses eventos se diferem dos showmícios.

Enquanto o último é voltado para o público em geral, com objetivo de captação de votos, os eventos de arrecadação têm como finalidade acionar apoiadores para juntar recursos para as campanhas.

"Ao contrário dos showmícios, que são voltados ao público em geral, os eventos de arrecadação são frequentados por pessoas que já guardam simpatia pela campanha que pretendem financiar, não havendo que se falar, aqui, de interferência na livre consciência do eleitor, mas no exercício do direito de contribuir com um projeto político que lhe seja desejável", disse Toffoli.

**Como ficam as lives musicais de apoio a candidatos?**

Advogados consultados pela **Folha** entendem que o mesmo princípio que vale para os eventos físicos também vale para as lives. Ou seja, de acordo com essa interpretação, as apresentações musicais em transmissões ao vivo estariam liberadas desde que tivessem como objetivo a arrecadação para campanha eleitoral.

Em outubro de 2020, a Justiça Eleitoral chegou a proibir uma live de arrecadação do músico Caetano Veloso para as campanhas dos então candidatos às prefeituras de Porto Alegre, Manuela D'Ávila (PC do B), e de São Paulo, Guilherme Boulos (PSOL).

A Justiça entendeu que a live burlaria a lei que proíbe os showmícios. Em recurso apresentado pela campanha de Manuela D'Ávila, porém, o TSE expediu decisão liminar liberando o show virtual, contanto que não houvesse pedido expresso de votos.

A maioria dos ministros entendeu que não seria possível realizar a censura prévia nem avaliar a legalidade de um evento de arrecadação que ainda não havia ocorrido e que não é vedado por lei.

**O que dizem os especialistas a respeito da proibição dos showmícios?**

Especialistas consultados pela reportagem da **Folha** divergem a respeito da proibição. Flávio Luiz Yarshell, professor de direito na USP e ex-juiz eleitoral, afirma que o entendimento de que os showmícios podem interferir na vontade do eleitor é subestimá-lo. "O eleitor decide por uma perspectiva assistencial do Estado ou pelo desempenho na economia", diz.

O advogado também afirma que tem dúvidas a respeito da competência do Supremo para tratar do tema. "Parece que deveria ter ficado para o Legislativo. O legislador deveria avaliar até que ponto [o showmício] é conveniente ou não", diz.

Rubens Beçak, professor de direito eleitoral da USP de Ribeirão Preto, concorda que a proibição subestima o eleitor, como se houvesse um voto de cabresto. "Houve uma progressão enorme da educação político partidária no país", afirma.

O advogado também avalia que o Brasil tem um regramento excessivo para as campanhas, o que faz com que elas sejam pouco atrativas, especialmente para os jovens, prejudicando a conscientização a respeito da importância de participar das eleições.

"Não acho que o processo eleitoral tenha que ser um circo, mas tem que usar meios para chamar as pessoas e passar sua mensagem. Chegar num comício, o candidato pegar o microfone e falar, falar, falar, nos tempos de hoje não é atraente. Cada vez mais as pessoas vão se afastando", diz.

Beçak afirma ainda que há meios posteriores para corrigir eventuais distorções no processo eleitoral, que não envolvem a proibição. "Se outros partidos que se sentirem prejudicados forem à Justiça e conseguirem provar que o showmício distorceu o resultado da eleição, podem impugnar."

A advogada Patricia Greco, mestra em direito pela UEL (Universidade Estadual de Londrina) e membro da Abradep (Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político), por outro lado, avalia que a decisão do STF foi adequada.

"O showmício pode acabar influenciando o eleitorado não em decorrência de melhores propostas do candidato, mas de atrelar a sua imagem a um artista que já tem um prestígio. Isso gera um desequilíbrio na disputa", afirma.

Greco diz que o eleitorado precisa conseguir diferenciar a figura do candidato e suas propostas dos seguidores que ele possa ter no meio artístico. "No showmício isso não fica claro." A advogada também afirma que o showmício se assemelha à doação de um benefício para o eleitor, o que é vetado pela legislação eleitoral. "É como se um candidato estivesse doando um ingresso para você entrar no show", diz.

"Qual a diferença entre ganhar uma cesta básica, um boné ou um ingresso para um show? Pode-se pensar: 'Ah, mas no que um boné vai influenciar?'. A depender do local que a gente esteja, pode ter impacto. Há várias comunidades carentes no Brasil onde o eleitor às vezes por R$ 50 vende seu voto."

**mundo**

# Fui entender o que é racismo no Brasil, afirma guineense discriminado na Zara

Luís Fernandes Júnior foi acusado por segurança de roubar mochila que havia acabado de comprar

ONDE SE FALA PORTUGUÊS

Mayara Paixão

GUARULHOS Quando desembarcou no Brasil, há oito anos, vindo da Guiné-Bissau, Luís Fernandes Júnior, 28, sabia que migrava a contragosto da família, que temia as cenas de violência a que assistiam no programa "Cidade Alerta", da TV Record, cujo sinal chega ao país da costa oeste africana.

Ainda assim, ele estava feliz por ser um dos primeiros alunos do recém-inaugurado Campus dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), em São Francisco do Conde (BA). Lá, licenciou-se em pedagogia e, agora, é pós-graduando.

Na última semana de dezembro, após comprar uma mochila em uma loja da Zara no Shopping da Bahia, Luís foi acusado de roubo por um segurança, que o retirou do banheiro e exigiu que ele devolvesse o item. Ele afirma que essa foi a primeira vez que vivenciou discriminação. "Fui perceber o racismo no Brasil."

Luís engrossa a cifra de cerca de 7.400 guineenses que migraram para o Brasil nas últimas duas décadas, segundo levantamento do Observatório das Migrações Internacionais. Atrás apenas de Portugal e Angola, a Guiné-Bissau é a terceira nação lusófona com maior volume de migrações para o país no período.

Em resposta a um pedido de entrevista, a Zara Brasil enviou nota na qual diz ter realizado uma investigação e demitido uma funcionária por violação dos protocolos da empresa, sem dar mais detalhes.

A empresa já esteve envolvida em outros casos de discriminação. Em Fortaleza, a polícia apurou que uma loja da marca avisava aos funcionários por meio de código anunciado por alto-falantes que havia alguém suspeito na loja, o que incluía pessoas negras.

A defesa de Luís pede R$ 1 milhão de indenização ao pós-graduando pelos danos psicossociais causados pela abordagem e pleiteia que a Zara adote medidas compensatórias. O advogado Thiago Thobias, da Educafro, descreve o pedido como uma indenização civilizatória, não apenas para seu cliente, mas para a sociedade. "A Zara tem feito isso de forma reiterada."

À **Folha** Luís contou sua história, as razões para vir ao Brasil e o que sentiu com racismo.

*

Cheguei ao Brasil em maio de 2014. Antes, tive um grande problema na família —tenho nove irmãos, de diferentes mães. Contestaram muito a minha vinda. A gente assistia ao "Cidade Alerta", via o problema do tráfico, de menores com armas na mão, então a maioria ficou com uma visão muito pejorativa do Brasil.

Acredito que isso também é uma influência da colonização, quando existiram políticas de eurocentrismo. Para eles, a Europa, ou o Ocidente de modo geral, parece o único lugar possível para viver. Mas não tem lugar no mundo que não tenha problemas e, no Brasil, as políticas públicas me pareciam mais democráticas, embora a gente viva uma outra situação com o atual governo [de Jair Bolsonaro].

Falei "eu vou, eu vou escolher o meu destino". Pouco antes, tinha uma viagem a Portugal com o meu pai, que faria um tratamento. Mas ele faleceu enquanto eu esperava o visto sair. Foi quando ouvi um colega falar das bolsas no Brasil, inscrevi-me e fui bem. Vendi um terreno que o meu pai deixou para comprar a passagem, confiando que amanhã teria uma vida melhor para comprar um terreno maior.

Lendo o projeto pedagógico da universidade, gostei muito, porque eram as questões que eu sempre defendi. A minha educação teve uma filosofia baseada na ancestralidade, mas não no sentido de sangue, e sim de olhar para o outro como se fosse você mesmo.

Meu sobrenome, antes de Fernandes, era Mankua Kassakey. Mas minha família foi uma das assimiladas durante a colonização portuguesa. Meus avós, para que pudessem continuar com suas terras, tiveram que ser batizados pela Igreja Católica e mudar o nome. Até pouco tempo, eu tentei colocar ele no documento, mas é um processo que precisa fazer na Guiné-Bissau e também demanda recursos.

Fui perceber o racismo no Brasil. Nunca havia vivenciado isso. Na Guiné-Bissau, a discriminação se trata mais de uma questão de privilégios econômicos de alguns cidadãos que herdaram poder de portugueses ou, então, daqueles que falam português com sotaque de Portugal e são vistos como mais inteligentes.

Sou uma pessoa que tem paciência para explicar as coisas e também sou muito reservado. Saio da faculdade e venho para casa. Acho que por isso ainda não tinha sido vítima do racismo. Eu só assistia e ouvia falar. Na hora da abordagem, eu não conseguia entender por que aquilo estava acontecendo comigo. Na educação dos meus pais e avós, aprendi que todos nós somos humanos, a cor da pele não importa.

Já por experiência de pessoas que morreram em razão disso, eu nem tentei colocar a mão no bolso para mostrar a nota fiscal da mochila, porque o segurança poderia atirar alegando que eu estava armado. A forma de me abordar foi desumana. Tirar uma pessoa do banheiro, um espaço privado, para acusá-la de uma coisa que ela não fez. Foi difamação, calúnia, sem contar a xenofobia e o racismo.

> "Fui perceber o racismo no Brasil. Nunca havia vivenciado isso. Na Guiné-Bissau, a discriminação se trata mais de uma questão de privilégios econômicos
>
> **Luís Fernandes Júnior**
> imigrante guineense

Acredito que, se fosse um branco, ele não teria a mínima coragem de encarar tanto essa pessoa. O segurança disse que não tinha nada a ver com racismo, mas não acredito.

Quando contei para a minha irmã mais velha, foi um choque —no nosso contexto, quando morre nossa mãe, quem pode substituí-la é a irmã mais velha ou uma tia próxima. Ela foi uma das únicas que concordaram com a minha viagem em 2014. Ela falou: "Poxa, mesmo pobres, nunca passamos por algo assim, nunca alguém nos chamou de ladrão, e agora você está passando por isso sozinho".

Acredito que nenhuma pessoa que sai do seu país para outro vai com a intenção de ficar. Não existe valor maior que a família. Mas o tempo é o que vai definir isso. Você constrói novas amizades, conhece pessoas. Vou ficar aqui, no Brasil, e de vez em quando posso visitar a minha família.

Mas o que aconteceu causou um impacto que ainda me leva a refletir. Tenho dores de cabeça constantes. Fico pensando: vale a pena continuar essa luta de estudar, aprender mais e formar uma família? O que seria do meu filho amanhã? Para que colocar uma pessoa no mundo que pode sofrer? Dar educação, lutar pela dignidade dela e um dia chegar um sistema que acha que a pessoa boa tem uma determinada cor?

O guineense Luís Fernandes Júnior, 28, vítima de racismo numa loja da Zara, no bairro de Otinho, em São Francisco do Conde, na Bahia Rafael Martins/Folhapress

# Residentes estrangeiros em Portugal são quase o dobro de 2015

Giuliana Miranda

LISBOA A quantidade de estrangeiros residentes em Portugal de modo regular subiu pelo sexto ano consecutivo, atingindo o recorde de 771 mil pessoas em 2021. O número representa quase o dobro dos 388.731 estrangeiros que oficialmente moravam no país em 2015, ano em que os fluxos migratórios começaram a se recuperar depois de uma queda expressiva causada pela crise econômica.

Os dados são preliminares e foram adiantados pelo SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) ao Diário de Notícias.

Em 2021, o país registrou aumento de cerca de 109 mil imigrantes em relação ao ano anterior, o que não significa que todos eles tenham chegado ao país em 2021. Cronicamente sobrecarregados, os serviços migratórios portugueses costumam levar ao menos dois anos para processar pedidos de regularização.

Embora o SEF tenha implementado diversas rotinas para acelerar os processos —como a criação de um sistema de renovação automática das autorizações de residência—, o andamento ainda é lento.

A legislação lusa tem mecanismos que permitem a regularização de estrangeiros que permaneceram de modo irregular no país, como alguém que tenha viajado como turista e ficado para trabalhar.

Apesar de essa ser uma das formas mais comuns de migração a Portugal, ela é muito desaconselhada. O processo de regularização é burocrático e moroso e, enquanto não têm a documentação em dia no SEF, os estrangeiros ficam ainda mais sujeitos a situações de vulnerabilidade social e exploração laboral.

As autoridades portuguesas ainda não divulgaram a divisão por nacionalidades, mas tudo indica que os brasileiros seguem como a maior comunidade estrangeira. Segundo os dados de 2020, havia 183.993 brasileiros legalmente residentes em Portugal, ou seja, quase 28% do total de estrangeiros no país.

O número real de brasileiros em Portugal, porém, é ainda maior do que o indicado, uma vez que pessoas com dupla cidadania portuguesa ou de outro país da União Europeia não entram para as estatísticas migratórias oficiais como brasileiros. Quem está em situação irregular também é invisível nesta conta.

Segundo o Itamaraty, a estimativa oficial é de que haja cerca de 300 mil brasileiros em Portugal. Entidades de apoio a imigrantes, porém, consideram que o total é ainda maior. Com mais mortes do que nascimentos, Portugal tem na imigração uma importante ferramenta para reduzir o declínio populacional.

A maior parte da comunidade imigrante é economicamente ativa e tem papel fundamental em setores estratégicos da economia lusa, como o turismo e a agricultura.

Segundo o último relatório do Observatório das Migrações, os estrangeiros têm pagamentos expressivos para a Segurança Social do país, com mais de 1 bilhão de euros em contribuições em 2020.

# A reforma espanhola

Pouco foi feito para entender reestruturação das leis trabalhistas citada por Lula

**Mathias Alencastro**

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

*As declarações de Lula exaltando a nova reforma trabalhista da Espanha pautaram o debate político na semana passada. Pouco ou nada foi feito, no entanto, para entender a experiência histórica a que ele está se referindo.*

*O modelo de governança da Espanha democrática, baseado na competição entre as regiões, com forte autonomia financeira, e o Estado central, que administra os fundos europeus destinados ao país, desmoronou depois do colapso financeiro de 2008.*

*Eleito em 2011, no auge da crise da dívida na Europa, o governo conservador de Mariano Rajoy usou os números dramáticos do desemprego entre os jovens, que chegou a 46% naquele ano, para justificar uma das reformas trabalhistas mais rigorosas do continente. Foram os assalariados transformados em precários na era Rajoy que ajudaram a fortalecer o esquerdista Podemos a partir de 2014.*

*Depois de várias tentativas frustradas de chegar ao poder sozinho, o Podemos aceitou, em 2019, formar uma coalizão com os socialistas. Dos cinco ministros que o partido indicou para o governo de Pedro Sánchez, a que mais se destacou foi a ministra do Trabalho Yolanda Díaz.*

*Filha de militantes antifranquistas, a advogada trabalhista se transformou numa decidida organizadora de reformas. Ganhou protagonismo nacional a partir de 2020, quando se tornou responsável pelos mecanismos de proteção das empresas e dos trabalhadores durante a crise sanitária.*

*Entre outros sucessos, negociou, no começo do ano passado, a lei Rider, que aboliu a servidão digital ao estabelecer o vínculo empregatício entre trabalhadores e aplicativos de entrega. A nova lei trabalhista, que tem como ponto forte a redução de empregos temporários, será um marco em sua carreira.*

*Díaz mostrou que a diferença entre revogar, rever e contrarreformar não é apenas semântica. Ela insistiu na necessidade de criar uma lei a partir do zero para enfrentar os desafios do mercado de trabalho pós-pandemia. Seu estilo ambicioso incomodou os correligionários do Podemos, do qual ela se desfiliou, e dos socialistas, mais interessados em se acomodarem com uma simples revisão da lei existente.*

*Hoje, empresários e sindicatos na Europa reconhecem que o método Díaz é muito mais efetivo do que o de Emmanuel Macron, que desencadeou os coletes amarelos, a maior revolta popular da França desde maio de 1968, na sua primeira tentativa de reformar o país.*

*Política mais popular da Espanha desde 2020, Díaz está articulando uma nova coalizão da esquerda e é vista como possível sucessora de Sánchez no governo.*

*Não faltam paralelos entre a experiência brasileira e espanhola. Ambas as reformas trabalhistas foram realizadas em períodos de baixa intensidade democrática, sob a tutela do FMI na Espanha e, no caso brasileiro, por iniciativa de um governo nascido de um impeachment escabroso.*

*A situação dramática dos milhões de trabalhadores por aplicativo, explorados por algoritmos e abandonados pelo Estado, obriga os governos progressistas a repensarem o mercado de trabalho.*

*Mas mais do que o resultado final da obra de Díaz, é o método posto em prática por ela que deve servir de inspiração. Sua trajetória mostra que a esquerda moderna e unida domina como nenhum outro campo ideológico a arte da reforma econômica.*

| SEG. Mathias Alencastro | **QUI. Lúcia Guimarães** | SEX. Tatiana Prazeres | SÁB. Jaime Spitzcovsky

# Cazaquistão diz que 164 foram mortos e 5.000 estão presos

Governo afirma que crise foi contida, mas segue com 'limpeza contraterrorista'

**ALMATI | REUTERS E AFP** O Ministério da Saúde do Cazaquistão informou neste domingo (9) que o saldo de mortos em meio à crise que se desenrola no país chega a 164 e que duas das vítimas são crianças.

A atualização representa um salto em relação às cifras divulgadas durante a semana, quando foi anunciado que 26 manifestantes e 18 policiais haviam morrido. A maior parte das mortes ocorreu em Almati, a maior cidade do país, com 1,7 milhão de habitantes.

Cresceu o número de pessoas detidas pelas forças de segurança. Ao menos 5.135 cidadãos foram presos no escopo de 125 investigações, de acordo com informações do Ministério do Interior cazaque.

O governo do presidente Kassim-Jomart Tokaiev afirmou ter estabilizado a situação e acrescentou que as tropas da aliança militar de países ex-soviéticos liderada por Moscou estavam protegendo instalações energéticas estratégicas do país —o Cazaquistão é um produtor relevante de petróleo e gás.

Ainda assim, funcionários da inteligência cazaque afirmam que ações de "limpeza", que chamam de operações de contraterrorismo, continuam. Durante o estopim dos atos, Tokaiev ordenou que os militares atirassem "para matar sem aviso prévio" qualquer manifestante que proteste contra o governo.

A ordem foi alvo de críticas do secretário de Estado americano, Antony Blinken, às vésperas do encontro entre delegações diplomáticas de Rússia e EUA em Genebra para discutir a situação na Ucrânia, cujas fronteiras foram ocupadas por Moscou com mais de 100 mil homens, gerando o temor de uma invasão.

Em entrevista ao programa "This Week", da rede ABC, Blinken disse que rejeita totalmente a medida cazaque. "A ordem de atirar para matar está errada e deve ser rescindida. O Cazaquistão tem capacidade de manter a lei e a ordem e defender as instituições do Estado, mas de forma que respeite os direitos dos manifestantes pacíficos e atenda às demandas que eles colocam".

O secretário de Estado ainda retomou comentários sobre a ajuda militar russa, acrescentando que não havia necessidade e que o governo de Tokaiev deveria ter lidado com a convulsão social por conta própria. Blinken já havia criticado o envio de tropas russas e de outras nações ex-soviéticas, alegando que o governo local poderia ter dificuldade para se livrar delas após o fim da crise.

Chanceleres europeus devem discutir ainda nesta semana medidas para responder à repressão cazaque, segundo o secretário para Assuntos Europeus da França, Clément Beaune. "Serão medidas para enviar a mensagem de que um governo não pode ameaçar um povo que se rebela contra o custo de vida".

Durante a tradicional missa dominical na Basílica de São Pedro, no Vaticano, o papa Francisco pediu que haja diálogo e justiça para encerrar a crise no país, acrescentando que está triste com as notícias sobre as mortes ocorridas. "Fiquei sabendo com tristeza que houve vítimas durante os protestos. Rezo por eles e por suas famílias e espero que a harmonia social seja restaurada o mais rapidamente possível."

A onda de protestos no Cazaquistão teve início em 2 de janeiro e se intensificou na última quarta (5), quando manifestantes atacaram prédios públicos e protestaram nas principais cidades do país, incluindo Almati e a capital, Nursultan. A residência oficial de Tokaiev chegou a ser invadida e, depois, desocupada.

A queixa inicial nas ruas era contra a alta do preço dos combustíveis, mas a onda de protestos saiu de controle. Ainda não se sabe quem são suas lideranças, o que aumenta especulações conspiratórias de que a crise seria impulsionada por agentes estrangeiros, incluindo o governo de Vladimir Putin.

O governo anunciou, no sábado (8), a prisão do ex-chefe da inteligência do país, Karim Masimov, premiê por dois mandatos nas últimas duas décadas e aliado do ditador Nursultan Nazarbaiev, conhecido como o "pai da nação" e líder do país por quase 30 anos.

O presidente Tokaiev decretou esta segunda-feira (10) como dia de luto nacional, "em memória das muitas vítimas que resultaram de ventos trágicos em várias regiões do país". O líder autocrata substituiu o ditador Nursultan, governante mais longevo de qualquer ex-república soviética, como presidente do Cazaquistão em 2019.

Com The New York Times

500 km
Rússia
Nursultan
CAZAQUISTÃO
China
Irã
Índia

# Bebê que sumiu na retirada do Afeganistão volta para família

**CABUL | REUTERS** O bebê Sohail Ahmadi, entregue por sua família a um soldado americano em agosto, durante a caótica retirada de cidadãos que tentavam fugir do Afeganistão após o Talibã retomar o poder, foi encontrado e devolvido a seus parentes em Cabul, neste sábado (8), segundo a agência de notícias Reuters.

Sohail estava em Cabul com a família do taxista Hamid Safi, 29, que o encontrou no aeroporto sozinho e chorando, à época com dois meses de idade, e o levou para casa para criá-lo. Após mais de sete semanas de negociações e apelos, que tiveram de contar com a intervenção do grupo fundamentalista, Safi devolveu a criança para o avô dela e a outros parentes que ainda moram no país da Ásia Central.

A família disse que agora pretende enviá-lo para seus pais e irmãos, que conseguiram fugir do país e vivem nos EUA. Durante a tumultuada retirada, que levou à morte de cidadãos, o pai do menino, Mirza Ali Ahmadi, que trabalhava como segurança na embaixada americana em Cabul, e sua esposa, Suraya, temiam que o filho fosse esmagado na multidão ao se aproximarem dos portões do aeroporto.

Desesperados, entregaram o bebê, passando-o por cima do muro, a um soldado que acreditavam ser dos EUA, na expectativa de que iriam pegá-lo de volta após cruzarem os cinco metros restantes até a entrada do local. Membros do Talibã, porém, começaram a empurrar a multidão, fazendo com que os pais só conseguissem ir atrás de Sohail mais de meia hora depois. Eles não encontram mais o bebê.

O taxista Hamid Safi entrega a criança para o avô materno, Mohammad Qasem Razawi, em Cabul Ali Khara - 8.jan.22/Reuters

Ahmadi disse ter procurado desesperadamente pelo filho dentro do aeroporto e foi informado por autoridades que ele provavelmente havia sido levado para fora do país e que eles poderiam ser reagrupados depois. O restante da família conseguiu ser retirado para uma base militar no estado americano do Texas. Por meses, eles não tiveram qualquer informação sobre o paradeiro do filho.

No mesmo dia em que Ahmadi e sua família foram separados do bebê, o taxista Safi escapou pelos portões do aeroporto de Cabul depois de dar carona para a família de seu irmão, que também tentou migrar para os EUA. Safi disse ter encontrado Sohail sozinho e chorando no chão. Depois, tentou sem sucesso localizar os pais do bebê e decidiu levá-lo para casa, com sua esposa e três filhas. Ele chamou o bebê de Mohammad Abed e publicou fotos dele em seu perfil no Facebook.

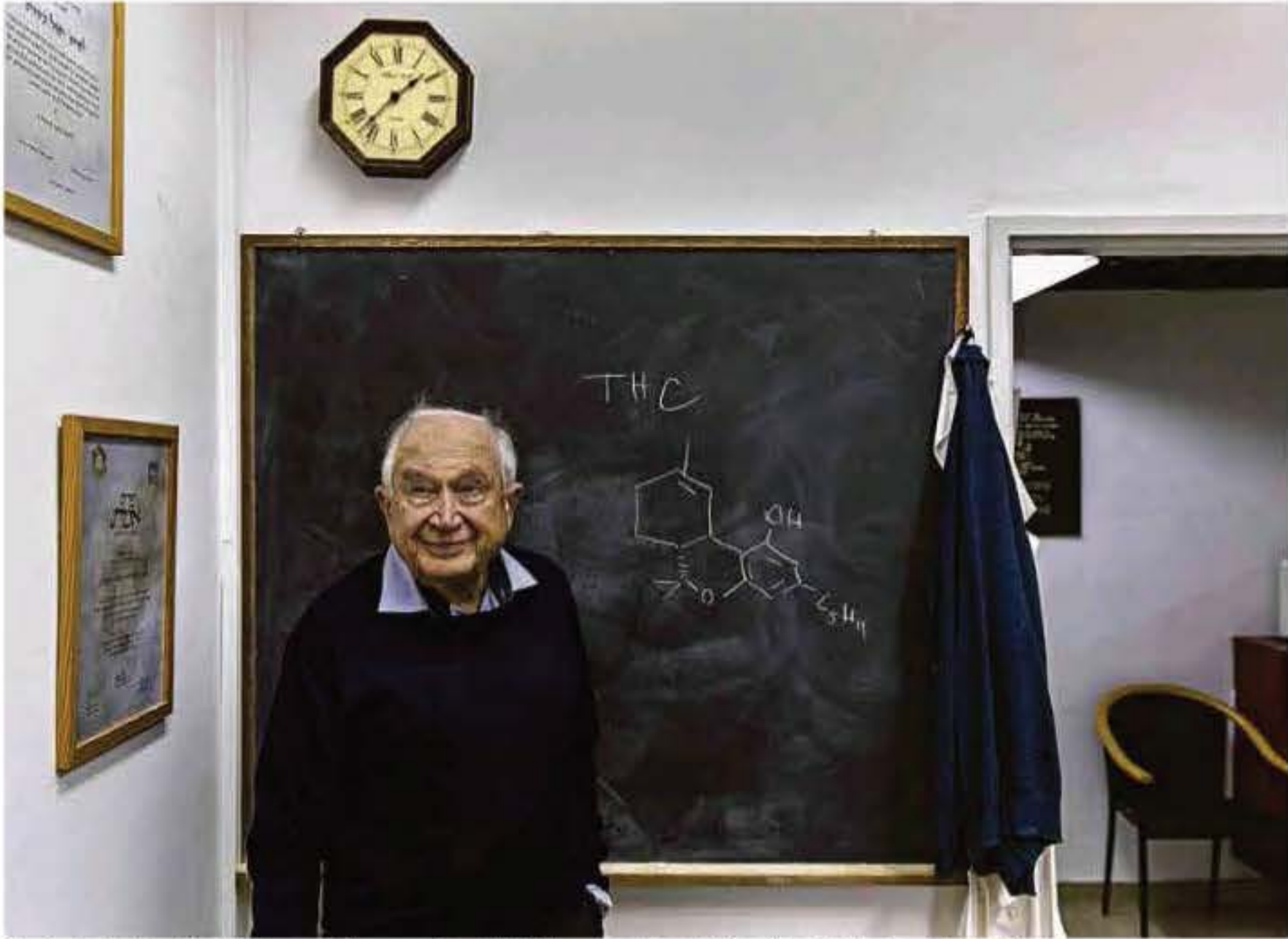
Depois de a história da criança desaparecida ser divulgada, vizinhos de Safi notaram a semelhança. O pai de Sohail, Ahmadi, entrou então em contato com os parentes que ainda estão no Afeganistão, pedindo que procurassem o menino e pedissem que ele fosse devolvido para a família.

Mohammad Qasem Razawi, 67, avô materno de Sohail, morador da província de Badakhshan, no nordeste do país, disse ter viajado até a capital levando presentes para Safi e sua família, mas o taxista se recusou a entregar o bebê.

O avô acionou a polícia talibã. Safi nega a acusação de sequestro e diz que estava cuidando do bebê. A queixa foi indeferida, mas um comandante local costurou um acordo.

O avô Razawi disse que a família do bebê concordou em compensar Safi com 100 mil afeganes (cerca de R$ 5.400) pelas despesas para cuidar dele durante cinco meses. Na presença da polícia, e em meio a muitas lágrimas, Sohail foi devolvido aos seus parentes.

Os pais do bebê, hoje no estado de Michigan, assistiram ao reencontro por videochamada e disseram à Reuters que ficaram muito felizes. Eles esperam que Sohail seja, em breve, enviado para os EUA. "Precisamos devolver o bebê à mãe e ao pai. Esta é minha única responsabilidade", disse o avô da criança.

## entrevista da 2ª

O químico Raphael Mechoulam, avô da maconha medicinal, em sua sala na Universidade Hebraica de Jerusalém Lalo de Almeida/Folhapress

**Raphael Mechoulam, 91**

Químico búlgaro-israelense, professor de química medicinal na Universidade Hebraica de Jerusalém, em Israel. Tem doutorado em química pelo Instituto Weizmann, em Rehovot, e pós-doutorado no Instituto Rockefeller, em Nova York. s. Entre outros livros, é autor de "Cannabinoids as Therapeutics" e "Albert Einstein Memorial Lectures"

# Raphael Mechoulam

# Países devem caminhar para uma regulação razoável da cânabis

Avô da maconha medicinal, químico búlgaro-israelense isolou componentes usados para tratar doenças e sintomas e que hoje movimentam mercado bilionário

**SAÚDE**

**Fernanda Mena**

JERUSALÉM (ISRAEL) A descoberta dos princípios ativos da maconha e de suas propriedades medicinais fez do químico búlgaro-israelense Raphael Mechoulam o pivô de um novo e promissor campo de pesquisa e também de um mercado que já movimenta cerca de US$ 10 bilhões anuais e promete multiplicar seu tamanho nos próximos anos.

Foi ele quem identificou, ainda nos anos 1960, dois dos principais canabinóides da maconha: o THC (tetrahidrocanabinol), o principal psicoativo da droga, e o CBD (canabidiol), componente mais importante de boa parte dos medicamentos produzidos industrialmente a partir de plantas da família *Cannabis*.

São remédios usados no tratamento e alívio de sintomas de doenças e condições tão diversas quanto Alzheimer, glaucoma, Parkinson, autismo, esclerose múltipla, epilepsia, câncer e depressão.

As pesquisas de Mechoulam também identificaram que o corpo humano tem um grupo de receptores e enzimas que se ligam aos componentes da maconha, chamado de sistema endocanabinoide.

Seus estudos serviram de base para as pesquisas científicas sobre propriedades terapêuticas da cânabis e lhe renderam o título de pai da maconha medicinal. "Estou mais para avô", brinca o cientista, do alto de seus 91 anos.

"Quando eu comecei, ninguém trabalhava com maconha, exceto um grupo pequeno na Alemanha. Era difícil conseguir a matéria-prima, que era proibida. A cânabis era considerada uma droga maldita", lembra ele, que conseguiu material para seus primeiros estudos no departamento de polícia de Israel. "A polícia foi surpreendentemente aberta."

A comprovação dos benefícios terapêuticos da cânabis e a progressiva legalização de seu uso medicinal, já admitido em mais de 35 países, viraram do avesso a imagem da maconha construída ao longo de décadas de proibição e criminalização. Agora, impulsionam projeções auspiciosas de crescimento para o mercado de maconha medicinal, no qual o Brasil ainda engatinha.

Mesmo assim, em 2021, mais medicamentos à base de maconha foram aprovados pela Anvisa e o projeto de lei 399 de 2015, que regula o cultivo e produção medicinal e industrial de cânabis no Brasil, foi aprovado pela Comissão Especial da *Cannabis* em junho.

"Fico feliz em saber que o governo brasileiro deve estabelecer um sistema de regulamentação da maconha medicinal", comentou o cientista israelense. "Estou certo de que isso ajudará muitos pacientes."

Mechoulam concedeu a entrevista abaixo à **Folha** durante visita a seu laboratório na Universidade Hebraica em Jerusalém, em Israel, para gravações do especial Estado Alterado, vencedor do prêmio Vladimir Herzog de 2021.

*

**Por que o senhor decidiu pesquisar a maconha numa época em que ela era tão mal vista?** Meu interesse sempre foi na química de produtos naturais. E milhões usavam a cânabis sem conhecimento detalhado de sua estrutura química e farmacológica ou de seus efeitos fisiológicos e biológicos. Por isso, nos anos 1960, decidi estudar a maconha e obtive matéria-prima com a polícia, que foi surpreendentemente aberta.

O pessoal do instituto onde eu trabalhava em Israel ligou para um oficial da cúpula do departamento de polícia e, dias depois, eu fui até eles e voltei para casa com cinco quilos de haxixe. Nesse ramo da pesquisa científica, é sempre bom ter uma administração pública e um governo não muito restritos.

**Como foram as primeiras experiências com os princípios ativos da maconha?** Separamos cerca de uma dúzia de compostos da cânabis. Para entender se tinham efeitos psicoativos, os testamos em ratos. Mas nós não somos ratos. Então tínhamos de descobrir como eles funcionavam nas pessoas, e testamos em nós mesmos.

Um grupo de amigos veio a minha casa — um deles, aliás, era membro do Parlamento. E minha esposa, que cozinha muito bem, fez bolos nos quais colocou 10 miligramas compostos. Descobrimos que o THC era psicoativo em humanos e descobrimos também que 10 mg era uma quantidade ligeiramente alta para quem nunca tinha usado drogas [risos].

**Como a pesquisa evoluiu depois disso?** Nós elucidamos a estrutura dos compostos, como THC e CBD. Então tentamos descobrir o que esses compostos fazem no metabolismo, no corpo. E isso deu muito trabalho. Nessas pesquisas, trabalhei com muitos colegas em Israel e também com colegas brasileiros, como Elisardo Carlini, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), que testou o CBD em ratos para casos de epilepsia e descobriu que o canabidiol é muito efetivo.

Depois, experimentamos o canabidiol em pessoas que tinham epilepsia, com resultados importantes.

Publicamos o estudo que falava da melhora dos pacientes em 1980 e sugerimos que o achado deveria ser transformado em medicamento. Só que desenvolver uma nova droga é um projeto que demanda milhões de dólares e uma grande organização. Acadêmicos não têm como bancar isso. Imaginávamos que alguma indústria farmacêutica fosse pegar o projeto. Mas sinto informar que absolutamente nada aconteceu por longos 35 anos.

**Como isso mudou?** Alguns pais de crianças que tinham epilepsia souberam desse estudo começaram a dar cânabis com bastante canabidiol para suas crianças. Por causa da pressão pública, a indústria se interessou, e o governo americano aprovou um grande estudo clínico com o CBD.

O estudo obteve os mesmos resultados que nós obtivemos 35 anos antes! Agora, o CBD é um medicamento aprovado para uso legal no tratamento de certos tipos de epilepsia pediátrica. A questão é que isso poderia ter sido feito 35 anos antes e isso teria ajudado muitas crianças. Nada aconteceu porque os administradores responsáveis pela saúde não tinham uma mente aberta. Uma pena.

**Há outros achados subaproveitados?** Sim. Eu e Carlini demos CDB puro para uma garota que tinha esquizofrenia e ela foi beneficiada. Anos depois, um grupo alemão fez uma ótima investigação em 40 ou 50 pacientes, e a maioria foi beneficiada. A esquizofrenia atinge 1% da população mundial e é uma doença muito grave. Nós podíamos ter ajudado essas pessoas. E ainda podemos. Mas isso requer mais estudos clínicos de modo a se descobrir a melhor maneira de administrar CBD para pacientes com esquizofrenia.

O mesmo ocorre com a diabetes tipo 1, que é uma doença séria e acomete muitas crianças. Descobrimos que o CDB protege o corpo de ratos contra a diabetes tipo 1. E publicamos o estudo há mais de dez anos. Até agora esperamos pelo interesse da indústria para que façamos ensaios clínicos com seres humanos.

**Por que ainda há resistência em relação à cânabis na ciência e na saúde?** No começo, a maconha era uma droga maldita, e ninguém a estudava. Existe uma lei internacionalmente aceita que proíbe as pessoas de fazerem uso de drogas. É ilegal usar cânabis. E o fato de a maconha estar colocada ao lado de outras drogas, como opioides, heroína e cocaína, deixa tudo mais difícil para cientistas e companhias farmacêuticas. Ainda assim, cada vez ela está se tornando uma droga como as outras.

**São relativamente poucos os países que regularam o uso medicinal da maconha e sua produção** Para muita gente, até recentemente, maconha e heroína eram quase a mesma coisa. E as percepções, assim como as leis, são muito difíceis de mudar. Onde a cânabis é ilegal, as pessoas que a usam podem ser presas. Isso não mudou mesmo nos Estados Unidos, onde o canabidiol foi aprovado oficialmente como uma droga para a epilepsia e, mesmo assim, está no topo da lista das drogas proibidas, junto com a heroína.

Temos que ter um jeito mais racional de lidar com essa questão. O canabidiol deve sair da lista de drogas proibidas. O THC poderia permanecer, exceto em casos de usos aprovados, como no combate aos efeitos colaterais da quimioterapia.

**Como vê esse paradoxo?** Não faz sentido. Nos EUA [onde cada estado tem sua própria lei sobre o tema], o canabidiol tem gerado bilhões de dólares ao mesmo tempo em que o governo federal diz que tem coisa errada ali. Isso evidentemente tem de mudar. Não dá para a maconha ser usada como medicamento num estado e levar a pessoa à prisão no outro, logo ao lado. É ridículo.

**Como avalia a regulamentação da maconha para uso recreativo?** Não sei ao certo se concordo com as condições do momento. Estou envolvido com a maconha a partir da química, que remete à questão médica. Sobre o uso recreativo, se as pessoas gostam de se divertir com maconha, não serei eu a dizer não.

Mas, por outro lado, sei de muitos casos de pessoas que abusaram da maconha na primeira vez, especialmente jovens, e acabaram a noite com uma emergência psiquiátrica — e é por isso que muitos psiquiatras são contra flexibilizações. Talvez fosse preciso achar um caminho do meio, uma boa regulamentação, mas não sei como isso poderia ser feito.

No caso do Canadá, que legalizou o uso recreativo, a lógica foi: temos 2 milhões de pessoas usando cânabis mais ou menos uma vez por semana. Mesmo se quiséssemos, não conseguiríamos colocar 2 milhões de pessoas na cadeia. E, mesmo legalizando, eles criaram regras. Crianças e adolescentes não podem usar, por exemplo.

**O senhor já fez uso recreativo ou medicinal de maconha?** Nunca usei drogas ilegais, exceto naquele primeiro experimento entre amigos. Eu gosto é de um pouco de vinho. E nunca precisei de medicamentos à base de maconha. Se precisar, usarei. Sabemos, por exemplo, que CBD tem efeito contra o câncer. Não cura, mas age positivamente. Assim, se eu tiver câncer, vou usar canabidiol.

**Consumo global de maconha medicinal e estimativa futura**

Em US$ bilhões

**35** países permitem uso medicinal da cânabis

> Temos que ter um jeito mais racional de lidar com essa questão. O canabidiol deve sair da lista de drogas proibidas. O THC poderia permanecer, exceto em casos de usos aprovados, como no combate aos efeitos colaterais da quimioterapia

**folhainvest**

**Desempenho dos principais criptoativos em 2021**

| Ativo | Cotação, em R$ 1º.jan.21 | Cotação, em R$ 31.dez.21 | Variação % | Cotação, em US$ 1º.jan.21 | Cotação, em US$ 31.dez.21 | Variação % |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Bitcoin | 152.551,72 | 257.987,10 | 69 | 29.374,15 | 46.306,45 | 58 |
| Ethereum | 3.793,09 | 20.778,00 | 448 | 730,37 | 3.682,60 | 404 |
| Cardano | 0,91 | 7,67 | 742 | 0,18 | 1,31 | 647 |
| Solana | 9,34 | 994,58 | 10.544 | 1,84 | 170,3 | 9.155 |
| Avalanche | 18,15 | 636 | 3.404 | 3,49 | 109,27 | 3.027 |
| Polkadot | 47,83 | 159,25 | 233 | 8,31 | 26,72 | 222 |
| XRP | 1,23 | 4,73 | 285 | 0,24 | 0,83 | 250 |
| Axie Infinity | 2,81 | 523,94 | 18.537 | 0,54 | 93,9 | 17.247 |
| Decentraland | 0,42 | 18,61 | 4.301 | 0,08 | 3,27 | 4.011 |
| The Sand Box | 0,2 | 33,28 | 16.700 | 0,04 | 5,85 | 15.238 |
| Curve DAO Token | 3,19 | 34,61 | 985 | 0,62 | 5,35 | 760 |
| Aave | 445,14 | 1.482,11 | 233 | 90,35 | 255,11 | 182 |
| Dogecoin | 0,03 | 0,97 | 3.191 | 0,01 | 0,17 | 2.899 |
| Polygon | 0,09 | 14,08 | 15.122 | 0,02 | 2,53 | 14.106 |

Fonte: Mercado Bitcoin

# Bitcoin e outros criptoativos devem ter 2022 desafiador

## Inflação global é obstáculo para reprise dos ganhos excepcionais de 2021

**Clayton Castelani**

SÃO PAULO Criptoativos entregaram ganhos extraordinários em 2021. Mas ao trocar a vista do retrovisor pela do para-brisas, o cenário deste início de 2022 se apresenta desafiador para esses ativos. A crise no Cazaquistão, um dos principais polos de mineração de bitcoin, e os efeitos da inflação na política monetária global prejudicam dois elementos importantes para a ascensão desses ativos: publicidade positiva e abundância de liquidez no mercado financeiro.

Dificuldades que não precisam ser motivos de desestímulo para novos investidores, mas servem de alerta para que decisões sobre como e quanto aplicar sejam cuidadosas. Entender a lógica desse mercado é o primeiro passo para equilibrar os riscos.

Enquanto uma moeda tradicional pode hipoteticamente ser emitida infinitamente por vontade de bancos centrais ou governos, os principais criptoativos são programados para serem limitados.

Para emitir esse ativo, programadores devem decifrar e encadear blocos de códigos lançados na internet por desenvolvedores. Por isso essa tecnologia é chamada blockchain, uma corrente de blocos.

Mineração é como ficou conhecido esse trabalho de validação de criptoativos. A atividade requer a resolução de problemas matemáticos complexos, que exigem a utilização de computadores interligados e com alta capacidade de processamento. Projetados por diferentes desenvolvedores, esses ativos têm sua valoração afetada pela confiança de investidores quanto à qualidade da programação que cada um deles carrega, além da aceitação deles para a realização de transações.

Isso explica porque o bitcoin é o mais valioso. É considerado uma moeda, de fato, por especialistas desse mercado. "É um projeto seguro, que está completamente pronto", diz Lucas Passarini, analista de negócios do Mercado Bitcoin.

A maturidade do projeto também justifica a valorização inferior em relação a muitos dos seus pares. Em 2021, a cotação em reais do bitcoin subiu 69%, segundo dados do Mercado Bitcoin.

Representação da criptomoeda bitcoin Edgar Su - 14.jun.2021/Reuters

O ganho supera largamente o de investimentos tradicionais. Mas não chega perto da alta de 448% do ethereum, cujo projeto é considerado robusto, mas em um grau de maturação inferior ao do bitcoin. Desenvolvido para funcionar como unidade de monetização de um jogo de videogame, o Axie Infinity Shards — que não é uma moeda, mas é um criptoativo com utilidade específica— teve sua cotação elevada em 18.537% em 2021. Subiu de R$ 2,81 para R$ 523.

Outros criptoativos registraram valorizações extraordinárias ao longo do ano passado. São projetos cuja capitalização de mercado partiu de patamares baixos, mas que ganharam visibilidade ao receber aportes generosos para desenvolvimento, conseguindo assim a atenção de investidores, segundo Passarini.

A condição para isso foi facilitada pelo elevado nível de liquidez no mercado financeiro em 2021. Bancos centrais em todo o mundo afrouxaram a política monetária para manter a economia aquecida durante as piores fases da pandemia. Reduções nas taxas de juros combinadas a programas de compras de ativos deram estímulo e dinheiro para investidores aplicarem em mercados arriscados, segundo Rodrigo Soeiro, fundador da Monnos Cryptobank.

Os tempos da fartura podem estar no fim. Autoridades monetárias de todo o mundo estão encerrando esses programas de estímulo para tentar frear uma inflação global que vem ganhando força. Apertos monetários são considerados por especialistas como um obstáculo mais importante aos criptoativos do que crises em regiões com participação importante na mineração, como é o caso do Cazaquistão.

O país é a segunda maior mineradora de bitcoins do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, mas quase sumiu do mapa de prospecção da moeda na última quarta-feira (5).

O presidente Kassim-Jomar Tokaiev mandou cortar a internet e a telefonia celular do país. A medida tentava desarticular manifestações contra o preço dos combustíveis.

Diante da instabilidade, mineradores liquidaram ativos e provocaram desvalorização diária de 5,21% do bitcoin. O pessimismo contaminou o mercado e outros criptoativos também cederam.

"O histórico de tensões sociais e geopolíticas em locais de concentração de mineração leva mineradores a liquidar posições para arcar com os custos da paralisação, que eles não sabem quanto vai durar, e também com os custos da transferência para outros países", diz Passarini.

Um exemplo de conflito que ganhou projeção com a crise no Cazaquistão é sobre o consumo de energia. Segundo reportagem do Financial Times, algumas cidades do país enfrentaram apagões em meio ao inverno diante da sobrecarga no sistema causada pela mineração. A operadora local disse que racionaria a energia destinada à atividade.

Diferente de como 2022 está começando, o ano de 2021 ofereceu um pacote de boas notícias para os criptoativos. A mais chamativa foi a decisão de El Salvador em se tornar o primeiro país a adotar oficialmente o bitcoin como moeda.

O país também anunciou a criação de uma cidade voltada à mineração de bitcoin. A demanda energética exigida nessa atividade seria suprida pela geração termal provida pelo vulcão Conchagua.

Assim como outros investimentos de renda variável, criptoativos estão sujeitos a condições políticas, econômicas, sociais, geográficas, entre outras. Além disso, há agravantes para o risco, como a ausência de regulamentação, a falta de conhecimento da maioria dos investidores e a presença de golpistas dispostos a tirar proveito de entusiastas. A regra é aplicar pouco: entre 1% e 5% da carteira, segundo Rodrigo Monteiro, diretor-executivo da ABCripto (Associação Brasileira de Criptoeconomia).

"Comece com pouco para ganhar confiança. Faça um teste com R$ 10, com R$ 100, depois com R$ 1.000. Compre, venda, transforme em dinheiro. Leia a respeito e entenda a lógica nos primeiros meses."

Corretoras estabelecidas e com boa reputação no mercado devem ter a preferência do investidor iniciante. "É como qualquer outro investimento. Você só deve aplicar naquilo que confia e acredita", afirma.

Quanto mais novo e desconhecido é o ativo, menor deve ser o valor aplicado, diz Passarini, do Mercado Bitcoin. "É importante ir naquilo que a gente sabe que é bom. O bitcoin e o ethereum não vão mais subir a 16.000%, mas eles certamente não irão a zero em um curto espaço de tempo."

# Blockchain pode ser caminho para democracia total em 2022

OPINIÃO

**Fersen Lambranho**

Presidente dos conselhos de administração da GP Investments e da G2D Investments

O ano de 2021, que se esvaiu, assistiu ao mundo voltar a respirar, depois de ter sido "intubado" por uma pandemia. As pessoas, que saíram para as ruas após viverem uma hibernação forçada, já não eram mais as mesmas. Os novos hábitos desenvolvidos se mantiveram, assim como um chip implantado, antecipando em anos o ser humano 2.0.

O mundo virtual se impôs por tanto tempo, que não conseguimos mais viver sem algumas de suas facilidades. Vimos artistas quase aposentados renascerem em lives, gente se tornando —em questão de meses— influenciador de dezenas de milhões de pessoas, a companhia mais valiosa da América Latina ser uma plataforma de venda online para terceiros, e tantos outros acontecimentos.

O ano de 2021 marca um ponto de inflexão político, social e econômico, cujo roteiro é difícil prever como será. Acredito, porém, que nos levará a uma sociedade na qual o poder estará nas mãos do povo, como nunca antes esteve. E uma das ferramentas que pode contribuir para isso é blockchain. Seu conceito foi introduzido por um texto apócrifo em 2009, dando como exemplo o Bitcoin, sua primeira aplicação prática.

Passados 12 anos, já existem 17 mil criptomoedas, um terço dessas criado em 2021. O conceito, até então restrito aos gamers, nerds e experts, começa a atingir o mainstream. Hoje, 7,5% das criptomoedas estão em mãos de investidores institucionais e governos, contra 0,5% há um ano atrás.

Evidentemente, tudo que é novo gera oportunidades para malandros e pessoas mal-intencionadas. Sempre foi assim —basta nos lembrarmos do início do mercado de capitais nos Estados Unidos no século 19, da corrida do ouro na Califórnia, do "capitalismo dos Titãs" americanos, ou do Novo Egito de Cabo Frio.

Assim caminha a inovação na história e, como dizia o meu mais importante mentor, "primeiro criamos o 'far west' para depois chamarmos o xerife" Estamos assistindo ao início da terceira onda da internet, liderada pelo uso do blockchain. Essa onda tem conceitos estranhos e contraintuitivos como fundamento: processamento distribuído em milhares de computadores pelo planeta, desenvolvedores que trabalham colaborando —acima de tudo— por paixão e em rede, algoritmos com transparência total e, principalmente, códigos públicos, além de imutáveis.

Na primeira onda da internet, tivemos a disponibilização de conteúdo digital replicando a forma do mundo físico. Na segunda onda, que vivemos hoje, grandes companhias impõem seus códigos, disponibilizando-os para que todos possam criar conteúdo. Porém, essas grandes companhias (Facebook e Google, por exemplo) têm o controle total sobre o futuro do algoritmo, mantendo as pessoas como dependentes.

Nesta terceira fase, baseada no blockchain, a governança passa a ser dos usuários e colaboradores dos algoritmos que, por serem códigos abertos, viabilizarão o sonho cantado em 1971 por John Lennon: "Power to the People". O poder vai migrar das grandes organizações para os desenvolvedores espalhados por todo o planeta, reduzindo em muito a hegemonia que a Califórnia usufruiu até aqui. O ano da graça de 2021 começou com os investidores pequenos impondo prejuízos imensos para os investidores tradicionais.

Esses investidores tradicionais haviam apostado contra a rede de lojas "GameStop", que era a paixão dos gamers. Os clientes da "GameStop" usaram o poder financeiro da sua rede de investidores "sardinhas" para, através da corretora RobinHood, forçar a alta da ação e, assim, valorizar o que eles consideravam um bom negócio, apesar da opinião contrária dos analistas e investidores "tubarões" de Wall Street. Teve muito marmanjo do mercado indo chorar na CVM americana, dizendo que tal movimento era injusto.

> [...]
>
> O ano de 2021 marca um ponto de inflexão político, social e econômico, cujo roteiro é difícil prever como será. Acredito, porém, que nos levará a uma sociedade na qual o poder estará nas mãos do povo, como nunca antes esteve

Em novembro, para fechar o ano, ocorreu um fato que, talvez, seja a maior prova de que uma revolução silenciosa está começando.

Um dos 13 originais da Constituição Americana foi colocado a leilão na Sotheby's, em Nova York, por um valor estimado entre US$15 milhões e US$ 20 milhões. A Constituição Americana é considerada o resultado mais concreto das ondas do Iluminismo e da Revolução Francesa. Pode-se dizer, portanto, que representa o maior símbolo da Democracia Ocidental. Um grupo de crowdfunding, utilizando-se de blockchain na chamada DAO (Organização Autônoma e Descentralizada), levantou US$ 25 milhões em 24 horas e, em seguida, US$ 40 milhões em 72 horas por meio de 17,4 mil doadores.

No final do leilão, um bilionário acabou levando o exemplar por US$ 45 milhões. O povo entrou pela primeira vez na Sotheby's, desbancando bilionários e colecionadores, para garantir a posse de um dos maiores símbolos da Democracia. Não arremataram o original da Constituição Americana, mas o precificaram pelo dobro do valor esperado pelo establishment.

A revolução da web 3.0 está apenas começando, e promete alterar os negócios, os governos, a arte e as formas de convivência. Porém, o mais importante é que, pela primeira vez na história, visualizamos uma solução para tornar a democracia mais efetiva, na medida em que se torna possível conjugar regras fixas, transparência, descentralização geográfica e governança nas mãos dos agentes usuários/pagadores de impostos. Podemos sonhar com um mundo mais igualitário em oportunidades, e transparente em todos os níveis.

Em 2022, ao completarmos 200 anos de Independência, devemos voltar nossos olhos para um manifesto declarado, que consiga agregar todos os agentes econômicos e as pessoas, na busca de resolvermos o problema da pobreza e da exclusão de nossa massa de 220 milhões de cérebros. Um grande projeto nacional, cuja meta maior seja melhorar a condição de vida da população de forma sustentável, utilizando-se de toda tecnologia disponível.

A web 3.0 é a grande oportunidade para todos os países que perderam a primeira e a segunda onda da internet darem um salto décadas à frente. O futuro não vai ficar esperando o Brasil.

Fila em agência da Caixa na zona leste de SP em dia de pagamentos do auxílio emergencial para público do Bolsa Família Rivaldo Gomes 16.abr.21/Folhapress

# Ausência de sistema na Previdência gera gasto indevido de R$ 5 bi com auxílio

## Plataforma integrada de informações de União, estados e municípios era determinação da reforma previdenciária, mas não saiu do papel

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA Ao menos R$ 4,9 bilhões em parcelas do auxílio emergencial pagas indevidamente em 2020 poderiam ter sido evitadas, caso o governo Jair Bolsonaro (PL) tivesse implementado um sistema com dados de aposentadorias, pensões e remunerações concedidas por União, Estados e municípios.

A criação da base integrada é uma exigência da emenda constitucional 103, que trata da reforma da Previdência, promulgada em novembro de 2019. Até hoje, a plataforma não saiu do papel.

O prejuízo foi apontado pelo TCU (Tribunal de Contas da União) em julgamento de dezembro de 2021 e, na prática, pode ser ainda maior.

O pente-fino mirou apenas R$ 9,8 bilhões em pagamentos indevidos efetivamente identificados e cancelados pelo Ministério da Cidadania.

No entanto, a corte estima que o governo gastou R$ 21,5 bilhões a mais do que seria necessário, considerando as regras de elegibilidade ao programa, entre elas não ser beneficiário da Previdência nem servidor público.

Além disso, os auditores chegaram ao número observando o motivo das suspensões analisadas: se o beneficiário era aposentado do INSS, ou servidor público, entre outros impedimentos que seriam identificáveis no sistema integrado.

Nem todos os cancelamentos traziam esse nível de detalhe e, por isso, não foram contabilizados pelo TCU como evitáveis. O gasto total com o auxílio foi de R$ 295,1 bilhões em 2020.

A reforma da Previdência estabeleceu que a União deveria criar um sistema integrado de dados contendo informações de remunerações de servidores civis e militares, aposentadorias e pensões de todos os regimes previdenciários, além de benefícios assistenciais como o BPC (Benefício de Prestação Continuada).

O texto dizia ainda que todos os Poderes de União, estados e municípios deveriam fornecer as informações necessárias para a estruturação do sistema.

A partir dessa plataforma, seria mais fácil cruzar dados e descobrir, por exemplo, se um candidato a receber assistência do governo federal era servidor em algum estado ou município, entre outras possibilidades. Hoje, esse trabalho é feito de maneira pontual.

Desde a criação do auxílio emergencial, órgãos de controle se dividiram em diversas frentes para ajudar o governo a identificar pagamentos indevidos. Foram notórios os casos de servidores públicos e militares das Forças Armadas recebendo a ajuda que deveria ser paga a vulneráveis.

No âmbito da apuração do TCU, o governo federal alegou que ainda precisa regulamentar a criação do sistema, que permitirá o cruzamento instantâneo das bases de dados do INSS, da administração federal, entre outras. Mas a corte de contas afirmou, na instrução do processo, que já existem normas legais que possibilitam a implementação do sistema.

"Registra-se também que outras políticas públicas são impactadas pela falta de integração de dados prevista no normativo constitucional, não se restringindo ao auxílio emergencial", disse em seu voto o relator do processo, ministro Bruno Dantas.

No julgamento, a corte emitiu determinação para que o Ministério do Trabalho e Previdência apresente, em até 60 dias, um plano de ação para a instituição do sistema integrado de dados. A pasta também terá dois anos para colocar a plataforma em funcionamento.

O descumprimento de uma determinação pode gerar multas ou outras penalidades, como afastamento do gestor.

Procurado pela Folha, o Ministério do Trabalho e Previdência disse que trabalha para lançar o sistema integrado "o mais rápido possível", mas não estipulou nenhum prazo.

Segundo a pasta, há uma série de etapas a serem cumpridas para tirar a medida do papel. Elas incluem a garantia de que os dados de todos os órgãos envolvidos se comuniquem entre si e a definição de onde, quando e como as informações serão guardadas.

Também é preciso estipular quem será o responsável pela gestão dos dados e como eles poderão ser consultados. Só então o governo estará apto a desenvolver o sistema propriamente dito.

O ministério disse que as etapas relativas à guarda da informação já foram executadas e envolvem a própria pasta e o INSS. A base que receberá os dados será o Cnis (Cadastro Nacional de Informações Sociais).

"O ministério prepara para os próximos meses a definição sobre a gestão e de demais pontos necessários de regulamentação", disse, sem especificar um cronograma.

"Como existem diversas informações em formatos diferentes, ter o regramento legal não é suficiente para colocar o sistema em funcionamento. É necessário desenvolver uma base de informação e evoluí-la ao longo das integrações que estão sendo realizadas", afirmou a pasta.

Em um segundo momento, o governo estima que os ministérios da Cidadania e da Mulher, Família e Direitos Humanos também venham a alimentar o sistema. No entanto, o ministério não citou quando os demais órgãos se integrarão à base de dados.

A procuradora regional da República Zélia Pierdoná, que coordena o GTI (grupo de trabalho interinstitucional) da Previdência e Assistência Social vinculado ao MPF (Ministério Público Federal), afirma que o sistema integrado representará um grande avanço em termos de controle.

Ela avalia, porém, que sua implementação ainda esbarra nas corporações. "Envolve muita resistência. Não só de diferentes poderes dentro da administração federal, estadual e municipal, mas entre os próprios entes federativos", afirma Pierdoná.

### Ausência de sistema na Previdência gera gasto indevido de R$ 5 bi no auxílio emergencial

Público do auxílio emergencial em 2020

Pessoas elegíveis, em milhões

Valores pagos do auxílio emergencial em 2020

Em R$ bilhões

Irregularidades apontadas pelo TCU

Em R$ bilhões

**O que prevê a Constituição?**

Desde novembro de 2019, a reforma da Previdência determina a criação de um sistema integrado que inclua remunerações, benefícios e pensões de segurados do INSS, de servidores civis e militares, de regimes de previdência privada complementar e de benefícios assistenciais como o BPC (Benefício de Prestação Continuada), pago a idosos e pessoas com deficiência de baixa renda. Pela norma, União, Estados, Distrito Federal, municípios e os órgãos e entidades gestoras de regimes previdenciários terão de disponibilizar as informações necessárias para a estruturação do sistema integrado de dados

*Inclui 60 mil elegíveis por decisão judicial
**Inclui R$ 240 milhões pagos por decisão judicial
Fontes: Ministério da Cidadania e TCU

# PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

## Vitrine

A Ablos, associação que reúne redes de lojas como TNG, Gregory, Any Any, Morana e Khelf, vai levar um pedido aos shoppings para que os horários de abertura dos estabelecimentos sejam reduzidos por algumas semanas, segundo Mauro Francis, presidente da entidade. O tempo menor de funcionamento ajudaria os varejistas a lidar com o problema da falta de funcionários que receberam dispensa médica após contraírem Covid-19 ou Influenza nos últimos dias.

**SACOLA** A proposta que tem sido discutida pelos lojistas seria a de encurtar o atendimento para apenas um turno neste momento de crise mais aguda do contágio. Para Francis, a medida também seria oportuna porque permitiria redução nos custos neste período em que o fluxo de clientes também está mais baixo. Ele afirma que não pretende pedir abatimento no aluguel.

**TOSSE** Com a alta nos casos de licenças médicas de profissionais da saúde com Covid, o presidente do Coren-SP (Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo), James Santos, afirma que os hospitais deveriam aumentar as contratações para repor os cortes de pessoal feitos em 2021, quando as estatísticas da pandemia melhoraram.

**ATESTADO** A Anahp (que reúne grandes hospitais particulares) pediu ao Ministério da Saúde uma redução no tempo de afastamento dos profissionais, mas Santos afirma que a medida não soluciona o problema da falta de mão de obra.

**POSITIVO** "Não vai melhorar o atendimento à população e, muito menos, a condição de trabalho dos profissionais. Pelo contrário, vai prejudicar. Vai ter profissional ainda em período de convalescença, com risco aumentado à sua saúde, voltando mais cedo ao trabalho", diz Santos. O Coren vai enviar nota à Saúde contestando o pedido da Anahp.

**COTONETE** Entidades do setor de turismo e lazer se reúnem para pedir uma campanha de testagem gratuita e em massa para a população identificar casos de Covid, segundo a Abrabar (bares e casas noturnas) e a CNTur (turismo).

**DE NOVO NÃO** As entidades defendem a testagem como forma de prevenção para evitar que a escalada recente de infecções provoque uma nova onda de restrições ao funcionamento de bares, casas noturnas e atividades turísticas. Fabio Aguayo, presidente da CNTur, diz que o cenário também preocupa por causa do aumento nos afastamentos de funcionários infectados e de clientes receosos com a possibilidade de se infectar.

**ACESSO RESTRITO** Tribunais de contas de alguns estados vão suspender a volta ao trabalho presencial após o recesso de fim de ano. Para tentar conter o avanço da ômicron e da gripe, estabeleceram regras mais rígidas para a circulação em seus edifícios. O Tribunal de Contas do Paraná publicou na última sexta (7) uma portaria proibindo a entrada nas dependências do órgão até 31 de janeiro.

**A DISTÂNCIA** Até lá, os servidores devem permanecer em home office e as atividades presenciais ficam restritas a serviços considerados imprescindíveis. No Mato Grosso do Sul, o tribunal de contas suspendeu o expediente presencial até 30 de janeiro. A entrada do público na sede do órgão também está proibida.

**PORTA FECHADA** No Tribunal de Contas do Ceará, foram estabelecidas novas diretrizes de saúde que valem até fevereiro. Entre as medidas, o órgão restringiu o acesso a sessões presenciais às partes interessadas e procuradores.

**SALTO ALTO** O setor calçadista brasileiro projeta um crescimento de 5% nas exportações em 2022 em relação ao ano passado, segundo a Abicalçados (Associação Brasileira das Indústrias de Calçados). Foram as exportações que sustentaram a recuperação das atividades da indústria calçadista em 2021 após o baque do primeiro ano da pandemia, diz a entidade.

**SAPATO** O país encerrou o ano com 123,6 milhões de pares embarcados para o exterior, 32% a mais do que no ano anterior. Foram cerca de R$ 5,1 bilhões negociados, alta de quase 37%. O avanço foi puxado pelos Estados Unidos, principal destino do produto brasileiro em 2021. As importações também subiram.

**VOO** O fechamento de 2021 na Decolar confirmou Rio de Janeiro e Cancún como destinos mais procurados pelos brasileiros. O ano também se consolidou como ponto de retomada após o período mais restritivo da pandemia para o setor. Cancún se destacou como escala aos viajantes rumo aos EUA antes da liberação.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

# INDICADORES

### JUROS

Dez., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

Fonte: Procon-SP

### CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência dezembro

| Autônomo, empregador e facultativo | | |
|---|---|---|
| Valor mín. R$ 1.100,00 | 20% | R$ 220,00 |
| Valor máx. R$ 6.433,57 | 20% | R$ 1.286,71 |

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 17.jan

| MEI (Microempreendedor) | | |
|---|---|---|
| Valor mín. R$ 1.100 | 5% | R$ 55,00 |

| Assalariado | Alíquota |
|---|---|
| Até R$ 1.100 | 7,5% |
| De R$ 1.100,00 a R$ 2.203,48 | 9% |
| De R$ 2.203,49 a R$ 3.305,22 | 12% |
| De R$ 3.305,23 a R$ 6.433,57 | 14% |

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.jan. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

### IMPOSTO DE RENDA

| Em R$ | Alíquota, em % | Deduzir, em R$ |
|---|---|---|
| Até 1.903,98 | isento | |
| De 1.903,99 até 2.826,65 | 7,5 | 142,80 |
| De 2.826,66 até 3.751,05 | 15 | 354,80 |
| De 3.751,06 até 4.664,68 | 22,5 | 636,13 |
| Acima de 4.664,68 | 27,5 | 869,36 |

### EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

| R$ 1.296,32 | Valor, em R$ |
|---|---|
| Empregado | 116,66 |
| Empregador | 259,26 |

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 7.jan. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico pode ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

# Como equilibrar as finanças

Prepare-se para o desafio de pagar muitas despesas com os mesmos rendimentos

**Marcia Dessen**

Planejadora financeira CFP ("Certified Financial Planner"), autora de "Finanças Pessoais: O Que Fazer com Meu Dinheiro"

*Os gastos aumentam no fim do ano com as comemorações em família, entre amigos, e a compra de presentes. E se acumulam com as despesas do início de ano, que não são poucas: a viagem de férias, novo período escolar e os impostos IPTU, IPVA e Imposto de Renda.*

*Mesmo os orçamentos mais equilibrados e controlados sentirão o aperto, e será um desafio pagar todas as contas sem recorrer a empréstimos, hipótese que precisa ser evitada para não agravar o problema.*

*Não podemos usar a desculpa do inesperado, tínhamos conhecimento dessas despesas com muita antecedência, e o ideal seria nos prepararmos previamente, formando uma reserva para bancar os gastos extraordinários, guardando dinheiro durante o ano todo, um pouquinho a cada mês, ou a cada entrada extra de dinheiro.*

*A restituição do Imposto de Renda, por exemplo, deveria ser guardada para pagar o IR do ano seguinte ou parte do IPTU e do IPVA. Os assalariados que recebem um salário mais generoso nas férias deveriam destinar esse bônus exatamente para a finalidade atribuída, a viagem de férias com a família ou amigos.*

*Quem planeja e guarda uma reserva para esse acúmulo de despesas atravessa esse período com tranquilidade. Quem não se preparou precisa de um plano, de alternativas.*

*O parcelamento das compras feitas via cartão de crédito e dos impostos é uma delas. Entretanto, o parcelamento adia, mas não resolve o problema. O orçamento mensal será comprometido pelo acréscimo dessas despesas extraordinárias.*

*Não adianta parcelar se, simultaneamente, não tivermos um plano para fazer caber no orçamento. E só há duas formas de fazermos isso, reduzindo despesas ou aumentando a renda.*

*Importante não confundir o parcelamento das compras feitas com o cartão, sem juros aparentes, com o parcelamento da fatura do cartão, feito com a utilização do caro e impagável crédito rotativo.*

*Se a despesa original não cabe no orçamento, mais complicado será quando forem acrescidos os juros. Parcelar uma fatura de R$ 1.000 em 12 prestações de R$ 185, com juros de 15% ao mês, pode parecer uma solução, mas não é. Ao final dos 12 meses, mais de R$ 2.000 saíram do seu bolso.*

*Sabe aquela compra (ou mais de uma) de R$ 1.000 que parecia um bom negócio? Pois é, custou R$ 2.000, o dobro, se a fatura do cartão foi parcelada. Péssimo negócio.*

*Buscando soluções para resolver os problemas provocados pela falta de planejamento, vejamos o que podemos fazer... Realizar trabalho extra para aumentar a renda, vender alguma coisa que tenha valor, realizar permuta oferecendo prestação de serviço em troca de outro serviço, adiar compromissos que permitam essa possibilidade, renegociar contratos de serviços, essas são algumas alternativas.*

*Quem foi prudente e guardou dinheiro para essas despesas excedentes tem a chance de pagar alguns impostos à vista, como o IPTU e IPVA, por exemplo, beneficiando-se do desconto concedido.*

*Entretanto, é preciso ficar atento para não ficar sem liquidez. Quem fica com o caixa muito justo corre o risco de ser obrigado a parcelar a fatura do cartão de crédito diante de qualquer imprevisto futuro. O custo desse parcelamento será muito maior do que o desconto, não compensa optar pelo pagamento à vista; preferível ficar com o caixa e parcelar os impostos sem a incidência de juros.*

*Comece desde já a formar uma reserva para as despesas extraordinárias do novo período que acaba de começar. Poupe antes, gaste depois, e escreva um final mais feliz para o próximo capítulo dessa história.*

marcia.dessen@gmail.com

# Pagamento à vista do IPVA em SP começa a vencer nesta 2ª

**Fernanda Brigatti**

SÃO PAULO O pagamento do IPVA (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores) à vista com desconto de 9% começa a vencer nesta segunda (10) em São Paulo. O prazo termina para os proprietários de carros e motos com placa terminada em 1.

O calendário definido pela Fazenda estadual segue até o dia 21 de janeiro e considera sempre o último número da placa do veículo. Quem não fizer o pagamento do tributo do carro neste mês ainda poderá quitar o imposto sem cobrança de multa em fevereiro. Haverá desconto sobre o valor devido, mas ele será menor, de 5%. O abatimento também valerá para quem optar por dividir o débito —o parcelamento será em cinco vezes.

Na avaliação do educador financeiro André Medeiros, o motorista deve considerar apenas duas possibilidades entre as três disponibilizadas pelo estado, que são o pagamento com desconto de 9% em janeiro e o parcelamento.

"Se não tenho um benefício a mais para pagar à vista [em fevereiro], tiraria do meu planejamento essa opção e iria direto para o parcelamento, que também tem os 5% de desconto", diz.

A sistemática de incentivo ao pagamento em dia apresentada em 2022 difere do que costuma ser adotado justamente por manter a concessão do desconto também para quem adotar o parcelamento.

Para Medeiros, o pagamento à vista a partir desta segunda é vantajoso, mas apenas para o contribuinte que é também investidor. Ou seja, mantém uma reserva fixa para despesas inesperadas e tem o dinheiro do IPVA em seu planejamento de despesas.

Esse tipo de contribuinte também terá seu orçamento de início de ano menos pressionado pelo aumento no valor final do IPVA. A alíquota do imposto não mudou e ainda é de 4% para os veículos movidos a gasolina e biocombustíveis, mas a valorização dos carros usados fez o valor a ser pago subir, em média, 22,54%.

"Considerando as cinco parcelas possíveis, você dificilmente encontra no mercado uma aplicação que pague mais de 2% ao mês. Em uma conta simples, o desconto de 9% torna o pagamento à vista muito vantajoso", afirma o educador financeiro.

O especialista ressalta, porém, que essa vantagem só existe para quem tem o dinheiro de urgências reservado. Para quem está endividado ou com orçamento apertado, hipóteses como empréstimos devem ser descartadas.

Os motoristas nessas situações devem considerar o parcelamento, diz o especialista. Para ele, o desconto de 5% à vista para o pagamento a partir de 10 de fevereiro é inócuo na perspectiva do devedor.

A falta de pagamento do IPVA sujeita o dono do carro a multa de 0,33% por dia de atraso mais juro calculado pela Selic (a taxa básica de juros, hoje em 9,25% ao ano). Após 60 dias de atraso, a multa passa a ser de 20% do valor devido.

A consulta ao valor e o pagamento podem ser feitos nos diversos canais da rede bancária, como aplicativos, terminais de autoatendimento e no internet banking. Banco do Brasil, Bradesco e Santander não recebem mais o pagamento do IPVA nos caixas.

No site da Secretaria da Fazenda de São Paulo há uma página dedicada à consulta. O dono do carro precisará informar a placa e o número do Renavam, que consta no documento do veículo, o CRLV.

Após quitar o IPVA à vista, o dono de veículo em São Paulo também poderá antecipar o licenciamento obrigatório, que só começa a vencer em julho.

# Bolsonaro busca solução após veto ao Refis

Uma possibilidade é permitir que MEIs e empresas do Simples não sejam descadastradas pela Receita Federal

Marianna Holanda

BRASÍLIA Depois de ter vetado o projeto de renegociação de dívidas de empresas do Simples Nacional e MEIs, o presidente Jair Bolsonaro (PL) disse no sábado (8) que trabalha numa medida provisória ou portaria para o setor. "Não vamos desamparar esse pessoal, é uma base da economia muito forte, então eles serão atendidos", afirmou.

Inicialmente, o presidente queria ter sancionado a proposta. Mas, aconselhado pelas equipes econômica e jurídica, vetou integralmente, desagradando o Congresso. Parlamentares já prometem derrubar o veto na volta dos trabalhos do Legislativo.

O episódio gerou mal estar com a pasta de Paulo Guedes. Segundo o presidente, o projeto aprovado por parlamentares tinha dois "riscos": a ausência de uma fonte de compensação, o que violaria a Lei de Responsabilidade Fiscal; e a lei eleitoral.

Foi o segundo atrito num período de poucas semanas com o ministério. No último dia de 2020, Bolsonaro ignorou a equipe econômica e sancionou a desoneração da folha de pagamento de 17 setores por mais dois anos. Bolsonaro relembrou o episódio e disse que, em alguns momentos, o Ministério da Economia "deixa a desejar".

"Nós fomos contra a Economia [no veto da desoneração da folha] e acabamos vencendo sem risco para nosso lado. Lamentavelmente, a Economia faz um trabalho excepcional para a gente, mas em alguns momentos deixa a desejar. É um ministério muito grande. Paulo Guedes é competente, conta com nosso apoio, mas conta com quatro ministérios pesados."

O vice-líder do governo no Senado e autor do projeto de renegociação de dívidas, Jorginho Mello (PL-SC), se queixou da postura da equipe de Guedes, que, segundo ele, escreveu o projeto de lei vetado por Bolsonaro. Mello também comentou a possibilidade de o Planalto editar uma medida provisória. À Folha, ele diz que a ideia é sinalizar que os microempreendedores não saiam do cadastro da Receita Federal, já que ele tem a expectativa de derrubar o veto no Congresso.

"Vamos ver o que o presidente vai editar, se é uma medida provisória, recomendação do Paulo Guedes, para que a Receita não descadastre os 600 mil microempreendedores que estão em atraso até 31 de janeiro. Se descadastrar fica muito ruim", disse o senador.

# Games pagam para serem jogados

Há relatos de pessoas que abandonaram seus empregos para jogar em período integral

**Ronaldo Lemos**

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

*Já imaginou ganhar dinheiro para jogar videogame? Esse cenário improvável há alguns anos é realidade hoje.*

*Há uma concorrência cada vez maior entre os jogos chamados "play-to-earn" (jogue para ganhar). Neles, os jogadores que dedicam seu tempo ao game são remunerados de diversas formas, inclusive com NFTs e criptomoedas. Há relatos no Brasil de pessoas que abandonaram seus empregos para se tornarem jogadores em período integral, vivendo dos recursos obtidos nessas plataformas.*

*O modelo é resultante da fusão entre o universo dos games com o campo das criptomoedas, blockchains, NFTs e dos mercados que se formaram em torno dessas tecnologias. Muitos dos jogos disponíveis são gratuitos. No entanto, a fim de avançar no jogo e ser mais competitivo, o jogador precisa investir tempo ou dinheiro para obter experiência, adquirir armas e outros itens virtuais, realizando tarefas para obtenção de recursos escassos.*

*Tudo isso está presente também em outros jogos. A diferença é que, nos games play-to-earn, a propriedade sobre esses itens é dada para os jogadores, que podem juntar recursos, itens ou personagens cobiçados, convertendo-os em criptomoedas que podem então ser trocadas por dinheiro.*

*Há várias plataformas competindo por jogadores hoje. Exemplos incluem o "Axie Infinity", o "Thetan Arena" e o sul-coreano "Mir4", que vem crescendo no Brasil. Esse último incentiva a cooperação e a formação de grupos (chamados de clãs) entre os jogadores, uma vez que vários objetivos só podem ser alcançados coletivamente. Alguns clãs têm centenas de usuários.*

*O que chama a atenção nesse tipo de jogo é a quantidade de trabalho que demandam. No Mir4, para obter dinheiro, é preciso realizar diversas tarefas (inclusive mineração repetitiva), com vistas a obter um minério fictício. O game transforma o jogador ao mesmo tempo em empreendedor e trabalhador precário, que precisa planificar seu tempo, custos, investimentos e colaboração/competição com outras pessoas para ter lucro em vez de prejuízo como resultado.*

*O modelo play-to-earn pode ser revelador sobre o estado atual não só dos games mas das plataformas na internet. Antes dele era até possível ganhar dinheiro com games, mas isso acontecia apenas entre uma elite dos jogadores que se profissionalizava e se tornava celebridade, concentrando a maior parte das receitas possíveis. Os jogos play-to-earn, por sua vez, distribuem o "bolo" entre um grande número de jogadores dispostos a comparecer (ou melhor, a trabalhar) dentro da plataforma.*

*O mesmo modelo poderia ser pensado com relação às mídias sociais. Há hoje inúmeros usuários gerando conteúdo para essas plataformas. No entanto, tal como nos games, apenas uma elite gera renda através do conteúdo que produz.*

*O modelo play-to-earn lança assim um desafio: e se fosse possível distribuir o "bolo" entre a maior parte dos usuários? Por exemplo, pagando a quem está dentro de uma rede social pelo "comparecimento" da mesma forma como se estivesse em um jogo play-to-earn? Incentivando a colaboração entre os usuários para realizar tarefas e remunerando uma parcela significativa deles pelo investimento contínuo na "geração de conteúdo"?*

*Talvez a fusão entre plataformas da internet de todos os tipos (e não só de games) com as criptomoedas seja uma revolução. Se positiva ou não, veremos.*

*Obrigado a Guilherme Vitorino pelas contribuições.*

**READER**

***Já era*** *Jogar e não ganhar nada*

***Já é*** *Play-to-earn (ser pago para jogar videogames)*

***Já vem*** *Live-to-earn (ser pago para desempenhar atividades da vida)*

| DOM. Colunista, Colunista | SEG. Colunista, Colunista | TER. Colunista, Colunista | QUA. Colunista, Colunista | QUI. Colunista, Colunista | SEX. Colunista, Colunista | SÁB. Colunista, Colunista

# Latam cancela voos programados até o dia 16 após casos de Covid-19

**RIO DE JANEIRO** A Latam anunciou, neste domingo (9), que cancelou cerca de 1% de seus voos domésticos e internacionais —47 até o momento— programados para o mês de janeiro. A causa é o aumento de casos de Covid-19 e de influenza por todo o país.

Segundo comunicado, os clientes que tiveram o voo alterado podem remarcar a viagem sem multa e diferença tarifária ou solicitar o reembolso da passagem, também sem multa.

O aumento de casos está afetando o cenário do transporte aéreo. Na sexta-feira (7), a Azul Linhas Aéreas já havia anunciado que o percentual de voos cancelados dobrou desde quinta (6). Em nota, a companhia disse que 10% do total de voos foram atingidos, o que equivale a 90 voos diários.

Passageiros da Latam que forem diagnosticados com Covid-19 podem remarcar uma vez a data do voo sem multa, mas pagando diferença tarifária, caso haja. O cliente poderá viajar a partir de 14 dias após o diagnóstico da doença ou certificando que não está mais na fase de contágio.

Devido ao aumento de infectados, a Gol emitiu uma nota, na quinta (6), afirmando que houve aumento de casos no quadro de funcionários, mas que nenhum voo tinha sido cancelado ou sofrido alteração. No entanto, afirma estar alerta.

A Gol diz ainda que 100% de seus funcionários estão imunizados e que "somente com a população amplamente imunizada será possível superar mais este desafio que a pandemia apresenta".

**Anelise Gonçalves**

**mpme**

Cairê Aoas, sócio da Fábrica de Bares, no bar Jacaré Grill, na Vila Madalena (SP) Ronny Santos/Folhapress

# Empresas fechadas no começo da pandemia reabrem renovadas

## Negócios devem ser transparentes ao comunicar mudanças para não frustrar consumidor

**Marília Miragaia e Renan Marra**

SÃO PAULO Depois de fechar no início da pandemia, empresários usaram a pausa de meses para reestruturar negócios e reabrir com novas estratégias e produtos. Para engatar a retomada, dizem especialistas, é preciso ser claro na comunicação e atender a um novo momento do consumidor.

É o caso do Jacaré Grill, tradicional bar na Vila Madalena, em São Paulo, que após 21 meses fechado reabriu no mês passado, depois de reestruturar o ambiente e o cardápio.

Conhecida pelas carnes, a casa agora aposta também em opções preparadas na brasa para atender vegetarianos e veganos, e destaca o aproveitamento integral de alimentos e uso de orgânicos.

"A gente aproveitou para reformar e construir uma proposta nova. Adaptamos o projeto para tendências que as pessoas estão buscando, como a de áreas abertas", diz Cairê Aoas, 38, sócio da Fábrica de Bares, que faz a operação e gestão da empresa.

O processo de obras do Jacaré Grill, diz ele, não aconteceu em ritmo acelerado porque não havia uma ideia clara de quando a reabertura deveria acontecer, por causa das diferentes ondas da Covid-19.

Além disso, como a casa passou por uma reformulação de conceito, contemplado demandas de um público mais jovem, a reinauguração demandou esforço de comunicação e treinamento. "Em outubro, quando percebemos as pessoas mais seguras por causa da vacina, decidimos cravar uma data", diz Cairê.

A pandemia mudou o comportamento do consumidor, que, além de estar atento a medidas de segurança, busca ainda mais valores como sustentabilidade e diversidade, diz César Rissete, gerente de competitividade do Sebrae.

"Essa é uma boa oportunidade para o empresário se reapresentar ao público. Não apenas de dizer 'estou de volta', mas também 'estou voltando com um novo olhar'."

Para Rissete, canais de comunicação se tornam ferramentas indispensáveis porque são usados para dar suporte às escolhas do cliente.

"O consumidor vai olhar o Instagram daquela cafeteria para ver se ela está seguindo procedimentos sanitários ou se usa produtos locais e sustentáveis. O cliente tem valorizado e pago por isso."

No novo momento de um negócio, o empreendedor deve ser transparente ao comunicar as alterações na sua atividade. "Não precisa entrar em detalhes. É só dizer de forma clara o que foi mantido e o que não, porque se você não dá informação suficiente, o cliente se frustra", diz Soraia Lima, especialista em marketing digital.

Aberta em 2018, a Lich Kombucha teve de paralisar sua produção por causa das medidas de restrição. A empresa produz bebida fermentada, o kombucha, e vende para lojas, mercados e restaurantes.

Preocupada ao ver suas reservas financeiras diminuírem, a fundadora da marca, Tania Lichtenfels, 44, decidiu apostar em uma reestruturação e foi estudar o mercado.

Tania tinha um espaço alugado em Macaé, cidade litorânea do Rio de Janeiro, e mudou suas operações para Nova Friburgo, região serrana do estado que tem colonização alemã e tradição cervejeira.

Chopeira usada pela Lich Kombucha durante evento Divulgação

Mas o processo de mudança não foi fácil. Na nova cidade, Lichtenfels foi surpreendida com a dificuldade de adaptação da cultura de bactérias e leveduras responsáveis pela fermentação na bebida.

Apesar das dificuldades, a mudança foi determinante para a sobrevivência do negócio. A Lich Kombucha retomou suas atividades em fevereiro de 2021, depois de quase sete meses sem produzir. Hoje, embora ainda sem lucro, as receitas pagam todos os custos da operação.

A empreendedora mudou a comercialização, usando chopeiras em eventos gastronômicos para degustação do kombucha, que, por ser fermentado, pode ter resistência inicial. A ideia tem dado resultados, mas, com o avanço da ômicron, as vendas recuaram novamente.

Nos períodos mais duros da pandemia, a Lich Kombucha continuou usando as redes sociais para não perder o contato com o consumidor. Mesmo nos meses em que a empresa não pôde produzir, os perfis da marca publicaram reportagens sobre a bebida. A mudança de cidade também foi anunciada pela internet.

No caso da 8GSF, que comercializa produtos químicos, o cronograma foi paralisado no início da pandemia, quando a empresa estava prestes a iniciar suas operações.

No momento, o carro-chefe da 8GSF é um desengraxante multiuso (usado na limpeza de superfícies diversas, para remoção de óleos e gorduras), segundo a empresa, livre de petroquímicos e 100% biodegradável —que foi desenvolvido durante a pandemia.

Com a explosão da demanda por itens de limpeza, os insumos sumiram do mercado e a companhia teve de interromper as atividades.

"Quem já estava estabelecido viu as vendas aumentarem. Os distribuidores priorizaram os consumidores de larga escala e que já eram seus clientes. Como não tínhamos histórico, ficamos no meio do caminho", afirma Marcelo Ferreira, 55, fundador.

O empreendedor manteve os investimentos no estudo mercadológico e desenvolvimento de novos produtos e, em outubro do ano passado, voltou a produzir. Agora, tenta financiamento via BNDES para alavancar a operação. Hoje, a 8GSF tem 25 representantes comerciais, mas espera chegar a 400 nos próximos meses.

"De certa forma, a pandemia serviu para ajustar a casa. Comercializamos produtos com selo de sustentabilidade e tecnologia embarcada. Talvez, se errássemos no início, comprometeríamos nossa credibilidade", diz Ferreira.

# Maioria de cursos de direito não aprova nem 30% na OAB

## Só em 5,4% das instituições mais da metade dos alunos passam no exame

**Estêvão Gamba e Sabine Righetti**

SÃO PAULO Nove em cada dez instituições que oferecem o curso de direito no Brasil aprovam menos de 30% dos seus alunos na prova da OAB (Exame da Ordem dos Advogados do Brasil). O desempenho mínimo na avaliação é obrigatório para o exercício da advocacia no país.

Os dados foram tabulados pela **Folha** considerando a porcentagem de aprovados no exame da OAB em relação aos presentes nas provas em três anos (de 2017 a 2019). Três exames são realizados por ano.

Ao todo, 790 instituições de ensino superior que têm curso de direito foram avaliadas. Isso representa todas as escolas ativas do país com pelo menos 50 presentes ao ano nos exames da ordem (que não tenham zerado na prova).

Na maioria delas (679), menos de 30% dos alunos e ex-alunos que fizeram o exame tiveram nota suficiente para passar na prova.

Uma delas é o Centro Universitário de Bauru, a 330 km da capital paulista, mais conhecido como Instituto Toledo de Ensino (ITE). A escola está em 122º lugar no ranking nacional da OAB (com 28,82% de aprovados no exame).

O ITE virou assunto recentemente, em abril, quando a advogada Claudia Mansani Queda de Toledo assumiu a presidência da Capes, agência federal ligada ao MEC que avalia a pós-graduação no país. Toledo era reitora da instituição, que foi criada pela sua família.

Foi lá, também, que estudou o ministro da Educação, Milton Ribeiro.

Um número ainda menor de escolas —5,4% do total de instituições avaliadas— consegue aprovar pelo menos metade dos seus alunos no exame da OAB. Em 1º lugar nacional está a FGV Direito Rio (Escola de Direito do Rio de Janeiro) com 79,33% de aprovados, seguida pela USP (73,64%) e pela UFMG (73,10%).

O curso de direito tem a maior demanda nacional - passou, em 2014, o número de ingressantes de administração de empresas.

"É uma formação muito procurada por causa de profissões jurídicas que remuneram muito bem. Tem basicamente biblioteca, lousa e giz —e há muitos cursos de má qualidade", afirma Nina Stocco Ranieri, que é professora da Faculdade de Direito da USP.

> "É uma formação muito procurada por causa de profissões jurídicas que remuneram muito bem. Tem basicamente biblioteca, lousa e giz —e há muitos cursos de má qualidade
>
> **Nina Stocco Ranieri**
> professora da Faculdade de Direito da USP

Ela tem se dedicado a pesquisar indicadores de avaliação de cursos jurídicos. "É um curso conservador, as leis são conservadoras. Os cursos têm de repensar o seu formato", avalia Ranieri.

Quem tem repensado é justamente a líder nacional em aprovação na OAB, FGV Direito Rio. O curso de direito da instituição nasceu há menos de 20 anos em período integral, baseado em projetos e com grande apelo internacional —há disciplinas em inglês, e os alunos são estimulados a fazer intercâmbio. Na grade tem até linguagem de programação.

"A prova da ordem é apenas um indicador, uma consequência do rigor acadêmico", avalia Sérgio Guerra, diretor do curso.

Outro aspecto que ele considera fundamental para o bom desempenho no exame é a proximidade entre professores e alunos -"que têm nome e sobrenome". Isso é um diferencial: turmas de direito chegam a ter centenas de estudantes, o que dificulta interações com docentes e mentorias mais personalizadas.

A **Folha** avaliou as instituições de ensino superior que oferecem direito a partir do seu cadastro no MEC. No caso de escolas com mais de um curso ou com graduação em mais de um campus, foi feita uma média da aprovação na OAB de todos os alunos daquela instituição.

Apenas no caso da USP —que oferece o curso de direito no Largo de São Francisco (em São Paulo) e em Ribeirão Preto (330 km da capital paulista)— foi feita uma análise específica das taxas de aprovação na OAB em cada campus.

O curso de São Paulo foi criado por decreto imperial em 1827—anterior à própria instituição da USP, universidade à qual o Largo de São Francisco foi incorporado mais de um século depois.

Já o curso de Ribeirão Preto tem menos de quinze anos, e já passou por uma reformulação do projeto pedagógico em 2017.

Se fosse uma escola independente, a USP de Ribeirão Preto seria líder nacional com 79,88% de aprovados no exame da ordem. Assim como a FGV Direito Rio, a graduação USP do interior de São Paulo é em período integral e tem abordagem multidisciplinar, com disciplinas que vão além da área jurídica.

Essa é a segunda vez que a **Folha** avalia a porcentagem de aprovação na OAB dos cursos de direito oferecidos no país, considerando o percentual de aprovados finais no exame. A primeira análise foi publicada no RUF - Ranking Universitário **Folha** de 2019.

No RUF, foi avaliada a aprovação nos exames da ordem de 2015, 2016 e 2017. Na época, a Unesp liderava em aprovação na OAB no país, seguida pelas federais de Pernambuco (UFPE) e de Viçosa (UFV).

Também foram analisados no ranking indicadores como titulação do corpo docente, nota dos formandos no Enade (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) e percepção do mercado de trabalho.

Com todos esses aspectos, as melhores escolas de direito do país no RUF 2019 foram, respectivamente, USP, UFMG e FGV-SP (que, nos dados do MEC, é uma instituição diferente da FGV Rio).

Como considera os exames da OAB de 2017 a 2019, o retrato atual da **Folha** é anterior à Covid-19. Para Nina Ranieri, a pandemia pode ter piorado a qualidade dos cursos de direito do país, que não se prepararam para a oferta da formação de maneira remota.

"Temo que os próximos resultados sejam ainda piores."

**As melhores escolas de direito do país, de acordo com a aprovação na OAB**

% de aprovados na OAB*

% aprovação na OAB em relação aos presentes em todos os exames da OAB em três anos (2017-2019)

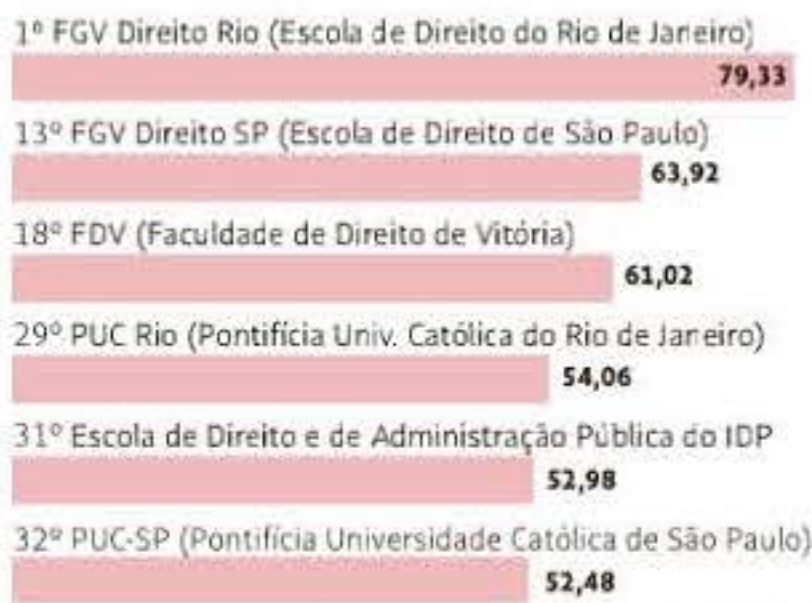
Critérios de corte: foram excluídas da avaliação as instituições de ensino que zeraram (nenhum aprovado) ou que tiveram menos de 50 presentes ao ano no exame da OAB

**790 instituições de ensino superior que oferecem curso de direito foram avaliadas das quais:**

Somente **5,4%** das instituições avaliadas (43 ao todo) aprovam mais da metade dos alunos na OAB

**dessas, apenas cinco são privadas:**

% de aprovados na OAB

| Instituição | % |
|---|---|
| 1º FGV Direito Rio (Escola de Direito do Rio de Janeiro) | 79,33 |
| 13º FGV Direito SP (Escola de Direito de São Paulo) | 63,92 |
| 18º FDV (Faculdade de Direito de Vitória) | 61,02 |
| 29º PUC Rio (Pontifícia Univ. Católica do Rio de Janeiro) | 54,06 |
| 31º Escola de Direito e de Administração Pública do IDP | 52,98 |
| 32º PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) | 52,48 |

*Ranking feito com a mesma metodologia do RUF 2019
**79,88% na USP de Ribeirão Preto e 72,47% na USP de São Paulo
Fonte: OAB - Exame de Ordem 2017-2019

# Defensoria tentará novamente absolvição de condenada por furto de doces em 2013 em MG

**Isac Godinho**

CONSELHEIRO LAFAIETE (MG) A Defensoria Pública de Minas Gerais tentará novamente obter a absolvição de uma mulher condenada pelo furto de 18 chocolates e 89 chicletes. A instituição vai recorrer da decisão do ministro Kassio Nunes Marques, do Supremo Tribunal Federal (STF), que manteve a condenação.

Segundo a defensora Adriana Campos, devido ao recesso forense, algumas medidas não são examinadas neste período. No entanto, o órgão já está com o recurso pronto para ser protocolizado.

Após o recurso, o processo volta para as mãos do ministro. Caso ele mantenha sua decisão, a questão será julgada pela segunda turma do STF, que deverá proferir uma decisão colegiada.

O crime ocorreu em 2013 na cidade de Boa Esperança, localizada no sul de Minas Gerais, a cerca de 280 km de Belo Horizonte. Os itens foram avaliados, à época, em R$ 50.

O caso chegou ao STF por meio da Defensoria Pública de Minas, que buscava a absolvição da mulher por meio da aplicação do princípio da insignificância. É comum que ações como essa sejam levadas ao STF, buscando a liberação de pessoas condenadas por furtos cujos valores são muito baixos.

"Mesmo oito anos atrás, R$ 50 não era um valor que justificasse a movimentação da máquina judiciária em torno de um furto tão insignificante", afirma a defensora.

Segundo ela, a condenada era ré primária, tinha bons antecedentes, confessou o crime à época e não resistiu à prisão, o que afastaria a periculosidade dela na visão da Defensoria. Além disso, os bens furtados foram restituídos à vítima.

"O único motivo que impediu que fosse aplicado o princípio da insignificância, que foi alegado em todas as instâncias, é que o furto teria sido praticado em concurso de agentes, pois ela estava acompanhada de outra pessoa", diz Adriana.

No entendimento do ministro Nunes Marques, a jurisprudência do STF é firme na questão de que o furto qualificado por concurso de agentes, como no caso em questão, indica a reprovabilidade do comportamento.

Sob essa justificativa, ele indeferiu o pedido de habeas corpus.

"O Supremo Tribunal Federal já firmou orientação no sentido da aplicabilidade do princípio da insignificância no sistema penal brasileiro desde que preenchidos, cumulativamente, os seguintes requisitos: 'a) a mínima ofensividade da conduta do agente, b) nenhuma periculosidade social da ação, c) o reduzidíssimo grau de reprovabilidade do comportamento e d) a inexpressividade da lesão jurídica provocada'", escreveu o ministro.

A decisão do ministro também se amparou no parecer do Ministério Público Federal, que foi contrário à aplicação do princípio da insignificância no caso em questão.

Adriana Campos afirma que a decisão do ministro contraria outras tomadas pela Segunda Turma do STF e que, por isso, a Defensoria recorrerá.

Em 2017, a mulher foi condenada a dois anos de reclusão. Após uma apelação parcialmente atendida, em 2020, a pena foi reduzida para oito meses de reclusão. Desde então, a Defensoria recorreu às instâncias superiores, buscando a absolvição dela.

"A primeira decisão data de 2017, mas o processo é de 2013. Nós temos, então, mais de oito anos em que a Justiça brasileira está trabalhando por conta desse furto de menos de R$ 50", afirmou a defensora Adriana Campos.

Segundo ela, em levantamento feito pela Defensoria Pública de Minas Gerais em agosto de 2020, cerca de 70% dos pedidos de habeas corpus impetrados e aceitos pelo STF eram relativos à aplicação do princípio da insignificância em casos de furtos de produtos do gênero alimentício.

Em novembro, o ministro Alexandre de Moraes, do STF, revogou a prisão de uma diarista que estava em uma cadeia em Minas Gerais sob a acusação de furtar água. A mulher, que é mãe de um menino de cinco anos, ficou presa por mais de cem dias.

# São Paulo tem previsão de semana nublada com pancadas de chuvas

SÃO PAULO Após a primeira semana do ano de chuvas e tempo nublado, a cidade de São Paulo deve seguir fazendo jus ao apelido de "terra da garoa". O início da semana segue com o tempo encoberto, máxima de 22°C e mínima de 17°C.

Porém, a boa notícia é que a previsão indicada que o clima vai melhorando gradativamente ao longo da semana, segundo o Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia). Na terça-feira (11), por exemplo, a máxima na capital paulista é de 24°C e, na quarta (12), é de 26°C.

As pancadas de chuvas devem continuar, mas de forma mais isoladas e não tão significativas como no litoral do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, que devem seguir com chuvas fortes até quarta-feira.

No fim do ano passado, tempestades causaram uma série de problemas na Bahia e no norte de Minas Gerais, causando mortes e alagamentos e levando dezenas de cidades a declararem estado de emergência.

Em Minas Gerais, por exemplo, a alta precipitação foi responsável por acidentes neste fim de semana, como em Capitólio, que ocorreu a queda de parte de um cânion, e um dique de barragem próximo a Belo Horizonte que transbordou.

A previsão é que a situação continue assim pelos próximos dias. O Inmet, inclusive publicou neste domingo (9) um alerta de chuvas intensas, com perigo de alagamento —a previsão é que a tempestade dure até segunda (10). Além de Minas Gerais, o aviso também inclui o Espírito Santo.

No estado de São Paulo, as chuvas devem acontecer principalmente no Vale do Paraíba e no litoral. Nesta região, uma massa de ar seco deve ganhar força e o tempo pode abrir até o fim de semana, diz Clauber Souza, meteorologista do Inmet.

O tempo quente deve ser predominante na região oeste paulista, localizadas na fronteira com o Mato do Grosso do Sul, onde os termômetros podem marcar até 30°C nesta semana.

Há um alerta de tempestade para parte de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul neste domingo, com risco de chuva de granizo e queda da energia elétrica.

Oficiais da Marinha e do Corpo de Bombeiros participam das buscas pelas vítimas no largo de Furnas, em Capitólio (MG) Eduardo Anizelli/Folhapress

# Desabamento em Capitólio matou adolescente e amigos de infância

Entre as vítimas da tragédia em Minas Gerais estão quatro membros de uma mesma família

**Paulo Eduardo Dias**

CAPITÓLIO (MG) Do alto da MG-050, que margeia os cânions do lago de Furnas, a diarista Vera Lucia Ferreira da Silva, 53, lembrava neste domingo (9) os minutos seguintes à queda de parte de um cânion que testemunhou.

"As equipes de resgate não haviam chegado. Só havia um jet-ski ajudando a tirar o pessoal da água e colocando em um paredão. Pegaram o nosso gelo para estancar sangue [das vítimas]", disse ela.

Por volta das 15h30, alguns turistas tomavam chuva na beira da rodovia na tentativa de acessar com os olhos o ponto exato da tragédia, algo impossível devido ao relevo.

A professora Talita Nóbrega, 33, moradora de Assis Chateaubriand (PR), disse que seu grupo já estava na lagoa há algum tempo e retornava para a região dos cânions, quando foram avisados sobre o acidente.

"Nós passamos pelo local antes. Estávamos voltando quando nos avisaram do que havia acontecido. É terrível. Arrepiador. Andar de lancha é bom, o passeio é bom, mas tem risco. [Agora] só longe dos paredões".

O empresário carioca Carlos Storani, 52, e mais oito amigos navegariam neste domingo pelo local. "Nosso passeio era hoje, mas foi cancelado."

Nas águas abaixo, os mergulhadores dos bombeiros localizaram mais três corpos de vítimas do acidente de sábado (8), que matou dez pessoas. Não há mais desaparecidos.

Todas as vítimas estavam na lancha Jesus. Era um grupo de nove amigos - quatro da mesma família -, além do piloto Rodrigo Alves dos Anjos, 40.

Os corpos foram encaminhados para o IML (Instituto Médico Legal) de Passos, na mesma região de Capitólio, onde as famílias das vítimas se encontravam aguardando a liberação para enterro.

Devido ao estado dos corpos, que ficaram mutilados, os legistas têm encontrado dificuldade em identificar as demais vítimas, sendo necessário coletar material genético.

O primeiro morto identificado foi do aposentado Júlio Borges Antunes, 68. Seu corpo chegou ao velório do cemitério de São José da Barra (MG) por volta das 16h30. Sob chuva e forte comoção, cerca de 50 pessoas da pequena cidade estiveram no local, para prestar as últimas homenagens.

Sua sobrinha, a cozinheira Valquíria Antunes, 40, chorava bastante, mas era ela também que tentava dar forças aos seus parentes e amigos dentro do acanhado cemitério. "Ele estava feliz em encontrar o Sebastião [outra vítima], que era amigo de infância dele."

A mulher conta que foi uma surpresa saber que o tio estava entre as vítimas, já que ele nunca havia embarcado em uma lancha. Outro sobrinho, Felipe Antunes, 30, afirmou que seu tio adorava pescar.

O marmorista Rogelhio Francisco das Chagas, 37, afirma que quatro vítimas da tragédia eram de sua família. Segundo ele, o grupo havia deixado a cidade de Serrania (MG) para acampar.

De acordo ele, entre seus familiares mortos já identificados estão o policial militar aposentado de Minas Gerais Sebastião Teixeira da Silva, 63, e a dona de casa Marlene Augusta Silva, 52, esposa de Sebastião. O filho do casal, Geovane Teixeira da Silva, 37, e o neto Geovane Gabriel Oliveira da Silva, 14, também estavam na embarcação. "Vieram a passeio. Estavam acampados em um sítio e resolveram andar de barco", disse Rogelhio.

Quem também se encontrava no Posto de Perícias Integradas de Passos eram os familiares do marinheiro Rodrigo Alves dos Anjos, 40, condutor da lancha e morador de Betim (MG). A esposa e filha estavam muito abaladas, mas a auxiliar administrativa Milena Rodrigues Alves dos Anjos, 21, disse que seu pai era um piloto experiente.

O delegado Marcos de Souza Pimenta, responsável pela investigação do caso, afirmou que "seria prematuro responsabilizar alguém por um acidente dessa magnitude". Segundo ele, o foco no domingo era a identificação das vítimas do acidente.

Ele afirmou que uma investigação preliminar identificou que as lanchas estavam aptas a transportar passageiros. O delegado diz ainda que o clima nublado e chuvoso pode ter evitado um maior número de mortes. "Caso contrário, ali poderia ter 50 a 100 crianças nadando."

"Precisamos de apoio de geólogos para saber se essa erosão pode ser provocada pela chuva ou pelo som das lanchas que param e fazem um escarcéu naquele local", completou.

## Prefeitura tem dever de mapear áreas como a do acidente

**Ana Bottallo**

SÃO PAULO A responsabilidade por monitorar áreas com risco de desastres, como o que ocorreu no último sábado (8) em Capitólio (MG), deixando dez mortos e inúmeros feridos, é da prefeitura, de acordo com a legislação nacional.

Além do monitoramento, o município é responsável também por declarar a situação de emergência e informar sobre zonas de perigo e possibilidade de ocorrência de eventos extremos, bem como estabelecer diretrizes para a prevenção e os alertas em situações de emergência.

De acordo com o artigo 8º da Lei nº 12.608, de 2012, compete aos municípios "identificar e mapear áreas de risco de desastres"; "promover a fiscalização das áreas de risco de desastre e vedar novas ocupações nessas áreas"; "declarar situação de emergência"; e "manter a população informada sobre áreas de risco e ocorrência de eventos extremos, bem como sobre protocolos de prevenção e alerta e sobre as ações emergenciais em circunstâncias de desastres".

O prefeito de Capitólio, Cristiano Geraldo da Silva (PP) disse à **Folha** que haviam sido feitos estudos geológicos na região, mas nenhum deles apontava para o risco de desprendimento de pedras na área dos cânions. Segundo ele, até havia o conhecimento de alguns rolamentos de pedras isoladas, mas não de blocos inteiros e, por isso, não havia uma fiscalização por parte da Defesa Civil para esse risco.

# Estrutura de prédio de 4 andares em BH cede após forte chuva e moradores deixam o local

SÃO PAULO E BELO HORIZONTE Após forte chuva, a estrutura de um prédio no bairro Buritis, na região oeste de em Belo Horizonte (MG) começou a ceder, neste domingo (9). Em vídeos feitos por moradores, é possível ver parte do prédio que desabou. Em nota, a prefeitura informa que não há vítimas e, por questões de segurança, a Defesa Civil orientou os moradores a deixarem o local para uma vistoria de risco.

Após uma análise, foi constatado que não houve danos estruturais no edifício. Nenhum pilar, viga ou laje foi atingido. Apenas o muro que faz divisa com outro prédio. Por isso, nenhum apartamento foi interditado, apenas a garagem e a quadra de esportes.

"Como ação emergencial, pedimos para os moradores fazerem um escoramento preventivo das frações que ainda estão com risco de desabar para evitar que venham ao colapso de maneira abrupta. Inclusive, para dar tempo para os especialistas fazerem os estudos de engenharia adequados para a recuperação do prédio depois", diz Eduardo Pedersoli, engenheiro da Defesa Civil.

Após a chuva dar uma trégua, o clima nas proximidades do edifício era de tranquilidade, com alguns curiosos na rua. Localizado em uma região nobre da cidade, o prédio tem quatro andares e 16 apartamentos.

"Belo Horizonte registra um volume de chuva significativo o que potencializa ocorrências de risco geológico em toda cidade", informa.

A prefeitura orienta que as pessoas redobrem as atenções neste período, observem sinais que possam evidenciar o risco de colapso de muros e moradia, deslizamentos de encostas e não permaneçam nestes locais.

A partir desta terça (11), o prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil (PSD) levará o gabinete para o COP (Centro de Operações da Capital, a fim de dar mais agilidade às ações relacionadas às fortes chuvas da capital e região metropolitana. O estado de MG passa por forte período de chuvas.

Parte do prédio que cedeu em Belo Horizonte (MG) Reprodução

## MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

## Em 35 anos, abriu as portas da polícia baiana às mulheres

EMÍLIA MARGARIDA BLANCO DE OLIVEIRA (1950 - 2022)

**Franco Adailton**

SALVADOR Com 35 anos de trabalho dedicado à Secretaria da Segurança Pública da Bahia, a delegada Emília Margarida Blanco de Oliveira, que coordenava a Central de Flagrantes da Polícia Civil, morreu dia 30 de dezembro, aos 71 anos, em Salvador, em decorrência de complicações respiratórias provocadas pela gripe.

A doença, que tem provocado surtos em diversos locais do país, já vitimou 54 pessoas no estado desde novembro passado, 42 delas somente na capital baiana. A Bahia já registrou 1661 casos de influenza A, do tipo H3N2, em 128 cidades.

Emília iniciou a carreira na Polícia Civil em 1986, ano em que foi designada para trabalhar na Delegacia de Furtos e Roubos. Nos anos seguintes, passou pelas delegacias territoriais dos bairros de Brotas (6ª DT), Itapuã (12ª DT) e Bonfim (3ª DT).

A delegada também foi titular da Divisão de Controle de Hospedagem e Diversões Públicas da Delegacia de Homicídios, coordenadora do Centro de Documentação e Estatística, Chefe de Gabinete da Secretaria da Segurança Pública e Delegada-Geral Adjunta da Polícia Civil.

No currículo, Emília acumulou ainda a função de diretora do Departamento de Crimes Contra o Patrimônio até que, em 2018, foi designada para coordenar a Central de Flagrantes, cargo que exercia até pouco antes de adoecer.

Em 1990, com apenas quatro anos na instituição, foi reconhecida pela Câmara Municipal de Salvador pelo trabalho à frente da delegacia de Brotas. Em 2009, recebeu condecoração da Secretaria da Segurança Pública com a Medalha do Magistério Policial.

Para a delegada geral da Polícia Civil, Heloisa Brito, Emília era uma referência feminina que representava uma geração na instituição, ocupando espaços para que outras mulheres alcançassem postos de destaque na segurança do estado.

"Foi um ícone. Quando me tornei delegada, ela já tinha quase dez anos de contribuição a essa instituição que me deu tudo na vida. Como precursora das conquistas femininas nas forças de segurança, ela abriu as portas para que jovens mulheres como eu chegassem", declarou.

Emília era casada, mãe de três filhos e avó de seis netos.

# *É preciso garantir direitos infantis*

Ações e omissões de governo coloca sob risco capacidade produtiva futura

**Marcia Castro**

Professora de demografia e chefe do Departamento de Saúde Global e População da Escola de Saúde Pública de Harvard

*O capital humano de uma nação, definido como conhecimento, habilidades e saúde que indivíduos acumulam ao longo da vida, é fundamental para o crescimento econômico. A saúde não só está inclusa na definição, como também potencializa o conhecimento e as habilidades.*

*O Índice de Capital Humano, proposto pelo Banco Mundial, mede a capacidade produtiva que uma criança nascida hoje atingirá aos 18 anos. Antes da pandemia, a estimativa para o Brasil era que as crianças teriam cerca de 55% da produtividade possível. Ou seja, condições de saúde e educacionais pré-Covid-19 levariam à perda de quase metade da capacidade produtiva. Não há crescimento pleno, inclusivo e sustentável quando metade do potencial não é realizado.*

*A pandemia de Covid-19, assim como ações e omissões do atual governo, agravou esse quadro.*

*O desempenho escolar do Brasil, medido pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) é baixo. Em 2018, 50% dos estudantes com 15 anos não possuiam o nível mínimo de proficiência em leitura. Uma simulação do Banco Mundial sugere que esse indicador aumentaria para 59% com o fechamento das escolas por 7 meses e 70% com o fechamento por 13 meses. No Brasil, o acesso ao ensino remoto e o retorno às escolas se deram de forma desigual, portanto a perda de aprendizagem tem um gradiente socioeconômico.*

*Quanto à saúde, a mortalidade infantil, que em 1930 era 162,4 óbitos abaixo de um ano por mil nascidos vivos, caiu para 13,3 em 2015. O Brasil foi um dos poucos países a alcançar a meta de desenvolvimento sustentável de redução das mortes abaixo de 5 anos em dois terços entre 1990 e 2015.*

*Entretanto, em 2016 houve um aumento de 5%, e desde então a taxa retornou e se manteve em patamares de 2015. A estagnação da mortalidade infantil preocupa, uma vez que cerca de 70% das mortes acontecem antes de 28 dias e dois terços dessas mortes poderiam ser evitadas com a melhoria da atenção à mulher na gestação e no parto, atenção ao recém-nascido e com ações de diagnóstico, tratamento e prevenção.*

*Além disso, a cobertura vacinal, que tradicionalmente era alta no Brasil, está abaixo do mínimo necessário para que não haja surtos. Isso inclui a vacinação contra poliomielite e meningite, dentre outras. Nesse momento crítico de vacinação contra Covid-19 e necessidade de elevar a cobertura vacinal das crianças, o Programa Nacional de Imunização completou, no último dia 7, seis meses sem coordenação.*

*Por falar em vacinas, a vacinação de crianças de 5 a 11 anos contra Covid-19 começará quase um mês após a recomendação da Anvisa, dado o atraso na aprovação pelo Ministério da Saúde e o tempo para recebimento das vacinas. Com cerca de 20 milhões de crianças de 5 a 11 anos, e a necessidade de duas doses, o governo encomendou 20 milhões de doses, a serem entregues no primeiro trimestre de 2022. A conta não fecha. Perde-se a chance de vacinar as crianças antes do começo do ano letivo.*

*Se não houvesse negacionismo, o Brasil poderia ter uma campanha de multivacinação em massa nas crianças (Covid-19 e vacinas em atraso), no final de semana, com múltiplos e acessíveis locais de vacinação, ampla divulgação em canais de mídia e com a presença do Zé Gotinha, tal qual era feito nos anos 80 e 90. Isto também beneficiaria pais e responsáveis que estão com doses em atraso, ou que ainda não tomaram a dose de reforço.*

*As consequências das ações e omissões de um governo vão muito além dos quatro anos de mandato. Garantir a sobrevivência saudável das crianças e recuperar as perdas de aprendizado, com equidade, é garantir os direitos das crianças, é investir na futura capacidade produtiva da nação, é investir no desenvolvimento justo e sustentável. Sem isso, não há futuro.*

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | **TER. Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Fila para distribuição de alimentos organizada pela Cufa em Heliópolis (São Paulo) Danilo Verpa/Folhapress

# Férias reacendem medo da fome em quem depende de merenda

Sem auxílio financeiro, famílias recorrem a doações, cada vez mais escassas

**Isabela Palhares**

SÃO PAULO A chegada das férias escolares nas escolas públicas de São Paulo levou as crianças de volta para casa com medo de passar fome.

Sem merenda e com o fim do auxílio alimentação ofertado na pandemia, famílias que ainda não conseguiram recuperar o emprego e renda de antes voltaram a ter as doações como única forma de garantir comida na mesa.

Em Heliópolis, na zona sul da capital, todo dia, antes das 6h da manhã, uma fila de mulheres se forma em frente à sede da Cufa (Central Única da Favela). Elas chegam cedo para tentar conseguir algum alimento, já que as doações diminuíram nos últimos meses.

Na manhã em que a **Folha** esteve no local, Aldeise Maria Batista, 70, era uma das primeiras da fila. Ela chegou às 5h45 para não correr o risco de voltar sem nada para casa. Naquele dia, ela conseguiu uma cesta básica e três garrafinhas de um achocolatado.

Avó de cinco netos, ela voltou para casa pensando em como iria dividir a bebida entre eles. "Eles moram pertinho e vão todo dia comer comigo. Agora que não estão indo para a escola, vão almoçar e jantar. Pelo menos o arroz com feijão está garantido", disse.

As doações garantem o que cozinhar para os meninos, mas ela conta que está difícil comprar carne. Antes, quando era depositado o dinheiro do cartão-merenda de dois netos, ela conseguia, e também adquiria frutas e legumes. "Lá em casa, a gente tenta sempre ter uma salada ou cozido para comer com arroz e feijão. Quando dá, eu compro pé de galinha, pescoço ou moela para fazer um cozido, mas tem sido cada vez mais difícil", conta.

Em 7 de dezembro, a Prefeitura de São Paulo depositou a última parcela do cartão-merenda, que vinha sendo distribuído para cerca de 1 milhão de estudantes desde abril de 2020. O auxílio variava de R$ 55 a R$ 101.

Ainda que o valor fosse insuficiente para garantir uma alimentação adequada para as crianças, as famílias relatam que o fim do auxílio fará diferença no que vão botar na mesa nos próximos meses.

"No mesmo dia que o dinheiro caía, eu ia no mercado pra comprar as coisinhas que ele gosta e já acabava. Era comida só pra ele, banana, maçã, iogurte, bolacha. Agora, vai ser só quando voltar pra escola", conta Ivanice dos Santos, 42. O filho dela está no 6º ano de uma escola municipal do bairro e, por isso, recebia R$ 55 ao mês do cartão-merenda.

O menino só voltou a frequentar a escola todos os dias no meio de outubro e ficou desanimado quando as férias logo começaram. "Nunca imaginei que uma criança não ia ficar animada com as férias, mas ele sente falta da escola, pelos amigos, por sair de casa e também pela merenda."

Ivanice trabalhava como diarista e foi dispensada de todas as casas durante a pandemia. Mesmo com a retomada, até agora só duas a chamaram de volta. Assim, a única renda fixa da família é o salário mínimo que o marido ganha como auxiliar de limpeza.

Para as mães que são a única fonte de renda em casa, a chegada das férias é ainda mais complicada. Os olhos de Beatriz Roseira, 27, se enchem de lágrimas quando ela se lembra do período em que ficou com os filhos, de 5 e 9 anos, em casa sem ter o que comer.

"Tinha dias que acordava e não tinha R$ 1 nem para comprar pão. A gente só tinha arroz das doações para comer, meu medo é que eles voltem a passar por isso", conta. Desde que eles voltaram para as aulas presenciais, ela ficava mais tranquila por só ter que garantir o jantar, já que eles tomavam café da manhã e almoçavam na escola.

Ela conseguiu emprego em uma fábrica de bolos no início do mês e não vê a hora de receber o primeiro salário para conseguir dar aos filhos refeições com alimentos que não sejam só os da cesta básica. "A mais velha entende que a situação é difícil, mas o pequeno pede pra comer frango, salsicha e nem sempre consigo comprar."

Mãe solo de seis filhos, Elaine Torres, 34, passou a contar com a ajuda dos vizinhos para comprar leite para os gêmeos de 1 ano e 10 meses. Sua única renda era a venda de sucos na feira do Brás, mas o carrinho foi levado pela fiscalização no início do mês. "Tiraram minha única renda, não tem mais auxílio e nem escola para as crianças comerem. Eu não sei como vou fazer nas próximas semanas, as crianças estão há dias sem comer uma fruta."

São famílias que voltaram ao grau de insegurança alimentar grave, quando têm uma dieta repetida, com diminuição de quantidade e qualidade. Em geral, fazem refeições com muito açúcar, sal e gordura, mas poucos nutrientes e proteínas.

"As doações de cestas básicas são muito importantes, mas o poder público não pode deixar que essas famílias vivam só com esses alimentos. A composição da cesta básica comum não garante uma alimentação equilibrada", diz Maria Paula de Albuquerque, gerente geral do Cren (Centro de Recuperação e Educação Nutricional) da Unifesp.

Segundo ela, dietas restritas podem levar as crianças a ficarem com baixo peso e estatura, mas também sobrepeso combinado com desnutrição. "Refeições que só tenham carboidratos ou ultraprocessados podem fazer com que as crianças engordem e mesmo assim fiquem desnutridas. Por isso, precisamos de uma política pública que cuide da alimentação delas durante as férias, é uma questão de saúde."

Durante as aulas, crianças de 0 a 3 anos, por exemplo, têm 70% de sua alimentação garantida pelas creches, já que fazem cinco refeições nas unidades por cinco dias da semana. Para alunos mais velhos, ao menos duas refeições são ofertadas pelas escolas, que, por lei, precisam ter ao menos 30% dos alimentos vindos da agricultura familiar.

Até mesmo a distribuição das cestas básicas para as famílias está em risco. Segundo Marcivan Barreto, presidente da Cufa São Paulo, com a inflação em alta, as doações caíram. "A gente conseguia atender mais de 600 famílias por semana com as doações que chegavam. Agora, a gente atende a metade. Além da inflação, as pessoas acham que as famílias voltaram a trabalhar e, por isso, não precisam mais de doação. Mas não é o que está acontecendo", diz.

Em nota, a prefeitura disse que o cartão-merenda foi encerrado porque as aulas voltaram a ser totalmente presenciais e assim a merenda escolar passa a ser fornecida nas escolas. Também informou que a partir de 10 de janeiro as crianças poderão participar do programa Recreio nas Férias, oferecido nos CEUs, onde podem receber alimentação.

Já a Secretaria Estadual de Educação informou que a oferta de merenda nas escolas estaduais foi até 23 de dezembro, quando se encerrou o ano letivo. Também diz que em janeiro, ainda sem data definida, dará início a um programa de recuperação nas unidades e irá disponibilizar alimentação aos alunos —as famílias devem fazer manifestação prévia.

## saúde

Enfermeira aplica dose de Coronavac em homem em posto de Brasília Sergio Lima - 7.jan.22/AFP

# Saúde avalia usar Coronavac para imunização de crianças

### Aplicação da vacina do Butantan nessa faixa etária ainda depende da Anvisa

**Raquel Lopes**

BRASÍLIA O Ministério da Saúde avalia usar a Coronavac em crianças caso o imunizante seja aprovado pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

Como a vacina é a mesma utilizada em adultos, estados já se planejam para aplicar doses no público infantil. Hoje, há estoques, e o imunizante é apontado por especialistas como boa opção para crianças.

O Instituto Butantan entrou com novo pedido para a aprovação do uso da Coronavac em crianças e adolescentes, de 3 a 17 anos, em 15 de dezembro. O prazo de avaliação da Anvisa ainda não terminou.

Integrantes do Ministério da Saúde dizem que ainda não se pode estabelecer prazo para terminar a imunização das crianças no Brasil.

De acordo com interlocutores da pasta, o ritmo dependerá da possível inclusão da Coronavac no cronograma e de uma eventual ampliação da quantidade de doses adquiridas da Pfizer no primeiro trimestre.

O planejamento inicial é receber até março 20 milhões de doses pediátricas da Pfizer contra a Covid-19, suficientes para imunizar cerca de metade da população de 5 a 11 anos.

Em nota, o ministério afirmou que "adquire e distribui apenas os imunizantes aprovados pela Anvisa, inclusive em casos de ampliação de faixas etárias". O Instituto Butantan foi procurado, mas não se manifestou até a conclusão desta reportagem.

Nesio Fernandes, vice-presidente da região Sudeste do Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde) e secretário da Saúde do Espírito Santo, confirmou que estados já planejam usar a Coronavac.

Ele explicou que a vacina tem se mostrado eficaz em países que já aplicam o imunizante em crianças. Ela está sendo usada na maioria dos países sul-americanos e na China, onde já foram aplicadas mais de 120 milhões de doses no público infantil.

A Coronavac ajudaria ainda a ampliar a faixa etária de crianças imunizadas para três anos e não tem restrição para aplicação junto com outros imunizantes do calendário das crianças para outras doenças.

"Caso tenha o aval da Anvisa, é possível que as crianças estejam completamente imunizadas até o final de fevereiro. Muitos estados possuem estoque da vacina. Com o calendário atual da entrega da Pfizer, isso só ocorreria em junho", afirmou Fernandes.

O governo de São Paulo já reservou 12 milhões de doses de Coronavac para o uso em crianças de 3 a 11 anos. Em nota, a Secretaria de Saúde disse que começaria a usar o imunizante imediatamente após aprovação da Anvisa.

As secretarias de Saúde do Pará, da Paraíba e de Minas Gerais também afirmaram que pretendem usar o imunizante em crianças. Os três estados têm Coronavac em estoque.

Amazonas, Pernambuco, Paraná, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina, Tocantins e Goiás disseram que aguardam a aprovação da Anvisa e a orientação do Ministério da Saúde. A Bahia afirmou que não usará a Coronavac em crianças. Os demais estados não responderam.

Eduardo Jorge da Fonseca Lima, da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria) e da CTAI (Câmara Técnica de Assessoramento em Imunização da Covid-19), ressaltou que a vacina é segura para crianças por causa da tecnologia. "O vírus inativado é conhecido pelos pediatras. Os estudos demonstraram que essa vacina produz anticorpos e poucos eventos adversos", afirmou.

O novo pedido do Instituto Butantan para aplicar Coronavac em crianças e adolescentes é o segundo feito para esta faixa etária. O primeiro, apresentado em julho, foi avaliado pela agência reguladora e negado por causa da limitação de dados dos estudos apresentados.

A Anvisa tem 30 dias para avaliar os documentos. O prazo pode ser congelado até que novos documentos sejam apresentados caso seja solicitada uma complementação.

Já houve uma interrupção do prazo de oito dias, de 22 de dezembro a 30 de dezembro. Se não houver mais nenhuma paralisação, o prazo para a diretoria colegiada votar sobre a indicação ou não do imunizante para o público infantil termina ainda em janeiro.

A agência tem realizado rodadas de reuniões sobre a vacina Coronavac. Assim como na vacina da Pfizer, os dados têm sido debatidos com especialistas e convidados.

Isabella Ballalai, vice-presidente da Sbim (Sociedade Brasileira de Imunizações), disse que a Coronavac pode ser uma ótima opção para o público infantil se aprovada pela Anvisa.

No entanto, ela ressalta que os pais, caso tenham oportunidade, devem levar os filhos para receber o imunizante da Pfizer, já autorizado.

A Anvisa autorizou o uso da vacina da Pfizer para imunizar crianças de 5 a 11 anos contra a Covid-19 em 16 de dezembro. O público infantil foi incluído no plano nacional de vacinação em 5 de janeiro.

Lima, da SBP, disse que um estudo do CDC (Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos) mostra que, de 8,7 milhões de crianças que tomaram a vacina da Pfizer pediátrica, houve 12 casos de miocardite. O número é considerado muito baixo, e as crianças tiveram alta. A vacina além de proteger as crianças, ainda aumenta a cobertura vacinal. Quanto mais pessoas imunizadas, menor a circulação do vírus.

Em nota, o Ministério da Saúde afirmou que, "desde o início da campanha de vacinação, todas as decisões foram tomadas de forma conjunta" entre a pasta e representantes de estados e municípios.

"A pasta reforça que todas as orientações técnicas são comunicadas imediatamente aos estados e municípios desde o início da campanha e reforça a orientação para que todos sigam as medidas pactuadas", afirmou o ministério.

# Destinos turísticos registram pico de Covid e gripe após Réveillon

**João Pedro Pitombo e Vinicius Konchinski**

SALVADOR E CURITIBA Grupos de turistas infectados na Bahia e no Piauí, emergências e prontos-socorros com picos de demanda no Ceará e em Santa Catarina e até falta de medicamentos antigripais nas farmácias no estado do Rio de Janeiro.

Cidades turísticas conhecidas por abrigar algumas das principais festas de Réveillon do país registraram crescimento de novos casos de Covid e de influenza após os festejos.

Um dos casos mais emblemáticos é o de Cajueiro da Praia, cidade de 7.200 habitantes do litoral do Piauí.

O município registrou 123 casos de Covid-19 nos primeiros dias de 2022, número equivale a 10% dos 1.269 casos da doença registrados no local desde o início da pandemia, em março de 2020.

Dos 123 novos casos registrados neste ano, 103 eram pessoas que vieram de outras cidades para passar o fim de ano na região. A maioria foi participar de evento com seis dias de shows que ocorreu no distrito de Barra Grande do Piauí.

A prefeitura informou que, seguindo a recomendação do governo do estado, não realizou festas de final de ano, mas empresas privadas organizaram festas de Réveillon em todo o litoral piauiense.

Na Bahia, houve aumento expressivo de casos de Covid-19 em Salvador. A capital baiana vinha registrando não mais de 30 casos diários de coronavírus até o início do ano, mas os casos cresceram de forma vertiginosa, com 112 casos na segunda-feira (3) e 111 na terça-feira (4).

O número, contudo, tende a estar subestimado, já que nem todos os pacientes com sintomas gripais estão tendo acesso a testes de Covid-19.

Um grupo de amigos de Salvador que passou a virada do ano em Itacaré, por exemplo, foi quase todo contaminado.

Dos 12 amigos que foram para a região juntos, 10 tiveram diagnóstico positivo para Covid. Todos estavam vacinados com duas ou três doses da vacina. "Os sintomas começaram logo nos primeiros dias, principalmente tosse. Foi uma coisa generalizada", afirmou a médica Ana Vitória, 25.

Também houve pico de casos no Ceará. O percentual de testes positivos para Covid, que era de menos de 1% no início de dezembro, subiu para 11% no posto de testagem do aeroporto de Fortaleza. No posto de testagem da rodoviária, o índice chegou a 20%.

A situação não foi diferente em estados do sul do país. Em Florianópolis, a Vigilância Epidemiológica emitiu um alerta na terça chamando atenção sobre o aumento dos casos de Covid-19.

Em 48 horas , segundo o órgão, 1.071 novos casos foram registrados em serviços de saúde da capital de Santa Catarina, sobrecarregando o atendimento. Entre 40% a 53% dos testes realizados nos últimos dias têm resultado positivo para Covid. "Esta taxa é extremamente alta."

Em redes sociais, internautas publicaram fotos de filas de pessoas em laboratórios que realizam teste de Covid na capital catarinense.

Em Balneário Camboriú, há relatos de falta de testes em farmácias. Na terça, a prefeitura determinou que três unidades de saúde funcionem em horário estendido.

No litoral do Rio de Janeiro, cidades como Búzios, Arraial do Cabo e Paraty registram falta de medicamentos para a gripe.

A chegada de milhares de turistas no Ano-Novo contribuiu para pressionar a demanda nos municípios.

# esporte

**ESPORTE AO VIVO**

16h55 **Man. United x Aston Villa** Copa da Inglaterra, ESPN BRASIL | 17h **Espanyol x Elche** Espanhol, FOXSPORTS | 20h **São José x Corinthians** Copa São Paulo, SPORTV

Marcos Hermes/Divulgação

**Alexandre Borba Chiqueta (Gaules), 38**
Streamer mais visto do Brasil e segundo no mundo, atingiu total de 166 milhões de horas assistidas em seu canal na plataforma Twitch. Começou fazendo transmissões de esportes eletrônicos, como Counter-Strike, e hoje transmite NBA, negocia uma nova temporada com a F1 e lançará em breve podcast de entrevistas com Ronaldo Fenômeno

# Maior streamer do Brasil, Gaules mira novas transmissões

Depois de exibir jogos da NBA e provas da F1, profissional trabalha para levar futebol a suas lives na Twitch em 2022

**ENTREVISTA GAULES**

**Bruno Rodrigues e Luciano Trindade**

SÃO PAULO Ao longo de 2021, sua tribo somou mais de 166 milhões de horas acompanhadas em lives na Twitch. Números que fazem de Gaules o streamer mais visto do Brasil na plataforma e o segundo mais visto no mundo —apenas o canadense Félix Lengyel, dono do canal xQcOW, teve mais audiência (272 milhões).

Tribo é como se chama a comunidade que acompanha Alexandre Borba Chiqueta, 38, mais conhecido pelo apelido de Gaules, que ele carrega desde a infância. Quando o paulista inicia uma transmissão, em poucos minutos o grupo de seguidores logo dá as caras —em média, 19 mil pessoas assistem às lives do streamer, e seu canal já registrou picos de 335 mil espectadores simultâneos.

Os números, levantados pelo site especializado Sullygnome, estão em uma curva de crescimento desde 2018, quando surgiu o fenômeno da Twitch no Brasil. E foram determinantes para abrir outras portas ao profissional, como as parcerias para conseguir os direitos e transmitir campeonatos de esportes tradicionais como a NBA e a F1.

Para ele, o sucesso está no formato das transmissões. "Quando eu comecei a ser mais uma companhia para quem estava acompanhando os esportes eletrônicos do que ser um narrador, comecei a perceber que a relação era mais humana", diz à **Folha**.

Tem dado tão certo que o objetivo dele é ampliar seu portfólio em 2022. Além de manter a NBA e negociar para ter uma temporada regular da F1, ele sonha em transmitir campeonatos de futebol. Enquanto isso, está prestes a lançar um podcast em parceria com Ronaldo Fenômeno, no qual, segundo Gaules, o público vai conhecer as histórias de outros "fenômenos".

*

**Como surgiu a ideia do podcast com o Ronaldo?** A gente se conheceu em agosto, no escritório dele, e ali fomos para um brainstorming sobre o que a gente poderia fazer juntos. Sentíamos falta de um bate-papo entre pessoas que têm uma trajetória fenomenal. Existem muitos formatos hoje de podcasts que são diários, tem muitos convidados, muitas histórias e, às vezes, você acaba não conseguindo acompanhar tudo.

A gente pensou em trazer um formato com menos histórias, mas histórias de pessoas que acabaram conquistando um lugar que muita gente tem a curiosidade de saber como é. O próprio Ronaldo é um exemplo. Como ele se tornou um fenômeno?

**Um dos primeiros convidados será o Neymar. Por que você acredita que os podcasts conseguem ter um acesso maior a personalidades que, às vezes, evitam veículos tradicionais?** Um jornalista vai atrás da notícia, da matéria, de informação e, muitas vezes, pergunta coisas que ele sabe que, se não pergunta, acaba não sendo visto como um bom jornalista. E o jornalista precisa perguntar coisas que não são as coisas mais gostosas de perguntar. O formato do podcast trouxe uma aproximação e tirou um pouco do receio do convidado. É mais um bate-papo, como foi com o Neymar.

A gente quer saber coisas que amigos perguntam para outros amigos. É um bate-papo informal. Você não está querendo tirar nenhuma informação que pode, às vezes, prejudicá-lo ou colocá-lo numa situação injusta. Você até acaba perguntando coisas relevantes e até polêmicas, mas eu acho que o jeito que você pergunta muda. Eu acho que os jogadores, principalmente de futebol, sentem muito que, às vezes, a imprensa deixa de lado o aspecto humano dele.

> “Quando eu comecei a ser mais uma companhia para quem estava acompanhando os esportes eletrônicos do que ser um narrador, comecei a perceber que a relação era mais humana

**Como você lida com a responsabilidade de fomentar o debate sobre temas difíceis, como a depressão, que são constantes em suas lives?** Existe essa responsabilidade que é individual no sentido de que, quando chega uma história, tenho uma empatia pela pessoa. Não vou ignorar essa história, mas também não sou responsável por ela. Eu sou igual a todo o mundo da Tribo, mas exerço um papel de representatividade. Eu comecei a fazer live na madrugada, e na madrugada você tem muitas pessoas que precisam de ajuda, de atenção, ajuda médica, ajuda psicológica. Um bom caminho é sempre orientar a pessoa a procurar ajuda profissional. A única pessoa que vai salvar a vida é o médico, o psiquiatra, o psicólogo com a terapia.

**A mídia busca cada vez mais interação com o público, e, nas suas transmissões, essa é uma marca bem presente. Como você desenvolveu o formato de transmissões?** Quando comecei a fazer stream e assistir aos campeonatos de esportes eletrônicos, principalmente Counter-Strike, sentia uma falta da utilização do que é moderno. Pegaram pessoas que já tinham experiência gigantesca no mercado de televisão e trouxeram para o mercado das streams. Só que uma TV ou uma rádio não têm ferramentas modernas que existem hoje em uma Twitch. Sentia falta da interação. Quando comecei a ser mais uma companhia para quem estava querendo acompanhar os esportes eletrônicos do que ser um narrador, comecei a perceber que a relação era mais humana.

**É essa relação que gera maior engajamento com o público?** No formato tradicional, a pessoa está ali para assistir ao que está acontecendo. Se é uma partida de futebol, ela vai querer se conectar para ver o jogo da seleção brasileira ou para ver o jogo do seu time. E, se não for isso, não vai ter tanta coisa que segure ela. Eu pensei que o que está acontecendo acaba sendo plano de fundo. Tem momentos que esse plano tem uma importância grande. Mas, na maioria do tempo, num campeonato longo, numa temporada regular de NBA, por exemplo, com mais de 80 jogos, eu não tenho tanta certeza de quanto esse conteúdo consegue prender e engajar as pessoas. Agora, a gente trazendo o conteúdo que é espetacular do basquete e tendo um bom bate-papo, isso eu acredito muito que prenda as pessoas.

**Como foi a busca pelos direitos da NBA?** A busca da NBA é o resultado de uma decisão tomada a partir do ano passado, quando eu decidi criar uma estrutura. Eu transformei a Gaules numa empresa, que hoje faz parte do grupo Omelete, e dentro do grupo tem, por exemplo, a CCXP, tem várias outras coisas, então é um conglomerado de empresas e de estruturas.

Se antes, sozinho, era muito difícil conseguir às vezes uma transmissão de Counter-Strike, dentro dessa estrutura, trabalhando próximo com o Pierre Mantovani [CEO do Omelete], ele virou e perguntou o que eu achava de transmitir a NBA. Eu disse "claro!", e ele, com os contatos dele, fez toda a parte burocrática, a gente conseguiu abrir essa porta. Uma NBA nunca permitiria que um streamer sozinho, na casa dele, fizesse a transmissão. Quem acha que é isso está desatualizado.

**Que outros campeonatos você está trabalhando para trazer?** O sonho é transmitir uma Olimpíada, uma Copa do Mundo, uma Olimpíada de Inverno, X-Games. Tem muito conteúdo legal. O futebol também, mas no Brasil o futebol é tratado como uma coisa muito restrita. Às vezes, é mais fácil a gente conseguir uma NBA do que conseguir um campeonato estadual. Mas eu acredito que as pessoas vão começar a entender que a gente veio para somar, não para tirar público da mídia tradicional. O caso da NBA é muito importante. Eles têm métricas que mostram que a gente não canibalizou nenhuma outra transmissão. Na verdade, o número de todo o mundo cresceu. Então, todos os lugares que desejarem ter esse tipo de conexão, a gente está aberto a transmitir. Eu gostaria de transmitir futebol.

**A visão dos empresários de fora, sobretudo dos EUA, é diferente da visão dos brasileiros sobre transmitir campeonatos em lives?** No caso da NBA, o que facilitou foi a liga olhar e falar: "Nosso mercado é nos EUA, é na América do Norte. Se a gente fizer esse teste no Brasil e der muito certo, maravilha. Se der errado, não vai ser algo que vai prejudicar a marca". O nosso principal esporte é o futebol, sempre que você lida com o principal esporte, você encontra barreiras.

**Você vai manter NBA e F1 para 2022?** A NBA, sim. A F1 está em negociação. A F1 é um contrato um pouco diferente. A NBA a gente vai fazer a temporada regular inteira, são mais de 80 jogos mais os playoffs.

**A F1 seria a temporada regular também? Em 2021 você transmitiu a corrida sprint de São Paulo.** A gente busca sempre o mais completo possível. A primeira temporada da NBA a gente transmitiu os playoffs e, com o que entregamos nos playoffs, conseguimos estender para fazer um trabalho completo. Com a F1, esperamos a mesma coisa, expandir para a temporada completa. Mas está em negociação ainda.

## PRANCHETA DO PVC

**Paulo Vinicius Coelho**
pranchetadopvc@gmail.com

## Seleção pode ter passagem de geração para geração

Vinicius Junior não está pronto. No jogo contra o Valencia, aos 28 do primeiro tempo, o zagueiro Alaba conduziu a bola pela esquerda e o lateral Mendy enfiou-se como meia. Recebeu e tocou de primeira para o brasileiro. Inteligente, passou pelo lateral e, ao perceber a aproximação de um zagueiro, preferiu o passe ao chute.

Decisão errada.

Faltava meia hora para a jogada mais bonita da vitória do Real Madrid sobre o Valencia. Golaço de Vinicius!

Até jogadores maduros tomam decisões equivocadas e Vinicius melhora a cada dia. Mas precisa de apoio dos mais experientes. No Real Madrid, é Benzema. Na seleção, será Neymar. Será?

Neymar está prestes a completar 30 anos e toma tantas decisões certas, dentro de campo, quanto a maturidade permite. Em compensação, o que resolve fazer fora dele causa uma quantidade de controvérsias desnecessárias para o atleta —talvez boas para a celebridade.

Falem mal, mas falem de mim... Pode ser bom para quem precisa de cliques. Mas Neymar precisa mais de gols e assistências do que de likes.

Isso à parte, é possível que retorne do processo de recuperação do tornozelo e de benfeitorias à alma, em Mangaratiba, para uma temporada de grandes atuações no PSG. Ele fez isso em 2020. Passou dois meses no litoral fluminense e saiu da desintoxicação para brilhar nas finais da Champions.

Mesmo assim, é questionável que o PSG permita que seu astro se recupere em Mangaratiba. Verratti e Kimpembe poderiam?

O ano da Copa do Mundo começa com encanto por Vinicius e desencanto com Neymar e pode terminar de maneira inversamente proporcional. O Brasil precisará dos dois juntos para tentar ganhar a Copa e isso exigirá de Tite um esforço para perceber quem pede passagem.

No Real Madrid, Vinicius é ponta, atacante. Na seleção, pode precisar trabalhar taticamente pela esquerda, para liberar Neymar pelo centro. Fundamental haver essa passagem de geração para geração, que pode contar também com Phillippe Coutinho, se alcançar sua recuperação pelo Aston Villa.

Essa transferência de experiências faltou da turma de Kaká, Ronaldinho e Adriano para a de Neymar. Lembre-se de que, antes da Copa de 2014, Kaká convivia com dores e Ronaldinho e Adriano haviam desistido do esporte de alta performance. Por isso, Felipão desistiu dos dois.

O resultado foi a aposta em meninos de 21 anos, Neymar e Oscar. Desta vez, pode ser possível unir o craque do PSG ao novato do Real. O vigor de Vinicius Junior pode até mesmo motivar Neymar a retomar sua melhor forma.

Até porque, muito antes da Copa, com início previsto para 21 de novembro, Real Madrid e PSG se enfrentam nas oitavas de final da Champions. Jogo da ida em 15 de fevereiro, na França, a volta em 9 de março, na Espanha.

Hoje, o astro do PSG é Mbappé, mesmo com Messi prestes a conquistar seu sétimo prêmio de melhor do mundo. No Real, é Benzema. Mas não descarte que o duelo de 9 de março tenha Vinicius e Neymar brigando para mostrar quem é o melhor brasileiro do momento.

Que seja uma dupla, em novembro.

**Vinicius Junior** atacante no Real Madrid

Como Tite pode ter a **seleção no Qatar**

### TRICOLOR NOVO

Os acertos do São Paulo com Rafinha, Patrick e Nikão dão experiência para uma geração talentosa, de Gabriel Sara, Rodrigo Nestor e Igor Gomes. Rogério Ceni agora tem material humano para formar um time forte e brigar pelos principais títulos. A ver como fará.

### ENDRICK

O garoto do Palmeiras tem 15 anos de idade. Calma! A grande novidade da promessa palmeirense da Copa São Paulo é que há formação de centroavantes em curso. Enquanto Palmeiras e Corinthians procuram um jogador da posição sem conseguir encontrar no mercado.

É LOGO ALI | *Luiza Pastor*
folha.com/elogoali

# Pablo Marçal, ou o elogio à irresponsabilidade

A proposta deste blog, que estreou na sexta-feira (7) é conversar com o leitor uma vez por semana. Mas sempre haverá exceções — para o bem e para o mal. No caso, hoje, para o péssimo.

Nenhum amante de trilhas, montanhas e natureza pode deixar passar batida a insanidade do grupo de 67 seguidores de um cidadão chamado Pablo Marçal, que resolveu subir ao Pico dos Marins, em Piquete (SP).

Autodenominado coach e influencer messiânico, com mais de 2 milhões de seguidores no Instagram, Marçal ignorou todas as regras de segurança e as advertências dos guias especializados da região e levou um grupo inexperiente de pessoas cheias de boa vontade (mas nenhum conhecimento de montanhismo) a 2.420 metros acima do mar. Pior: debaixo de fortes chuvas e com ventos violentos que rasgaram as barracas dos poucos que conseguiram chegar ao topo.

As cenas e frases motivacionais de Marçal aos que com ele chegaram ao topo são de arrepiar o mais leigo dos principiantes. Com barracas rasgadas e o vento quase derrubando as que restavam, veem-se as chamas de um fogareiro atiçadas pela ventania, ameaçando queimar as precárias paredes em que os eleitos se amontoavam. Os farrapos foram deixados para trás, como conta o próprio Marçal, que acrescenta que seriam contratados sherpas para recolherem o que restou do improvisado e mal ajambrado acampamento.

Sherpas são os guias que acompanham toda expedição às montanhas do Himalaia. Não se tem notícia de qualquer contato de Marçal com os bravos escaladores asiáticos, e, procurado pela reportagem, o "coach" não retornou os contatos até o fechamento deste texto. Em todo caso, regra de ouro do montanhismo é nunca deixar lixo para trás. Você leva de volta tudo o que carregou para a trilha. Ou já contrata quem vai seguir para fazer o trabalho sujo para você. Sim, tem quem viva disso.

Seguidores de Pablo Marçal rezam com ele antes de escalarem o Pico dos Marins, em Piquete (SP) Reprodução

Em outro momento do vídeo, em meio a citações bíblicas e orações improvisadas, Marçal insiste em que a vontade tudo pode e que, amarrados um ao outro, com a habilidade que, invoca ele, "o Senhor nos dá", poderão chegar ao topo, contra todas as recomendações.Sem visibilidade e com alto risco de escorregões em uma trilha que os bombeiros só recomendam percorrer em épocas secas, uma receita pronta para despencarem todos morro abaixo. O Senhor, com certeza, teve um dia cheio para proteger tantos incautos.

Do grupo original, 32 pessoas precisaram ser resgatadas pelos bombeiros na madrugada e 28 tiveram o bom senso de desistir da empreitada a tempo. A esses, como mostra o vídeo que o próprio Marçal publicou no YouTube, ele desafiava "Você não confia em Deus?", enquanto a razão levava uma mulher a responder que em Deus ela confiava, mas tinha filhos em casa para cuidar. Sabiamente, parece que ela abandonou a empreitada.

O caso mobilizou a comunidade montanhista de todo o país, que fez circular um manifesto pelas redes sociais, bombando a hashtag #pablomarcalrespeiteamontanha.

**SEM ASAS PELOS ARES**
Competidor "voa" na final do campeonato BMX Estilo Livre 2022 neste domingo (9), na pista do Caracas Trails, em Carapicuíba (Grande SP) Jorge Bevilacqua/Código 19/Agência O Globo

MENSAGEIRO SIDERAL | *Salvador Nogueira*
folha.com/mensageirosideral

# Nasa conclui montagem do telescópio espacial James Webb

Duas semanas após o seu lançamento, o Telescópio Espacial James Webb concluiu sua montagem no espaço. O último passo foi dado neste sábado (8), com a abertura e o travamento da segunda asa de seu espelho primário segmentado. Em retrospecto, pode ter parecido fácil. Mas não se engane. Essa foi uma das maiores realizações da história da engenharia.

Antes de tudo, recapitulando, o que quer dizer "concluiu sua montagem"? O Webb é um telescópio com espelho primário de 6,5 metros que foi instalado no topo de um foguete cuja coifa tinha 5 metros. Como colocar algo de 6,5 em 5? Dobrando. E se parece difícil encaixar 6,5 em 5, pense 20. Pois o escudo térmico do telescópio tem agora esse comprimento, comparável a uma quadra de tênis, mas teve de ser colocado a bordo do lançador Ariane 5 todo dobradinho.

Todo o processo de desdobramento do Webb ocorreu nos últimos 14 dias. De convencional (comum a quase todas as missões espaciais), tivemos a abertura dos painéis solares e os ajustes propulsados de trajetória. Mas todo o resto foi um complicado origami espacial se desdobrando no espaço, comandado cuidadosamente, passo a passo, da sala de controle no STScI (Instituto de Ciência do Telescópio Espacial), adjacente ao Centro Goddard de Voo Espacial da Nasa, em Baltimore, Maryland.

Mais de 300 pontos do processo não tinham redundância — uma falha significaria a perda da missão.

O único procedimento para tentar corrigir, por exemplo, o tensionamento de uma camada do escudo térmico envolveria chacoalhar o satélite (nada que se possa chamar de um sólido plano B).

Deu tudo certo, mas o jogo ainda não está ganho. Não eram "30 dias de terror"? O cronograma segue em pé.

A partir de agora, cada um dos 18 segmentos do espelho primário terá de ser individualmente ajustado. Eles serão apontados para uma estrela de referência e atuadores por trás deles farão pequenos movimentos para ajustar seu posicionamento a fim de dar o foco perfeito.

E então, no 29º dia, mais uma manobra de propulsão colocará o Webb em seu posicionamento final, acompanhando a Terra ao redor do Sol a uma distância de 1,5 milhão de km do planeta. Mas o pior com certeza já ficou para trás.

Encerrada a fase crítica do voo, a Nasa passará ao comissionamento do telescópio.

Engenheiros e cientistas trabalham juntos para ligar cada um dos instrumentos e ajustá-los à perfeição. O procedimento leva tempo, em parte pela complexidade, em parte por questões físicas mesmo: o telescópio precisa ser lentamente resfriado até atingir sua temperatura operacional (por trás do escudo térmico ele hoje está a -199°C, mas precisa ir a -235°C).

Espera-se que o processo todo transcorra em cerca de cinco meses, quando então o Webb passará a ser o mais novo (e poderoso) telescópio espacial pronto para observações científicas.

Que descobertas o aguardam lá fora? Depois de vê-lo montado, já dá para começar a sonhar com elas.

ACERVO FOLHA | Há 50 anos **10.jan.1971**

## Portuguesa faz festa e inaugura estádio, mas perde para o Benfica

Foi inaugurado na tarde deste domingo (9) o estádio da Portuguesa de Desportos, no Canindé, em São Paulo. Para marcar o acontecimento, o time enfrentou o Benfica, atual líder do Campeonato Português de futebol, mas não foi feliz, perdendo por 3 a 1.

Em razão da forte chuva, o juiz viu-se obrigado a suspender a partida aos 34 minutos do segundo tempo.

Cerca de 20 mil torcedores foram ver a partida.

O estádio da Portuguesa ainda não tem nome oficial, mas muitos já estão o chamando de Independência pelo fato de o Brasil comemorar em 1972 os 150 anos do grito do Ipiranga dado por dom Pedro 1º.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

FOLHA DE S. PAULO

Vestibulares - todas as provas

*Os rostos de nossa melhor esperança*

*Incendio destroi em Hong Kong o "Queen Elizabeth"*

ilust

# Já li esse filme

**Crescimento do streaming durante a pandemia e paralisação da Ancine por Bolsonaro impulsionam a adaptação de livros brasileiros no sob demanda**

Ilustrações de capa da série literária 'Fazendo Meu Filme', de Paula Pimenta Diogo Oroschi

**Pedro Martins**

RIBEIRÃO PRETO Saltar das páginas para as telas está em alta. Dezenas de filmes e seriados baseados em livros brasileiros estão sendo produzidos no país, numa tendência que virou fonte de renda extra para os autores, que não só vendem seus direitos autorais para as produtoras, mas são convidados para participar da adaptação de suas histórias ou para escrever roteiros que, no caminho inverso, depois podem virar livros.

Com a paralisação da Agência Nacional do Cinema, boa parte dessa safra está sendo produzida para o streaming, com previsão de estreia para este e o próximo ano. É que, se o governo Bolsonaro não distribui aos produtores os recursos públicos para fazer girar a roda do cinema, multinacionais como a Netflix e Amazon assumem esta missão.

Com 2 milhões de livros vendidos, Thalita Rebouças é um dos nomes de peso que agora se dividem entre o mercado editorial e o audiovisual. Além de vender o direito de adaptação de seus romances, como acaba de fazer com "Por Que Só as Princesas se Dão Bem?", que será produzido neste ano pela Elo Company com a Warner Brothers, ela agora escreve histórias inéditas para a Netflix e as transforma em livros.

Foi o caso de "Pai em Dobro", filme estrelado por Maisa Silva sobre uma adolescente em busca de seu pai, e de "Lulli", com Larissa Manoela, que vive uma estudante de medicina com o poder de ouvir os pensamentos de todos ao redor. O primeiro teve sua adaptação para as páginas lançada dois meses antes do longa-metragem, que estreou em janeiro passado, e o segundo, que chegou à Netflix neste fim do ano, está sendo negociado com editoras.

Paula Pimenta também ingressou no audiovisual. Após adaptar "Cinderela Pop" para os cinemas em 2019, ela vem trabalhando na adaptação de "Fazendo Meu Filme", sua série de maior sucesso, que vendeu 800 mil cópias. A estreia é prevista para este ano, seja nas telonas, seja nas telinhas.

Pimenta não pretende escrever histórias originais para as telas "por falta de tempo", mas passou a roteirizar suas adaptações, acompanhada de roteiristas com experiência, "para garantir que não estraguem os livros".

"Não tenho o menor interesse em assinar um contrato e assistir ao filme na estreia. Só aceito se me levarem junto, então coloquei no contrato que precisaria aprovar roteiro, elenco, trilha sonora, tudo."

São privilégios que só têm cacife para exigir autores com cifras superlativas, cuja bênção às adaptações é garantia de audiência. Eles não são, porém, os únicos que despertam interesse do mercado, já que as cifras consideradas altas por editoras são ínfimas em relação às do audiovisual. É o que diz uma editora decana que trabalha para uma produtora como olheira, ou seja, à procura de romances com potencial para render filmes e seriados de sucesso.

Alguns elementos narrativos, ela diz, são imprescindíveis para que uma produtora aposte num livro. É o caso de uma ambientação "glocal", termo derivado das palavras inglesas "local" e "global", que caracteriza histórias que, embora se passem numa cidade brasileira, podem ser compreendidas e apreciadas pelo público estrangeiro, já que as plataformas exportam as produções nacionais mundo afora.

Outros elementos mudam com certa frequência, principalmente entre as diversas plataformas de streaming.

Continua na pág. C2

# MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Os atores Irandhir Santos e Renato Góes foram clicados como Joventino Leôncio e José Leôncio, respectivamente, personagens que interpretarão no remake de "Pantanal". Na primeira fase da novela, os dois se encontram como pai e filho. O folhetim chega à TV Globo em 2022, no horário das nove, em uma nova versão escrita pelo autor Bruno Luperi e com direção artística de Rogério Gomes João Miguel Jr./Globo/Divulgação

## FALA QUE EU TE ESCUTO

A Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da Prefeitura de São Paulo registrou em 2021 um aumento de 75% no número de atendimentos realizados a mulheres vítimas de violência doméstica e relacionamentos abusivos, quando comparado a 2020.

**TE ESCUTO 2** No total, foram 42.212 mulheres acolhidas pela rede de proteção e garantia de direitos da pasta. Os dados levam em consideração os atendimentos feitos até 31 de dezembro do ano passado.

**ESTOU AQUI** O aumento na procura pelos serviços pode ser atribuído a dois fatores, segundo técnicas da secretaria. O primeiro deles seria o fim das restrições de circulação impostas pela pandemia em 2020.

**ESTOU AQUI 2** Já o segundo motivo seria a maior conscientização das mulheres de que é preciso buscar ajuda em situações como essas.

**MEGAFONE** A secretária de Direitos Humanos, Claudia Carletto, ainda destaca o papel da imprensa e das redes sociais na divulgação do acesso a serviços públicos e informações para que as vítimas "possam tomar a decisão de romper o ciclo da violência".

**TODA OUVIDOS** "Oferecer serviços que apoiem sem julgar é fundamental", acrescenta Carletto.

**EM ALTA** A pasta afirma que, para este ano, recebeu um aumento de 21,95% no orçamento para a manutenção e gestão de 17 serviços — totalizando mais de R$ 23 milhões.

**EM BAIXA** Como mostrou o UOL, porém, a Prefeitura de São Paulo reduziu em 37,5% a previsão orçamentária para três programas da pasta no quadriênio 2022-2025. O Plano Plurianual, como é chamado, ainda precisa ser aprovado.

**GRAVANDO** O cantor e compositor Zé Ramalho está preparando um novo álbum com canções compostas durante a pandemia. O projeto de inéditas é seu primeiro em dez anos.

**GRAVANDO 2** O disco já tem nome: "Ateu Psicodélico", expressão criada pelo ex-Mutante Arnaldo Baptista para comentar, numa rede social, o trabalho de Zé Ramalho. No dia 13 de fevereiro, o cantor volta aos palcos de São Paulo para se apresentar no Espaço das Américas.

**MENTE** O programa de acolhimento psicológico da Bradesco Saúde atendeu em sua maioria pacientes que nunca tinham feito terapia antes da pandemia. Um levantamento mostrou que 53,4% deles marcaram consulta pela primeira vez.

**MENTE 2** Além de mais de 60 mil atendimentos por vídeo, foram registradas cerca de 1 milhão de mensagens trocadas entre funcionários e psicólogos em 2021. Dois terços (65%) das consultas foram feitas por pacientes mulheres. E a idade média foi de 33 anos.

**SOM** O Festival Internacional Femusc vai lançar, em março, cursos de capacitação online e gratuitos para a formação de novos músicos. São 5 mil vagas em turmas de master classes instrumentais, violinos e quartetos.

**SOM 2** Os candidatos terão que passar por uma avaliação. As aulas seguirão formato semelhante ao dos cursos presenciais do evento, que ocorre em Santa Catarina entre os dias 16 e 29 de janeiro.

**PLURAL** O Núcleo de Artes Cênicas do Itaú Cultural bateu recorde de artistas de fora do estado de São Paulo em sua programação online de 2021. Das 206 produções, apenas 73 (35,4%) eram de projetos paulistas — em 2020, o percentual era de 42,7%.

*

Ainda assim, o Sudeste liderou as apresentações, com um total de 103 projetos em 2021. Norte e Nordeste somaram, respectivamente, 71 e 18 produções. E as regiões Centro-Sul e Sul totalizaram 14.

com Lígia Mesquita, Victoria Azevedo, Bianka Vieira e Manoella Smith

Ilustrações de capa da série literária 'Fazendo Meu Filme', a caminho das telas Diego Droschi

## Já li esse filme

Continuação da pág. C1

É que o streaming é capaz de definir até que tipo de personagem leva o espectador a fechar o aplicativo e desistir de assistir a uma produção.

Exemplo disso são os personagens LGBTQIA+, que costumam ser benquistos pelas plataformas, mas apenas quando sua sexualidade ou identidade de gênero não são elementos centrais da história.

Como toda regra, há exceções. Uma delas é "Quinze Dias", de Vitor Martins. O livro, comprado pela Conspiração Filmes, que agora busca financiamento para adaptá-lo, acompanha a trajetória de um adolescente que se apaixona pelo vizinho.

Dramas familiares, ou seja, que possam interessar tanto o adolescente quanto o adulto e o idoso da mesma casa, são o que todo produtor diz à reportagem estar à procura. Na prática, porém, a maior parte dos livros que estão sendo adaptados são juvenis.

Para lançar ainda neste ano, a Netflix já filmou "De Volta aos 15", um seriado baseado no livro homônimo da blogueira Bruna Vieira, e o Disney+ produziu "Tudo Igual... SQN", adaptação do livro "Na Porta ao Lado", de Luly Trigo.

A Amazon está filmando "Um Ano Inesquecível". Será uma série de quatro filmes, cada um dedicado a um conto de uma coletânea escrita por Rebouças, Pimenta, Vieira e Babi Dewet. O primeiro é dirigido por Lázaro Ramos.

A HBO Max, por fim, comprou os direitos de adaptação de todos os livros de Carina Rissi, que tem como público principal mulheres adultas. O primeiro a ser adaptado, ainda sem previsão de estreia, será "Procura-se um Marido".

"Às vezes, não dá tempo de atender às demandas imediatas do streaming, porque até comprar um livro, fazê-lo virar um roteiro, filmá-lo, já é tarde demais. É por isso que, na nossa prateleira, tem um pouco de tudo", diz Clarisse Goulart, da Conspiração.

A produtora comprou "Suíte Tóquio", sobre o rapto de uma criança por sua babá, "Cancún", sobre paternidade e religião, e "A Claridade lá Fora", que acompanha uma mulher que reaprende a viver diante de um relacionamento.

"Não existe um gênero que o mercado não aceita", acrescenta Gabriel Gurman, CEO da Galeria Distribuidora, de "Fazendo Meu Filme".

Continua na pág. C3

Continuação da pág. C2

"Existem gêneros de difícil produção. Exemplos disso são os livros de fantasia ou ficção científica. A gente não tem dinheiro para adaptá-los."

A Galeria ainda trabalha no lançamento de "Papai é Pop", do humorista Marcos Piangers, e vai filmar nos próximos meses "Pecadora" e "Além do Olhar", dois romances eróticos de Nana Pauvolih.

A safra dos eróticos ainda é contemplada por dois romances de Mila Wander, "O Safado do 105" e "O Canalha do 610", cujos direitos de adaptação estão reservados para uma produtora que já deu um adiantamento à autora e têm prioridade para comprá-los por um determinado período —que costuma variar entre um e dois anos, caso uma produtora concorrente demonstre interesse.

É uma prática comum no mercado, pela qual André Vianco também vendeu "Os Sete", um romance sobre sete vampiros portugueses libertados no litoral brasileiro após 500 anos de aprisionamento.

Entre os livros de não ficção, estão em alta as histórias de crimes reais, os "true crimes", que exploram as falhas da Justiça, da polícia e da mídia brasileira. A Netflix está adaptando para seriado "Todo Dia a Mesma Noite", um livro-reportagem sobre o incêndio na boate Kiss, e a Globoplay prevê para outubro a estreia de "Rota 66", seriado baseado no livro-reportagem de Caco Barcellos sobre a violência policial em São Paulo.

Por fim, "Vozes do Joelma", sobre morticínio provocado pelo famoso incêndio dos anos 1970, também teve os direitos de adaptação reservados.

A busca por livros brasileiros, que os editores e produtores dizem nunca ter sido tão alta, está relacionada ao crescimento das plataformas de streaming, impulsionado pela pandemia de Covid-19.

É que, ao trabalhar com adaptações, os roteiristas conseguem suprir com mais agilidade a alta demanda de produção. Mesmo quando precisam expandir conflitos, criar personagens e até transformar em ação os pensamentos do protagonista, um elemento tão comum na prosa literária, trabalhar a partir de um esboço agiliza o processo.

Esta mesma onda tem levado ainda à contratação de escritores para serem roteiristas. Além da parceria de Rebouças com a Netflix, Raphael Montes, que faz sucesso com romances policiais, está escrevendo e produzindo novelas para a HBO Max e criando um seriado de comédia para o Disney+, nos passos de Carolina Munhóz e Raphael Draccon, que se mudaram para Los Angeles para se especializarem no audiovisual e, desde então, criaram "Cidade Invisível" e "O Escolhido".

A demanda é tão alta que o mercado ainda aposta em jovens com poucos anos de carreira. É o caso de Ray Tavares, autora de seriados ainda não anunciados, e de Juan Jullian, autor do romance gay "Querido Ex", que foi contratado pela Globo para escrever um seriado com Elísio Lopes Júnior, de "Medida Provisória", uma distopia sobre um Brasil que expulsa negros de suas terras.

Embora seja grande a variação do valor pago pelos direitos de adaptação de um livro, a depender de fatores como a possibilidade de a narrativa render apenas um filme ou uma série de várias temporadas, além do quanto a história já fez sucesso nas prateleiras, as cifras não raro chegam a R$ 100 mil. Caso a produção vá para o cinema, o autor ainda pode lucrar uma porcentagem da bilheteria e da venda de DVDs. É um valor considerado alto, diz Jullian.

"O livro abre portas, mas o audiovisual paga contas. Para a maioria dos autores brasileiros, é muito difícil viver só de livros. É com roteiros que consigo me sustentar e viver da escrita que tanto amo."

Os atores Lucas Leto e Gabz no set de 'Um Ano Inesquecível - Outono', musical dirigido por Lázaro Ramos para o Prime Video Divulgação

# Lázaro Ramos diz que Brasil precisa voltar a conversar consigo neste ano

## Ator dirige para a Amazon o filme 'Um Ano Inesquecível - Outono', baseado em livro de Babi Dewet

**Carolina Moraes**

SÃO PAULO Depois de quase 18 anos na Globo, Lázaro Ramos foi um dos grandes nomes a deixar a emissora e fazer parte de uma migração para gigantes do streaming, que parecem apostar cada vez mais na produção nacional.

Ainda na série "Mister Brau" e em "Medida Provisória", filme que ele dirige e enfrenta enrosco para ser lançado em circuito comercial, o artista conta que começou a ver seu trabalho num híbrido entre consultoria, atuação e direção —o que o levou a desejar um cargo mais polivalente do que o que exercia na Globo.

"Fiquei em conflito durante o ano, em conversas constantes com a Globo, porque sou apaixonado pelo trabalho que tive lá o tempo todo", afirma o ator em entrevista durante as gravações de "Um Ano Inesquecível - Outono", sua primeira direção para um serviço de streaming.

Agora Ramos tem um contrato de exclusividade com a plataforma Amazon Prime Video por três anos. Na empresa, conta, encontrou a possibilidade de desenvolver seus projetos em funções distintas.

O longa que será lançado em 2022 é o primeiro deles. Faz parte de uma franquia que terá outros quatro filmes, todos dirigidos por profissionais diferentes e baseados no livro homônimo de contos das autoras Thalita Rebouças, Paula Pimenta, Bruna Vieira e Babi Dewet.

Trata-se de um musical rodado em São Paulo, com os jovens protagonistas Anna Júlia e João Paulo vivendo um romance embaixo da chuva na avenida Paulista, no vão do Masp e em outros cenários típicos da cidade.

"Há um grande desafio que é entender o que é um musical desse tamanho feito no Brasil. Demorou um tempo para entender como conceituar isso", diz o diretor, que já dirigiu outros dois musicais para o teatro. O país, afinal, acompanhou a enxurrada de musicais, principalmente americanos, que chegaram via streaming nos últimos anos e se tornaram aposta das empresas da área.

"Há algumas composições inéditas, privilegiando a música feita no Brasil sem preconceito com nenhum gênero. Da música pop ao samba, pegando várias gerações de cantores e compositores que marcaram a história da nossa música", diz ele, que aponta nomes como Cassiano, Péricles, Olodum e Los Hermanos como autores de algumas das canções selecionadas.

Mas o que marca uma espécie de originalidade brasileira na produção, para ele, é a assinatura negra. "Não são músicas apenas de compositores negros, de bandas negras, mas o protagonismo é negro. Isso traz uma força que a gente tem na nossa música."

Essa assinatura também está no elenco e na equipe de "Um Ano Inesquecível - Outono". "Tenho 22 anos e esse é o primeiro grande projeto de que participo com maioria do elenco é negro", conta Gabz, que vive a protagonista.

"É algo que já deveria ter acontecido há muito tempo, porque o nosso país tem maioria negra. Quando o audiovisual não retrata isso, você não conversa nem com o seu tempo e nem com o seu país."

Lucas Leto, que interpreta João Paulo no longa, concorda. "Penso que a gente está caminhando para o futuro, a gente já debateu e muitos abriram caminhos para a gente conseguir falar de coisa nova", afirma o ator.

Ramos vê mudanças em direção a equipes mais diversas olhando em retrospecto, mas avalia que não se chegou ainda aonde é possível chegar. E, de maneira bastante pragmática, o diretor avalia que essa busca de empresas de streaming e TV por diversidade vem de uma demanda de mercado.

"Estão pegando esse quinhão que durante muito tempo foi relegado, mas que é um mercado importantíssimo e gigantesco. A gente fala como se fosse só uma demanda social só, mas não, é também um merecimento desses profissionais todos que existem e uma demanda do mercado."

Além de montar uma equipe e elenco com maioria negra, Ramos afirma que tem investido em pesquisas sobre como levar pautas sociais para os trabalhos a partir do entretenimento. "Gosto de falar que sou ativista, essa é a minha vida e história, mas tenho tentado encontrar artifícios do entretenimento como humor e diversão para falar desses assuntos", diz ele.

O diretor ainda enfrenta uma crise no lançamento de seu filme "Medida Provisória", nos mesmos moldes que "Marighella", de Wagner Moura, teve com a Agência Nacional do Cinema, a Ancine.

No final de 2021, a assessoria de imprensa do longa informou que ele segue impossibilitado de ter sua estreia no Brasil "apesar dos inúmeros recursos submetidos por suas produtoras e coprodutoras à Ancine para que ele seja liberado em circuito comercial".

Ramos conta que estão adiando a estreia justamente para poder lançá-lo nos cinemas —mesmo posicionamento de Wagner Moura em relação ao seu longa. Ele também afirma que a situação da Ancine e da gestão pública da cultura no país é trágica.

"Isto é não reconhecer o potencial econômico que o audiovisual traz", diz ele. "Tem uma questão ideológica aí, de tentativa de silenciamento."

Nesse cenário de agonia da indústria audiovisual no país, Ramos diz ver com bons olhos a chegada massiva das marcas de streaming no Brasil. "O mercado parou por um tempo e agora tudo que estava represado começou a sair. Não sei até quando isso dura, é um movimento também que precisa se provar viável."

"Os streamings nesse momento estão tentando pegar o seu espaço, isso só vai permanecer se der resultado, o fato é esse. Mas nos próximos anos vai ser o que vai dar suporte para esse mercado, abandonado como está."

Nesse ano de eleições presidenciais, aliás, Ramos diz que já há discussões da classe artística sobre como retomar o investimento em cultura num possível outro governo.

"A classe artística é diversa, como o Brasil. É um ano muito decisivo para o Brasil voltar a conversar consigo mesmo e não ficar bebendo o drinque do autoritarismo."

# Maconha é muito menos nociva do que álcool, diz o diretor Fernando Meirelles

## Cineasta, que defende legalização droga, produz a série 'Pico da Neblina', que terá 2ª temporada

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO Depois de fazer um exercício de futurologia ao mostrar como seria o Brasil após a legalização da maconha, e levantar diversas reflexões sobre o tema, a segunda temporada de "Pico da Neblina" vai aprofundar os conflitos de seus personagens. Dirigida por Quico Meirelles, a trama da HBO Max ainda não tem data de estreia.

No fim da primeira safra, a venda de maconha em lojas é tão natural como comprar um pão na padaria, com direito até a fila de clientes. Até o temido CD, vivido pelo rapper Dexter, líder do tráfico de drogas de uma favela de São Paulo, adere àquela tendência e se apodera dos negócios que os amigos Biriba, interpretado por Luís Navarro, e Vini, papel de Daniel Furlan, tanto lutaram para construir.

Pai de Quico, Fernando Meirelles, diretor de "Cidade de Deus" e sócio da O2, que produz a série, afirma em entrevista a esta repórter que "Pico da Neblina" consegue dissipar a ideia da maconha como uma droga perigosa. "É muito menos nociva que o álcool, incomparavelmente, mas tem essa carga, né, um estigma."

A série trata o consumo da maconha sem rótulos e como algo que faz parte do dia a dia, segundo ele. "Se você toma um vinho no jantar é normal, mas se fuma um baseado é marginalizado", diz Meirelles. "A trama acaba normalizando o consumo, que não é aquela coisa cheia de bandidos. São pessoas normais, famílias."

Para Meirelles, atualmente no Brasil há uma bancada conservadora no Congresso que acredita que a maconha é uma droga terrível e que vai levar à cocaína. Ele defende os benefícios da legalização ao citar a personagem Suzette Tortoriello, papel de Maria Zilda Bethlem, a mãe de Vini, mulher rica da alta sociedade paulistana que, na trama, usa a maconha para aliviar as dores causadas por um câncer.

"Maconha medicinal já foi aprovada. O Brasil está andando aos poucos. Mas [a maconha] ainda vai ser legalizada no país, inexoravelmente, queira o pastor ou não. Só está mais demorada porque esse Congresso retrógrado ainda tem uma bancada evangélica forte. Mas eles passarão", afirma Meirelles.

Para Quico, a série tem a virtude de mostrar essa realidade proposta em "Pico da Neblina" para as pessoas conhecerem o assunto e desmistificar o tema. "A segunda temporada vai mais fundo, ainda, na questão do racismo e da segregação no Brasil. E os dramas dos personagens, que têm muito mais a perder, vão ser aprofundados."

Intérprete de Biriba, Luís Navarro, da novela "Pega Pega", da Globo, é a favor da legalização e cita uma fala de seu personagem na primeira temporada, quando alguém pergunta a ele o que mudou com a liberação da maconha.

"Biriba responde que o negro, nessa nova dinâmica, não vai ser preso por causa de um baseado no bolso. Eu, Luiz, tenho amigos negros que foram presos recentemente porque estavam portando maconha e ficaram encarcerados por quatro meses", afirma o ator. Segundo ele, isso não acontece na porta de uma universidade cara. "A legalização já existe, mas ela é classista."

Navarro afirma que nasceu na Cohab 1, em Artur Alvim, em São Paulo, e enxerga muitas semelhanças entre ele e seu personagem. "Somos da zona leste, ele é um cara sonhador que pensa no melhor para a família. Me identifico muito com ele e aprendo com essas questões de batalhar e não esperar por ninguém."

Biriba, para Navarro, é um herói brasileiro, "principalmente na quebrada em que ele mora". O ator lembra que seu personagem consegue chegar aos 30 anos de idade, ao contrário de muitos jovens pobres e negros que acabam se envolvendo com o tráfico e morrem, segundo ele, com média de 25 anos.

"Mas Biriba é um cara diferenciado. O arco dele na série é tentar fugir do crime, que é o que ele mais quer na vida, porque ele carrega esse peso de se parecer com o pai [que era criminoso]. Só que na nova temporada ele vai descobrindo mais camadas sobre o pai e o que de fato ele herdou dele."

O personagem está tenso e depressivo na nova safra, segundo Navarro. Pela densidade que seu personagem carrega, o ator começou a fazer terapia. "Vivo mais o Biriba do que o Luís, são 12 horas de set todo dia. É um personagem muito denso, com muitos problemas para resolver, é bem complexo. Então as pessoas vão esperar muito mais do Biriba nesta temporada."

Daniel Furlan, intérprete de Vini, adianta que na segunda temporada o público pode esperar muita provação, humilhação e redenção de seu personagem. E a amizade com Biriba, apesar de genuína, segundo ele, vai passar por mais provações.

"Tem algumas tensões e mágoas com as quais eles vão se deparar de novo, coisas mal resolvidas na primeira temporada, porque eles têm um interesse em comum, que é o sucesso da loja. Só que o negócio deles está recomeçando de forma bem delicada, com a participação do CD."

Outro que sofre uma reviravolta na primeira temporada é justamente o traficante Cláudio Dias, o CD, que descobre ter uma filha com uma antiga paixão da comunidade.

"Humanizou o cara né. Todos somos seres humanos, até o cara mais durão. Algo ali pega ele pelo coração. Estou bem feliz com essa reviravolta na história", afirma o rapper Dexter, que tem se destacado tanto no papel de CD que ganhou mais espaço na nova temporada.

Dexter afirma que seu personagem, assim como ele, sofreu dentro da prisão. "Agora ele quer amar demais essa família. No fundo, ele é um cara batalhador, guerreiro, que passou pelo inferno. É a minha história, temos uma semelhança gigantesca. Eu também já fui preso, conheço o sistema carcerário de dentro, conheço essa engrenagem e a cabeça de quem ganha com seres humanos presos", afirma ele, que já foi encarcerado, acusado pelo crime de roubo.

"Só não fui traficante como o CD, mas já andei muito nesse mundo paralelo da ilegalidade, por isso fui preso, inclusive. A minha intenção não era a mesma do CD, mas ambos cometemos crimes", afirma.

"Mas CD também é vítima de uma sociedade hipócrita, na qual um cara não teve a oportunidade de estudar, de trilhar uma caminhada diferenciada", continua o rapper e ator. "Só que ele não se acomodou com essas mazelas e foi em busca de viver uma vida bem vivida só que, infelizmente, por meio da ilegalidade."

O ator Sebastián Eslava em cena da série colombiana 'MalaYerba' Divulgação

# Série quer desmistificar clichês sobre narcotráfico na Colômbia

Leonardo Sanchez

CIDADE DO MÉXICO Quando aparece em grandes produções de cinema e televisão, a Colômbia com frequência é retratada como um lugar onde o tráfico de drogas impera, num grande clichê associado ao país. Foi assim, por exemplo, em "Narcos" e no filme "Escobar: A Traição", ambos sobre o traficante Pablo Escobar.

"MalaYerba", nova série do Starzplay, não foge do debate, mas tampouco quer reduzir o país a esse lugar comum. A produção pretende justamente apresentar uma outra Colômbia ao público, ao mesmo tempo em que se propõe a discutir de forma mais madura o cultivo e o uso de drogas.

"Finalmente! Finalmente podemos abordar esse assunto, enquanto colombianos, de uma perspectiva diferente. Já era tempo de fazermos isso, de contarmos uma outra história. Essa é a melhor parte da série", diz Carolina Gaitán, uma das atrizes de "MalaYerba".

A trama acompanha um trio de amigos ambiciosos que decidem apostar num mercado recém-legalizado na Colômbia, o de cultivo de cannabis para uso medicinal e para exportação — na vida real, especialistas dizem que o país deve se tornar o maior produtor da erva, desbancando o Canadá.

A empresa que fundam, KannaLab, floresce graças à combinação perfeita que o trio representa — Mariana é herdeira de terras próprias para o cultivo, Ignacio tem contatos importantes e Félix é um expert na planta. Mas quando Lola, a jornalista vivida por Carolina Gaitán, aparece, ela ameaça vazar as origens sombrias da parceria.

Gaitán interpreta um tipo que lembra muito Lisbeth Salander, a hacker criada pelo escritor sueco Stieg Larsson e estrela da série de livros e filmes "Millennium". Ambas são destemidas, pouco afeitas a atividades sociais e curiosas por natureza, dispostas a qualquer coisa para ir a fundo em suas investigações.

"Eu amo essa personagem e, apesar de ela não ter sido uma inspiração específica, eu acho que ela me guiou de certa forma, porque eu já gostava dela e estamos falando de duas mulheres que são fortes, meio andróginas", diz a atriz, sem esconder a empolgação quando o nome da personagem é mencionado. "E falando especificamente de uma mulher latina, nós estamos acostumados a vê-las num papel de vítima, então é bom mudar um pouco essa narrativa."

Essa mudança também acomete outros personagens. Para além dos clichês latino-americanos, há partes da série que desviam do que normalmente vemos em obras que versam sobre drogas mesmo nos Estados Unidos. É o caso do especialista em maconha Félix, vivido por Sebastián Eslava.

Para ele, parte do apelo de "MalaYerba" deriva do fato de a história olhar para essas figuras do mundo das substâncias psicotrópicas sob uma ótica diferente — eles não são traficantes ou viciados, mas empreendedores e entusiastas.

"É aí que está o frescor. Nós estamos falando de algo que é muito novo na nossa sociedade, de pessoas que estão tendo ótimas ideias, criando ótimos negócios, nessa esteira [da liberação da cannabis]", diz. "E há também a questão mística por trás das drogas. A série traz a relação de tribos indígenas com essas substâncias."

É significativo que "MalaYerba" seja a primeira série latino-americana lançada pela Starzplay e pelo canal à qual ele está vinculada, o Starz. A trama, afinal, encabeça um pacote de produções em língua espanhola que pretende aumentar o alcance do serviço ao apresentar ao público uma América Latina distante dos estereótipos aos quais Hollywood a subjugou.

Para isso, o Starz firmou parcerias com produtoras de diversos países, em busca de histórias e personagens que despertem o interesse do público justamente por estarem longe do eixo — "é a vez de vocês lerem legendas, pessoal", diz Gaitán, em tom de brincadeira.

Além da Colômbia com "MalaYerba", o serviço prepara também produções em países como o Chile e o México, além de uma outra espanhola. Todas fazem parte de um pacote hispânico que visa a expansão da marca, que ainda tem presença tímida em lugares como o Brasil.

O repórter viajou a convite da plataforma Starzplay

**Malayerba**

Colômbia, 2021. Criação: Andres Beltran, Natalia Echeverri e Esteban Orozco. Elenco: Carolina Gaitán, Sebastian Eslava e Juan Pablo Urrego. Disponível no Starzplay

# Micos em família

A difícil ciência de engambelar crianças com doutorado em YouTube

**Bia Braune**

Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

*Hamilton e Terezinha mantinham um relacionamento estável e éramos testemunhas disso. A chegada dos filhos não abalou aquela união, muito menos o cunhado Roberto, que passou a viver com a família. Reinava a mais perfeita harmonia. Levando-se em conta, claro, que o habitat natural de micos não é a fiação elétrica da nossa rua.*

*No Rio de Janeiro, a gente se apega tanto à exuberância da fauna que acaba inventando histórias. Tá, pode ser que eu exagere um pouco na fofoca sobre os vizinhos silvestres, mas minha desculpa sempre foi ter criança pequena e curiosa em casa.*

*De tanto observá-los da janela, tomei a liberdade de incluí-los numa mentira familiar. Para que meu filho largasse o hábito da chupeta, inventei que Hamilton havia roubado a dele para dar a seus filhotes. Incrédulo, o pequeno exigiu provas. Mostrei-lhe então o vídeo de um macaquinho igual, com uma chupeta idêntica na boca.*

*Resultado: aquele par de olhinhos infantis, que poderia estar chorando pela perda da chupeta, brilhou de admiração pela suposta audácia do bicho. Um caô reaproveitado por outras mães da creche, que fizeram uso da mesma imagem com 100% de sucesso.*

*A partir dessa fanfarronice audiovisual, percebi ter um biólogo mirim em casa. Fascinado por vídeos não só de macacos, mas também de baiacus, dragões-de-komodo e sobretudo de axolotes, meiga espécie de salamandra que parece estar sempre sorrindo —não tivesse protagonizado até conto do escritor Julio Cortázar, eu julgaria ser um pokémon inventado por youtubers.*

*Um dia, demos pela falta da Família Mico. Enquanto pessoa adulta e razoável, empreguei todo o meu pensamento lógico. Teriam Hamilton e Terezinha se divorciado? Será que ele foi enquadrado por não pagar pensão alimentícia, feito o cantor Latino? Abre parênteses: dono do inesquecível Twelves, símio popstar que morreu jovem demais, R.I.P. Fecha parênteses. O que teria desfeito aquele núcleo familiar? Jogo? Drogas? Brigas no zap?*

*"Preciso te falar uma coisa". E assim deu-se a perda da inocência. Minha, no caso. "Hamilton não é gente boa, não, mãe. Eu sei porque vi na internet." É, não tem como engambelar criancinhas com pós-doutorado em YouTube.*

*Tive uma aula sobre as espécies de sagui Callithrix jacchus e penicillata, que estão entre nós por um desequilíbrio no ecossistema, causando uma espiral de danos ambientais. E pior: são rivais dos micos-leões nativos. Eu na fé de que eram todos parentes fofinhos, quando na real um pode até exterminar o outro.*

*"Tipo Jogos Vorazes, versão macacada?" E meu filho fazendo que sim com a cabeça, me achando tolinha. Família, hein? Vou te contar. Só os axolotes são felizes.*

Marcelo Martinez

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | **TER. Manuela Cantuária** | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

# É HOJE EM CASA

**Tony Goes**

tonygoes@uol.com.br

## Will Smith pode levar o Oscar por papel de pai das irmãs Williams

**King Richard – Criando Campeãs**

Para compra ou aluguel em diversas plataformas, 12 anos

Ainda nos cinemas, o filme que pode dar o Oscar de melhor ator a Will Smith já pode ser visto em casa. Os sites especializados apontam que ele é o favorito ao prêmio, pelo papel de Richard Williams —o pai das tenistas Venus e Serena Williams, que as treinou para serem campeãs do esporte. A canção "Be Alive", interpretada por Beyoncé, também é uma das mais cotadas ao Oscar de sua categoria.

**Mãe X Androides**

Netflix, 16 anos

Chloë Grace Moretz faz uma jovem grávida que, num futuro pós-apocalíptico, tenta escapar com o namorado da fúria de androides revoltosos.

**SBT Notícias**

SBT, 12h, livre

Apresentado por Darlisson Dutra, este noticiário aborda o cotidiano da cidade de São Paulo e sua região metropolitana. A cobertura esportiva fica a cargo de Luiz Alano.

**Roda Viva**

Cultura, 22h, livre

Pré-gravado, o primeiro programa inédito do ano traz o historiador britânico Niall Ferguson, autor de livros como "Império", "Civilização" e "Catástrofe". Luciana Coelho, secretária-assistente de Redação da Folha, está na bancada.

**A Culpa é do Cabral**

Comedy Central, 22h, 16 anos

O humorístico comandado por Fabiano Cambota, Nando Viana, Rafael Portugal, Rodrigo Marques e Thiago Ventura recebe o influenciador Christian Figueiredo em seu primeiro episódio inédito de 2022.

**Papo de Segunda de Verão**

GNT, 22h30, 14 anos

Estreia da temporada de verão do talk show de Fábio Porchat, João Vicente, Francisco Bosco e Emicida, gravada na praia carioca do Abricó. No primeiro episódio, os quatro discutem se realmente sabemos cuidar de nós mesmos.

**As Trapaceiras**

Globo, 22h30, 12 anos

Este remake de "Os Safados", com Michael Caine e Steve Martin, troca o gênero dos protagonistas – Anne Hathaway faz uma vigarista sofisticada e Rebel Wilson, sua aprendiz trapalhona.

## QUADRINHOS

**Piratas do Tietê** *Laerte*

**Daiquiri** *Caco Galhardo*

**Níquel Náusea** *Fernando Gonsales*

**A Vida Como Ela Yeah** *Adão Iturrusgarai*

**Não Há Nada Acontecendo** *André Dahmer*

**Viver Dói** *Fabiane Langona*

**Péssimas Influências** *Estela May*

## SUDOKU

texto.art.br/fsp

FÁCIL

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 1 | | | 3 | | 9 | |
| | 4 | | | 7 | 2 | | | 1 |
| | | 6 | | | 1 | 3 | | |
| 9 | | | | | | 1 | | |
| 5 | 8 | | | | | | 7 | 3 |
| | | 3 | | | | | | 4 |
| | | 8 | 4 | | | 6 | | |
| 2 | | | 5 | 1 | | | 3 | |
| | 5 | | 3 | | | 7 | | |

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

## CRUZADAS

**HORIZONTAIS**

**1.** Locomotiva e vagões / (Fig.) O instrumento da escrita **2.** Uma inesquecível Monroe do cinema **3.** Desejo, vontade de comer **4.** Viver à custa de **5.** Diz-se de solução com pH abaixo de 7 / Bebida ingrediente do drink daiquiri **6.** O que resta de um membro amputado / Colada, firme **7.** Um sufixo químico / Arma de fogo portátil **8.** Albert Einstein (1879-1955), cientista / Relativo ao código que define crimes e delitos **9.** O roqueiro Jimi (1942-1970) **10.** (Inf.) Feridinha, machucado / Grito de dor **11.** Operação aritmética / Um animal marinho comestível **12.** Talismã **13.** (Leñas) Famosa estação argentina de esqui / O produto agrícola de um ano.

**VERTICAIS**

**1.** (Gír.) Vender gato por lebre / Em química, classe de compostos derivados da reação de um ácido com uma base **2.** Pequeno embrulho / O ato de amansar uma fera **3.** Que é de grande competência, que tem grande saber, muito versado numa ciência ou arte / (Culin.) Pasta de sementes de grão-de-bico **4.** Feito de maneira inepta, geralmente às pressas / O acelerador da bicicleta **5.** O ato da gargalhada / Um alimento para o gado / Sigla do estado de Marataízes **6.** Chilique, fricote / Atleta especializado em corridas de longa distância **7.** (Fig.) Provocar excitação e entusiasmo / Imposto sobre Operações Financeiras **8.** Sigla postal do estado norte-americano de Nova York / Assistente, ajudante **9.** Fora da regra / Membro de uma seita muçulmana.

**HORIZONTAIS: 1.** Trem, Pena, **2.** Marilyn, **3.** Apetite, **4.** Parasitar, **5.** Ácido, Rum, **6.** Coto, Fixa, **7.** Eto, Fuzil, **8.** AE, Penal, **9.** Hendrix, **10.** Dodói, Ai, **11.** Soma, Siri, **12.** Amuleto, **13.** Las, Safra. **VERTICAIS: 1.** Trapacear, Sal, **2.** Pacote, Doma, **3.** Emérito, Homus, **4.** Matado, Pedal, **5.** Riso, Feno, ES, **6.** Piti, Fundista, **7.** Eletrizar, IOF, **8.** NY, Auxiliar, **9.** Anormal, Xiita.

Ricardo Cammarota

# O problema do marketing

O Homo sapiens sem uma boa cognição é como um pássaro de asa quebrada

**Luiz Felipe Pondé**

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

Se uma propaganda vende pra você um carro e faz você sentir que, comprando este carro, pode ir a uma cachoeira de difícil acesso —no caso de um carro ter tração nas quatro rodas—, ela não está mentindo. Mas se um comercial de banking diz que se você abrir uma conta no banco X, você será o tipo de jovem que deixará "sua marca no mundo", ele está mentindo.

Qual a diferença entre um comercial e outro? Por que um deles mente e o outro não?

A diferença está no alcance da promessa. Alcançar cachoeiras difíceis é algo de pequeno impacto na percepção que alguém tem de si mesmo, da sua vida, da sua personalidade e das suas expectativas.

Quando dizemos a um jovem que ele, comprando um produto X, deixará uma marca no mundo, estamos mentindo sobre seu futuro: quase zero por cento da humanidade deixa alguma marca no mundo —algumas delas péssimas—, ao passo que embutir essa expectativa como estilo de vida tem um custo altíssimo em termos do cotidiano que alguém vive.

Parte da pré-história e da história da nossa espécie foi gasta num esforço descomunal para fazermos a diferença entre realidade e fantasia, por motivos, principalmente, de sobrevivência. Mas essa questão da sobrevivência nos escapa da consciência hoje.

Por exemplo, nossos ancestrais, idênticos a nós, passaram quase o tempo todo de suas vidas com fome e hoje as maiores frescuras do mundo se relacionam a comida. Só a fartura sustenta a frescura com alimentação.

Quando o mundo faz a guinada que está fazendo, e o marketing assume a liderança das narrativas, assumimos que existem em nós super-heróis, mitos, deuses e deusas, demônios e efeitos sobrenaturais, o que, evidentemente, não existe. Brincamos com danos psicológicos e sociais empacotados pra presente. O marketing é um retrocesso cognitivo na evolução da espécie. O Homo sapiens sem uma cognição aguçada é como um pássaro com a asa quebrada.

No momento em que o marketing se fez disciplina existencial, passando a vender estilos de vida, identidades sexuais e outras, valores morais, projetos políticos —aqui a mentira é facilmente detectada para quem tem olhos pra ver— e significados para a vida, ele passou a se constituir numa percepção de realidade de alto risco, estragando a capacidade de fazermos a diferença entre fato e ficção. É como se o mundo fosse um eterno Carnaval em que a Quarta-Feira de Cinzas nunca chega.

O capitalismo avançado apenas quer vender. Tendo saturado as sociedades ricas de produtos materiais, ele passa a vender produtos imateriais, e, com esse passo, ele opera uma ruptura metafísica, digamos, em que optamos por viver num mundo em que nós mesmos somos mera ficção —a melhor ficção possível, claro, mas nem por isso, menos irreal.

Todas as realidades psíquicas passam pelo crivo da fantasia e saem do outro lado como a "melhor versão de mim mesmo". Mentira. Posso me reinventar. Mentira. Deixarei minha marca no mundo. Mentira. A prosperidade é uma questão de assertividade. Mentira: a esmagadora maioria foi, é e continuará sendo pobre.

A maior chance é que você envelhecerá só e que terá tido uma vida absolutamente irrelevante, se a sociologia estiver certa. O arquétipo da mentira aqui é que você seja uma pessoa diferente, especial, única. Mentira. Você é apenas banal. Esse arquétipo tem a parceria dos pais, que são os primeiros a comprar o marketing de "deixar uma marca no mundo".

Muitos profissionais da área não têm a mínima ideia de tudo isso porque a formação é muito fraca. Munidos de teorias psicológicas miseravelmente comportamentais, reforçam apenas os mecanismos fantasiosos na relação com a realidade e com nós mesmos. Com a entrada do digital, o processo eleva sua agressividade mitológica ao nível da vida privada como mercadoria e do sujeito como commodity.

Por outro lado, o marketing poderia ser de fato "disruptivo" e elevar o nível da reflexão, como alguns profissionais têm tentado, e parar de mentir. Muitos adultos estão ávidos por pessoas que mintam menos para eles. Estão cansados de serem tratados como retardados mentais.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Pessoas observam a região da fronteira entre as Coreias do Sul e do Norte, em mirante localizado perto da zona desmilitarizada entre os países Kim Hong-ji - 05.jan.2022/Reuters

# Desertor que deixou Coreia do Norte retornou após enfrentar dívidas no Sul

## Seul reconhece falhas em zona desmilitarizada e em acolhimento a refugiados como o ex-ginasta

**MUNDO**

**Choe Sang-Hun**

SEUL | THE NEW YORK TIMES Em novembro de 2020, um ex-ginasta norte-coreano escalou cercas de arame farpado de 3 metros de altura para entrar na Coreia do Sul, sem ser detectado. Quando o país descobriu a invasão, começou uma caçada, e o homem só foi encontrado no dia seguinte, 800 metros ao sul da fronteira mais fortemente armada do mundo.

Foi um dos momentos mais embaraçosos para os militares sul-coreanos em vários anos.

No último dia de Ano-Novo, segundo as autoridades, o homem humilhou os militares de novo, agora fazendo a viagem reversa: subindo as mesmas cercas e cruzando a zona desmilitarizada para voltar à Coreia do Norte.

O feito extraordinário não só salientou as falhas de segurança do Sul na zona tampão de 4 quilômetros (conhecida pela sigla DMZ em inglês), como levantou a pergunta desconcertante de por que alguém arriscaria a vida cruzando-a duas vezes.

A zona desmilitarizada é equipada com cercas de arame farpado, campos minados e sentinelas armados. Poucos norte-coreanos que desertam a cruzam diretamente —a maioria passa pela China—, e é ainda mais raro que um desertor retorne por ali.

"Sentimos muito por causarmos preocupações à população", disse Won In-choul, presidente do Estado-maior conjunto da Coreia do Sul, a legisladores nesta quarta (5). "Faremos todos os esforços para que não haja recorrência de incidentes semelhantes."

Na mesma audiência, o ministro da Defesa, Suh Wook, confirmou que Seul acredita que o homem que cruzou a fronteira foi o ex-ginasta que desertou em 2020.

O governo não divulgou seu nome, mas outros desertores o identificaram como Kim Woo-joo, 29. Eles disseram que o rapaz tinha poucos amigos, e seu motivo para voltar para casa ainda é um mistério. Legisladores especularam que ele seria um espião, mas o governo do presidente Moon Jae-in disse que não encontrou evidências disso.

Uma série de lapsos o permitiu passar pela DMZ, admitiu o tenente-general Jeon Dong-jin, que liderou a investigação do Exército sobre a falha de segurança.

Ele foi primeiramente captado por uma câmera de segurança militar por volta das 13h de sábado (1º), caminhando na direção de uma área ao sul da DMZ, na província oriental de Gangwon, proibida para civis. Uma advertência foi transmitida por alto-falantes, mas os militares não tomaram mais medidas depois que o homem pareceu mudar de curso e rumar para uma aldeia próxima.

Seis horas depois, ele estava subindo na primeira cerca alta na borda sul da DMZ. Três câmeras captaram a cena, mas um soldado que monitorava as transmissões em tempo real de nove câmeras em uma única tela de computador não o viu. Sensores na cerca dispararam um alarme, mas uma equipe de reação rápida decidiu que não havia nada errado.

Horas depois, na calada da noite, os dispositivos de observação térmica militares detectaram o homem no interior da DMZ, a caminho da Coreia do Norte.

Dos cerca de 34 mil norte-coreanos que fugiram para a Coreia do Sul, 30 reapareceram misteriosamente no Norte na última década. Alguns teriam sido chantageados para voltar; outros fugiram de acusações criminais no novo país.

> **Sentimos muito por causarmos preocupações à população. Faremos todos os esforços para que não haja recorrência de incidentes semelhantes**
>
> **Won In-choul**
> presidente do Estado-maior conjunto da Coreia do Sul

Outros ainda teriam voltado porque depois de crescer na sociedade altamente regimental da Coreia do Norte, não conseguiram se adaptar à vida hipercompetitiva no Sul, onde desertores são muitas vezes tratados como cidadãos de segunda classe. O pouco que se sabe sobre a vida de Kim nesse período recente sugere que ele pode se enquadrar nessa categoria.

Outros desertores dizem que o ex-ginasta, como a maioria dos que fazem essa mudança, adotou um novo nome: Kim Woo-jeong. Ele parece ter tido uma vida dura nas duas Coreias, segundo autoridades e que receberam informações de autoridades militares e da inteligência.

Como todos os desertores, Kim foi interrogado pelo governo sul-coreano ao chegar. Disse que fugiu do Norte para escapar de um padrasto abusivo. Na época, ele pesava 50 quilos e tinha cerca de 1,30 metro.

Àquela altura, cruzar a fronteira com a China —rota habitual para refugiados— já tinha se tornado quase impossível por causa da pandemia. Para manter o coronavírus fora de seu território, a Coreia do Norte intensificou os controles, colocando guardas na região sob ordens de "atirar para matar". Mas Kim cruzou a DMZ, onde, segundo autoridades sul-coreanas, suas habilidades de ginasta o ajudaram a subir cercas.

Na Coreia do Sul, a vida parece ter sido difícil. Ele fez poucos amigos, segundo as autoridades, e aparentemente nunca se reunia com vizinhos. Encontrou trabalho em serviços de limpeza, cujos empregados atuam principalmente à noite, em prédios de escritórios vazios. Desde domingo, quando surgiram os primeiros relatos de seu retorno para o Norte, ninguém se apresentou para dizer que o conhecia pessoalmente.

Kang Mi-jin, norte-coreana que vive em Seul, disse que as primeiras experiências de um desertor podem ser cruciais. "O primeiro emprego que conseguem e como são tratados nele é muito importante", diz. "É aí que percebem se seu sonho tem eco na realidade."

Seus primeiros amigos geralmente são outros norte-coreanos, que conhecem durante o programa de reassentamento do governo, de 12 semanas. Antes da pandemia, quando até 3.000 desertores chegavam por ano, as classes ficavam cheias. Mas, com a fronteira chinesa trancada, só 229 norte-coreanos fugiram para o Sul em 2020, ano em que Kim desertou.

"Ele teve poucos colegas de classe e poucos amigos", conta Ahn Chan-il, líder de um grupo de desertores. As igrejas sul-coreanas, onde muitos encontram apoio, estiveram sob restrição na pandemia.

Se Kim sofria de pobreza e solidão no Sul, não era o único desertor nessas condições. Quase um quarto dos desertores norte-coreanos —seis vezes a média nacional— recebem subsídios do governo para necessidades básicas, porque estão na faixa de renda inferior. Dentre eles, os que ganham salários recebem 70% da média nacional, segundo uma pesquisa com 407 desertores realizada no ano passado pelo Centro de Dados para Direitos Humanos Norte-Coreanos, em Seul.

Cerca de 35% deles relataram sofrer depressão, e 19% disseram ter pensado em voltar para o Norte, principalmente porque sentiam saudade da família e de suas cidades, segundo a pesquisa.

Uma das razões pelas quais muitos desertores infelizes suportam a vida no Sul é que eles podem economizar dinheiro e enviá-lo para os parentes no Norte por meio de intermediários na China, que geralmente cobram uma taxa de 30%. Mas os empregos temporários, como os de muitos deles, foram os primeiros a ser cortados pelas firmas com o agravamento da pandemia.

> **Ajudamos os refugiados norte-coreanos a se reassentarem quando chegam, mas temos falhado em ajudá-los a encontrar emprego e tornar sua vida sustentável aqui**
>
> **Park Soo-hyun**
> secretário de comunicações públicas do governo

Morando sozinho em um apartamento minúsculo de US$ 117 (R$ 666) por mês no norte de Seul, Kim recebia US$ 418 por mês (R$ 2.370) em assistência social do governo. Ele raramente cozinhava, economizava em gás, água e eletricidade e tinha contas atrasadas de aluguel e seguro-saúde, segundo a agência de notícias sul-coreana Yonhap.

"Ajudamos os refugiados norte-coreanos a se reassentarem quando chegam, mas temos falhado em ajudá-los a encontrar emprego e tornar sua vida sustentável aqui", disse Park Soo-hyun, secretário de comunicações públicas do governo, nesta semana.

Para alguns desertores, a transição para o Sul é como a vivida por um prisioneiro libertado depois de muitos anos, que não consegue se readaptar ao mundo exterior, segundo Lee Min-bok, antigo refugiado norte-coreano. "Eles são estranhos à liberdade repentina, achando-a mais difícil do que a vida na Coreia do Norte, que é essencialmente uma prisão", diz.

O choque cultural é especialmente difícil para os poucos que cruzam a DMZ. Muitos desertores passam anos vivendo na China, que é muito mais aberta ao mundo do que a Coreia do Norte. Quando se mudam para o Sul, têm alguma ideia do que esperar.

Nesta quinta-feira, a Coreia do Norte não disse nada sobre o retorno de Kim. O país costuma usar desertores que retornam para fazer propaganda, lançando vídeos e artigos nos quais descrevem uma vida infernal no Sul capitalista.

Kim deixou poucos rastros para trás. Na cerca por onde cruzou, os investigadores encontraram pegadas leves e pedaços de penas, que aparentemente caíram de seu casaco rasgado pelo arame farpado. Os repórteres que foram a sua casa a encontraram vazia, com um cobertor dobrado cuidadosamente colocado do lado de fora para o coletor de lixo pegar.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

# Canadá indeniza jovens indígenas afastados de suas famílias

## Governo se compromete a reformar sistema que tirou as crianças de casa e as privou de serviços básicos

**TORONTO | REUTERS** O Canadá anunciou nesta terça-feira (4) a conclusão de dois acordos que totalizam US$ 31,5 bilhões (o equivalente a R$ 177,5 bilhões) para indenizar crianças das chamadas Primeiras Nações indígenas, que foram levadas de suas famílias e colocadas no sistema de assistência social nacional.

O governo prometeu ainda reformar o sistema que as tirou de casa e as privou dos serviços de que precisavam. Assim, metade do valor pode chegar a centenas de milhares de crianças indígenas, enquanto a outra parte será aplicada nas mudanças do sistema, que devem ocorrer nos próximos cinco anos.

O acordo se consolidou depois de cerca de 15 anos, desde que a Sociedade de Apoio à Criança e à Família das Primeiras Nações apresentou uma denúncia sobre o caso.

O Tribunal Canadense de Direitos Humanos constatou que os serviços infantis e familiares são repetidamente discriminatórios contra indígenas, em parte devido ao subfinanciamento nas reservas, de modo que as crianças foram retiradas desses locais para ter acesso a eles.

O governo admitiu que seus sistemas eram discriminatórios—antes, gestões federais lutaram contra determinações para pagar indenizações e financiar reformas, incluindo um recurso no ano passado.

O Canadá também é alvo de uma ação coletiva, em nome das crianças das Primeiras Nações, que o acordo de indenização busca resolver. O ministro da Justiça, David Lametti, disse nesta terça que o governo aplicará seus recursos assim que os tratos forem finalizados nos próximos meses.

O financiamento para a reforma e a criação de serviços preventivos deve começar em abril, mas pode não resolver problemas enraizados, avalia Cindy Blackstock, diretora-executiva da Sociedade de Apoio à Criança e à Família das Primeiras Nações. "Vejo isso como palavras no papel", disse ela. "Julgo a vitória quando posso entrar em uma comunidade e uma criança é capaz de me dizer: 'Minha vida está melhor do que ontem'. Nada nessas palavras realmente muda a vida das crianças até que algo seja implementado."

Memorial para os alunos do colégio Saint-Marc-de-Figuery, no Canadá, para onde milhares de crianças indígenas foram levadas após serem retiradas de suas famílias Marion Thibaut - 17.nov.2021/AFP

> "Vejo isso como palavras no papel [...]. Nada nessas palavras realmente muda a vida das crianças até que algo seja implementado
>
> **Cindy Blackstock**
> diretora-executiva da Sociedade de Apoio à Criança e à Família das Primeiras Nações

O advogado David Sterns, que representa famílias indígenas prejudicadas, disse em entrevista coletiva que esse seria o maior acordo de ação coletiva da história do Canadá. "A enormidade desse pacto se deve a uma razão, e apenas uma: a extensão do dano infligido."

A jornalistas, a ministra canadense dos Serviços Indígenas, Patty Hajdu, prometeu acabar com a discriminação contra as crianças das Primeiras Nações, que estão super-representadas em lares adotivos em todo o Canadá.

"A decisão e as ações do país prejudicaram crianças, famílias e comunidades. A discriminação causou danos e perdas entre gerações. Essas perdas não são reversíveis. Mas acredito que a cura é possível", afirmou a ministra.

# Bento 16 teria acobertado abuso sexual, afirma jornal alemão

Papa emérito Bento 16 chega para a missa de canonização dos pontífices João 23 e João Paulo 2º na Basílica de São Pedro, no Vaticano Andreas Solaro - 27.abr.2014/AFP

**GUARULHOS** Documento interno da Igreja Católica obtido pelo jornal alemão Die Zeit sugere que o papa emérito Bento 16 acobertou casos de abuso sexual contra menores dentro da instituição quando era arcebispo de Munique e Freising na década de 1980. Ele, por sua vez, nega que tivesse conhecimento do crime à época.

O caso envolve o padre Peter H., que, entre 1973 e 1996 teria abusado de pelo menos 23 meninos com idades entre 8 e 16 anos enquanto ocupava diferentes posições na igreja. Um decreto eclesiástico da arquidiocese de Munique, de 2016, ao qual o Zeit teve acesso, mostra que a instituição criticou o comportamento dos clérigos, incluindo Joseph Ratzinger —nome do papa Bento 16—, diante dos abusos cometidos.

O padre Peter H., que teve o nome completo omitido pela imprensa, atuava inicialmente na diocese de Essen, mas, diante de denúncias feitas por familiares das crianças abusadas, foi afastado. O religioso não foi expulso da igreja, tampouco respondeu pelas acusações, sendo apenas encaminhado para terapia com diagnóstico de transtorno narcísico com pederastia e exibicionismo.

Ao sair de Essen, foi aceito pelo papa Bento 16 na arquidiocese de Munique e Freising em janeiro de 1980.

Entre outros pontos, o documento interno da igreja obtido e divulgado pela mídia alemã afirma que "os bispos em Munique e Essen não cumpriram sua responsabilidade para com as crianças e os jovens confiados aos seus cuidados pastorais".

O nome do papa Bento 16, Joseph Ratzinger, é mencionado diversas vezes, segundo relata o jornal Zeit. "O então arcebispo Ratzinger estava ciente dos fatos sobre a admissão de Peter H. (...) Nem uma investigação preliminar foi iniciada, nem um procedimento criminal na igreja. Ratzinger deliberadamente renunciou a denunciar o crime."

Em resposta à investigação do jornal, o papa Bento 16, por meio de carta enviada por seu ex-secretário pessoal, o arcebispo Georg Gänswein, disse que a alegação de que tinha conhecimento da história de agressão sexual na época da decisão sobre a admissão do padre Peter H. está equivocada.

> Nem uma investigação preliminar foi iniciada, nem um procedimento criminal na igreja. Ratzinger deliberadamente renunciou a denunciar o crime
>
> reportagem do jornal alemão Die Zeit, com base em documento interno da Igreja Católica

O argumento já foi empregado pelo religioso em outros momentos. Quando o caso de Munique veio à tona, em 2010, após investigações de jornais alemães e do americano The New York Times, a arquidiocese local disse que a autorização para acolher Peter H. foi dada pelo vigário-geral Gerhard Gruber, subordinado de Bento 16 à época.

O ex-vigário chegou a assumir publicamente a responsabilidade pela decisão e disse, em comunicado, lamentar profundamente que ela tenha resultado em crimes contra os jovens. Estudiosos da hierarquia da Igreja Católica, porém, são céticos em relação a essa versão dos fatos.

Em 1986, o padre Peter H. foi considerado culpado por abusar sexualmente de 11 meninos com idades entre 13 e 16 anos e condenado a 18 meses de prisão. Ao final da sentença, porém, foi reintegrado em uma paróquia de Munique pelo arcebispo que substituiu Bento 16 na arquidiocese local.

Bento 16, que renunciou ao papado em 2013, chegou a chefiar o principal braço doutrinário do Vaticano, a Congregação para a Doutrina da Fé, que lidera as investigações sobre abusos sexuais na Igreja Católica. Ele ocupou o posto por quatro anos antes de assumir como papa em 2005.

Crianças jogam xadrez em clube para famílias praticarem a modalidade, em Cotia, na Grande São Paulo Fotos Mathilde Missioneiro - 13.dez.2021/Folhapress

# ONG oferece 'bolsa xadrez' a crianças carentes em Cotia

Vinte alunos recebem ajuda de custo para frequentar as aulas do esporte

**COTIDIANO**

**Mariana Zylberkan**

SÃO PAULO Para entrar em um dos barracos da favela Recanto Suave, localizada entre condomínios fechados em Cotia, na Grande São Paulo, é preciso dizer a senha: "menos violência". Em resposta, quem está lá dentro permite a entrada, respondendo com outro código: "mais amor".

Na casinha de madeira sobre o córrego que faz as vezes de esgoto, funciona cinco vezes por semana o clube de xadrez voltado às crianças carentes da favela. "Os jogos são um pretexto para ensinar uma série de coisas", diz Luciana Damásio, 54, fundadora da ONG Casa Bodisatva, que tem os torneios como a principal atividade social.

Menina aprende a jogar xadrez em aula promovida pela ONG Casa Bodisatva, em Cotia (SP)

> "Quando um perdia a partida, os outros o agrediam verbalmente. Hoje eles se apoiam. Alguns não querem ir embora porque sofrem violência em casa, ou não têm o que comer
>
> **Luciana Damásio**
> fundadora da ONG Casa Bodisatva

Uma das primeiras lições, segundo Luciana, foi a forma de comunicação não violenta, por isso o código criado para entrar no barraco. "Antes, era uma guerra entre eles. Quando um perdia a partida, os outros o agrediam verbalmente. Hoje eles se apoiam", diz a fundadora da ONG inaugurada em 2015.

"Alguns não querem ir embora porque sofrem violência em casa, ou não têm o que comer", continua.

O nome da ONG é uma expressão do budismo tibetano que significa "quem dedica a vida à felicidade e a acabar com o sofrimento dos outros". "Somos aspirantes a bodisatva", diz Luciana.

Habituada ao voluntariado em asilos e orfanatos, Luciana decidiu se dedicar à favela perto de onde mora após um trabalho social feito no centro de São Paulo com um mestre tibetano e um grupo de amigos durante o Natal em 2013.

As primeiras aulas de xadrez eram dadas dentro da casa de uma moradora da favela, mas rapidamente o espaço se tornou pequeno diante da alta demanda.

Os tabuleiros, então, passaram a ser montados em uma quadra próxima do local. Hoje, a Casa Bodisatva atende cerca de 30 crianças e distribuiu a "bolsa xadrez" a 20 delas, aproximadamente.

O auxílio é uma ajuda de custo mensal, além de cestas básicas e itens de higiene que são doados aos alunos mais assíduos. Para ser beneficiado, é preciso também frequentar a escola.

Durante a pandemia, os torneios de xadrez foram adaptados para as plataformas online e, há cerca de três semanas foram retomadas as aulas presenciais. "No primeiro dia de encontro, apareceram 40 pessoas. Foi quando decidimos comprar essa casinha de palafita na favela e dar as aulas ali", diz Luciana.

Além de Fábio Damásio, 56, marido de Luciana e amante de xadrez alçado a instrutor informal, as crianças têm a orientação de enxadristas profissionais que os visitam aos finais de semana.

Entre os alunos de mais destaque, está Carla Cruz, 11. Diagnosticada com lúpus, a menina encontrou nas partidas de xadrez uma distração para os longos períodos de internação para tratar a doença.

"Ela joga com os médicos e enfermeiros", diz a mãe, a dona de casa Noares Cruz, 44. "Uma vez fui tentar jogar com outra criança e não consegui, é difícil", diz a mãe.

A fundadora da ONG conta que muitas das crianças nunca tinham saído do entorno da favela. "Algumas nunca tinham ido ao centro de São Paulo ou cruzado a ponte do rio Pinheiros", disse.

Em 2020, as crianças participaram de uma excursão ao litoral paulista para participar de um torneio. "Foi a primeira vez que muitas viram o mar", diz Luciana.

# SP anuncia aplicativos para chamar a PM e bombeiros

SÃO PAULO O governo João Doria (PSDB) anunciou, na quarta-feira (5), aplicativos para chamar a Polícia Militar e os bombeiros em São Paulo.

Serão dois aplicativos, o "190 SP" e "Bombeiros Emergência 193". Para utilizá-los, é preciso fazer um cadastro com nome completo, telefone, email e CPF.

Após a validação, o cidadão já poderá informar ocorrência e confirmar a localização para carros da PM ou dos bombeiros.

O aplicativo da PM permitirá registro de denúncias como violência doméstica, perturbação de sossego, alarme disparado e aglomerações. Um exemplo citado foi o do combate a pancadões.

A localização pode ser preenchida por meio do registro ou por georreferenciamento do aparelho utilizado.

Tutorial para utilizar aplicativo que permite chamar a PM em SP Reprodução

A partir de fevereiro, também será permitido o envio de até duas fotos, áudios e vídeos de até dez segundos para registro do fato denunciado.

No caso do app dos bombeiros, é possível fazer o acionamento para incêndios, parada cardiorrespiratória, afogamento, atropelamento e acidentes de trânsito.

O aplicativo dos bombeiros já pode ser baixado para Android e IOS. O da PM deve entrar no ar em breve.

As novidades foram apresentadas durante coletiva para medidas contra o coronavírus. No evento, o governo também anunciou a entrega de mais 3.100 armas de choque não letais para a PM, com 7.500 cartuchos.

Segundo a administração, as armas de incapacitação neuromuscular e acessórios custaram cerca de R$ 20 milhões.

# Diretoras lideram novos filmes no México

## Um movimento feminista empoderado vai cada vez mais às ruas do país, exigindo o fim da violência de gênero

**ILUSTRADA**

Oscar Lopez

CIDADE DO MÉXICO | THE NEW YORK TIMES Quando era adolescente, no México nos anos 1980, a ideia de ser uma cineasta era quase impensável para Fernanda Valadez. Além de um cineclube na universidade local, não havia cinemas em sua cidade, Guanajuato, e os filmes feitos por mulheres eram poucos e esparsos.

"O sonho de fazer cinema era uma coisa muito distante", lembrou ela, recentemente. "Nós crescemos com a sensação de que fazer filmes era muito difícil."

Cerca de 30 anos depois, porém, esse sonho se tornou muito real. O filme de estreia de Valadez, "Sin Señas Particulares" [Sem sinais particulares, em tradução literal; em inglês, "Identifying Features"], ganhou dois dos principais prêmios no Festival Sundance em 2020 e em 2021 venceu como melhor filme, diretor e roteiro, entre outros prêmios Ariel, o equivalente mexicano do Oscar.

Depois de décadas lutando por reconhecimento em uma indústria dominada por homens, cineastas como Valadez estão incendiando o cinema mexicano, não apenas com o lançamento de mais trabalhos, mas também por alcançar o sucesso de crítica e prêmios importantes que há muito se restringiam aos colegas homens.

Numa sociedade em que o machismo muitas vezes manteve as mulheres na retaguarda e a violência de gênero é comum, a ascensão e o reconhecimento de cineastas mulheres refletem uma mudança social mais ampla, resultado de um movimento feminista empoderado no México e de um debate urgente sobre sexismo em todo o mundo.

"São anos de trabalho", diz Valadez, "mas estou muito feliz por fazer parte de uma geração de mulheres que contam histórias poderosas".

Chegar aqui não foi fácil, para Valadez e para muitas outras cineastas.

Tatiana Huezo é uma diretora salvadorenha-mexicana que em 2017 se tornou a primeira mulher a vencer o prêmio Ariel de direção.

Seu último filme, "Noche de Fuego" [Noite de fogo; em inglês, "Prayers for the Stolen"], que recebeu menção especial no Festival de Cannes este ano, é o candidato mexicano ao Oscar de longa-metragem internacional na premiação da Academia de Cinema dos Estados Unidos, e na semana passada entrou na seleção de finalistas para a estatueta.

Se for nomeada, Huezo será a primeira mexicana a competir pelo prêmio, enquanto conterrâneos como Alfonso Cuarón e Guillermo del Toro dominaram as premiações nas últimas edições.

Quando Huezo era criança, sua mãe a fazia entrar escondida no cinema para ver filmes de arte. A diretora lembra que ficava encantada e às vezes assustada com os filmes de David Lynch e François Truffaut. Mas quando começou a estudar no Centro de Capacitação Cinematográfica do México, viu-se confrontada pelo sexismo.

Huezo havia se matriculado para ser diretora de fotografia, mas já na escola os diretores homens não a aceitavam em seus projetos, então ela acabou tendo de fotografar e dirigir os seus próprios. "Eles diziam que 'carregar as câmeras era pesado demais'", diz ela.

Valadez encontrou obstáculos semelhantes no centro de capacitação, onde era uma de quatro mulheres em uma classe de 15.

Segundo ela, algumas alunas de escolas de cinema ouviam perguntas inadequadas como se iam ter filhos ou se conseguiriam carregar o equipamento. "Nós, mulheres, enfrentamos mais filtros", diz ela. "Os homens dessas gerações são criados para acreditar que o destino está nas mãos deles."

O sexismo é há muito tempo um problema nas escolas de cinema mexicanas, afirma Maricarmen de Lara, cineasta feminista e professora, que foi diretora da escola de cinema da Universidade Autônoma Nacional do México de 2015 a 2019.

A indústria era ainda pior quando ela era estudante, com os estúdios dominados por homens. "Eles minimizavam o trabalho das mulheres, e faziam isso em público", diz Lara, acrescentando que alguns eram violentos. "Alguns cineastas não aceitavam uma mulher como assistente de fotógrafo."

Mas as mulheres ainda conseguiram fazer filmes durante décadas no país, explica a crítica e roteirista Arantxa Luna, citando Adela Sequeyro, que trabalhou como produtora e diretora nos anos 1930, e María Novaro, que juntamente com Lara participou do coletivo feminista Cine Mujer, nos anos 1970 e 1980.

O legado do movimento de cinema feminista foi especialmente duradouro nos documentários mexicanos: entre 2010 e 2020, mulheres dirigiram um terço dos documentários do país, frente a apenas 16% dos filmes de ficção. Mas foi uma batalha dura.

"Há 15 ou 20 anos não havia tantas mulheres diretoras no México", diz a documentarista Natalia Almada, que ganhou um prêmio de direção no Sundance em 2009. "Só de uma mulher estar em campo com uma câmera fazendo filmes já significava alguma coisa."

Longe das câmeras, as mulheres tiveram um impacto além de dirigir.

Por trás de alguns dos mais importantes cineastas mexicanos dos últimos 20 anos estiveram produtoras como Bertha Navarro, cujos créditos incluem vários dos mais aclamados filmes de Del Toro, e Mónica Lozano Serrano, que foi produtora associada em "Amores Brutos" ["Amores Perros"], de Alejandro González Iñarritu.

Ex-presidente da Academia de Cinema do México, Lozano defendeu nos últimos anos o financiamento público para o cinema nacional.

Enquanto isso, o sucesso em Hollywood de Iñarritu, Cuarón e Del Toro, apelidados de "os três amigos", também ajudou a indústria mexicana, que viu aumentarem a atenção e o dinheiro para os filmes.

Almada diz que eles "voltaram uma espécie de olhar internacional para o México como um lugar onde se faz um trabalho interessante".

O resultado foi uma avalanche de filmes mexicanos e um aumento correspondente no número de filmes feitos por mulheres. Em 2000, "Amores Brutos" foi um de apenas 28 longas-metragens mexicanos; em 2019 foram mais de 200, segundo números oficiais. Em 2008, apenas cinco filmes foram dirigidos por mulheres; em 2018 o número aumentou para 47.

O cinema cresceu conforme a sociedade evoluiu.

Um movimento feminista empoderado vai cada vez mais às ruas no México, exigindo o fim da violência de gênero, e ainda surgiu o movimento #MeToo.

Valadez diz que a mudança cultural promovida pelo movimento #MeToo ficou clara na recepção a seu projeto anterior, "Los días más oscuros de nosotras" ["The Darkest Days of Us"; Nossos dias mais sombrios], de 2017.

A história de uma mulher assombrada pela morte da irmã foi dirigida pela parceira de produção de Valadez, Astrid Rondero.

"Antes que o #MeToo viralizasse, quando ainda estávamos editando, houve comentários de que o filme era até agressivo em relação aos homens", disse ela. Depois que o movimento explodiu, "começaram a compreender que o filme falava sobre o que o #MeToo estava pondo sobre a mesa — as microagressões, a violência, o abuso", acrescentou.

As mudanças iniciadas pelo #MeToo foram sentidas em toda a indústria de cinema no México. Em setembro, o grupo ativista #YaEsHora [Está na hora], em colaboração com o Centro para a América Latina em Boston e oito produtoras mexicanas, começou o primeiro "protocolo abrangente contra o assédio" no país, uma série de procedimentos e regulamentos para evitar e punir o abuso sexual na indústria cinematográfica.

Enquanto isso, o Centro de Capacitação Cinematográfica, onde Valadez e Huezo estudaram, anunciou que a partir deste ano a metade dos lugares em seus cursos principais será reservada a mulheres.

Porém, há mais trabalho a ser feito, afirmam as diretoras. Dos mais de cem longas-metragens mexicanos produzidos em 2020, quando a indústria foi afetada pela pandemia, 17% foram dirigidos por mulheres, contra 20% no ano anterior e 25% em 2018.

"Ainda há um longo caminho a percorrer, ainda não é igual", afirma Huezo. "E espero que cheguemos lá, porque vai enriquecer muito o cinema."

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

A diretora Tatiana Huezo em divulgação do filme 'Noche de Fuego', no festival de San Sebastián Ander Gillenea - 20.set.21/AFP

> Ainda há um longo caminho a percorrer — ainda não é igual. E espero que cheguemos lá, porque vai enriquecer muito o cinema
>
> **Tatiana Huezo**, diretora

> Há 15 ou 20 anos não havia tantas mulheres diretoras no México. Só de uma mulher estar em campo com uma câmera fazendo filmes já significava alguma coisa
>
> **Natalia Almada**, cineasta